

MARINA R. A. AUGUSTO<sup>AS</sup>

## FATORES ENVOLVIDOS NA EXTRAÇÃO DOS ADJUNTOS-Q

Dissertação apresentada à Coordenação de pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador:

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary A. Kato

Este exemplar e a redação final da tese

defendida por Marina Rosa Lima Augusto

gusto

e aprovada pela Comissão Julgadora em

19 / 01 / 94

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary Augusta Kato

Campinas  
Dezembro - 1993

**AO TEMPO.**  
**Aos meus pais,**  
**Ao meu irmão,**  
**Ao Mundinho**  
**e ao bebê.**

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profª Dr.ª Mary A. Kato, por ensinamentos preciosos que extrapolam o que pode ser averiguado por essa dissertação.

Aos Profs. Drs. Charlotte Galves e Edson Françoze, responsáveis por muito do caminho percorrido e a percorrer.

Ao Prof. Dr. Eduardo Raposo que me propiciou a revisão de questões que resultaram primordiais para essa dissertação.

Às Profs. Claiz Passos, Serafina Pondé, Emiliana Passos, Ilza Ribeiro e Profª Drª Elizabeth Teixeira, responsáveis em grande parte pela minha vinda para a Unicamp.

Aos Profs. do Programa de Pós-Graduação e aos funcionários, especialmente os da biblioteca, sempre tão atenciosos e prestativos.

Aos colegas de curso Helena, Nilmara, Marilza, Célia, Vilma: todos dividindo as agruras e alegrias do dia-a-dia acadêmico.

Aos amigos queridos Ingrid, Lídia, Mª Rosa, Iva, Mário, Vera, Regina, Mª Angela, Mundinho, entre outros, que chegaram a suportar ouvir falar de sintaxe entre copos de cerveja.

Ao Felipe, que só ajudou cobrando meu tempo com um monte de adjuntos quando (Quando você vai me levar no cinema?) e por que (Por que você não lê mais prá mim?).

À Profª Drª Linda Al-Dash pela ajuda valiosa e a todos os meus informantes tão prestativos, muitas vezes me levando a outros informantes.

Finalmente, ao CNPq, órgão de incentivo à pesquisa, que financiou em parte este trabalho com uma bolsa de estudos.

## ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS .....	i
RESUMO .....	v
ABSTRACT .....	vi
INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO I .....	03
1. Delimitação teórica .....	03
1.1. Gerativismo .....	03
1.2. Análises Tradicionais .....	05
1.2.1. Ross (1967) .....	08
1.2.2. Chomsky (1973, 1977, 1981) .....	11
1.2.3. Chomsky (1986) .....	14
1.2.4. Aoun, Hornstein, Lightfoot & Weinberg (1987) .....	19
CAPÍTULO II .....	27
2. Testagem .....	27
2.1. O Processamento de Estruturas com Adjuntos e a Representação Resultante .....	28
2.2. O sistema proposto .....	40
2.2.1. Rizzi (1990) .....	40
2.2.2. Cinque (1990) .....	43
CAPÍTULO III .....	47
3.1. Licenciamento dos adjuntos adverbiais .....	47
3.1.1. Posição fixa dos advérbios - Pollock (1989) .....	48
3.1.2. Posição móvel dos advérbios - Kato & Nascimento (1993) .....	49
3.1.3. Geração em várias posições - Belletti (1990) Iatridou (1990) Cinque (1990) .....	50
3.1.4. Lebeaux (1990) .....	52
3.2. Teoria Minimalista .....	55
3.3. As posições de base de cada adjunto adverbial .....	58
CAPÍTULO IV .....	60
APÊNDICES .....	64
APÊNDICE I .....	65
APÊNDICE II .....	69
ANEXOS .....	94
REFERÊNCIAS .....	103

## ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Figura I: Restrição sobre SN complexo - oração relativa .....	08
Figura II: Restrição sobre SN complexo - completiva nominal.....	09
Figura III: Restrição sobre ilha Q .....	10
Figura IV: Restrição sobre Sujeito Sentencial.....	11
Figura V: Modelo de Gramática segundo Aoun et al. ....	20
Figura VI: Extração de adjunto referencial no modelo de Aoun et al.....	21
Figura VII: Extração de adjunto não-referencial no modelo de Aoun et al. ....	22
Figura VIII: COMP.....	23
Figura IX: Núcleo CP.....	23
Figura X: Verbo factivo (Kiparsky & Kiparsky) .....	44
Figura XI: Operador iota.....	45
Figura XII: Verbo factivo - barreira para ligação .....	46
Figura XIII: Modelo minimalista de gramática.....	56
Figura XIV: Posições de adjunção.....	57
Figura XV: Proposta de locais de adjunção para os adjtos-Q .....	59
Quadro I: Configurações de ilha.....	27
Quadro II: Sentenças-teste .....	31
Quadro III: Exemplificação de questionário.....	32
Gráfico I .....	69
Gráfico II.....	69
Gráfico III.....	69
Gráfico IV .....	69
Gráfico V.....	70
Gráfico VI .....	70
Gráfico VII.....	70
Gráfico VIII.....	70
Gráfico IX .....	70
Gráfico X.....	70
Gráfico XI .....	71
Gráfico XII.....	71
Gráfico XIII.....	71
Gráfico XIV.....	71
Gráfico XV.....	71
Gráfico XVI.....	71

Gráfico XVII ..... 72

Gráfico XVIII ..... 72

Gráfico XIX ..... 72

Gráfico XX ..... 72

Gráfico XXI ..... 72

Gráfico XXII ..... 72

Gráfico XXIII ..... 73

Gráfico XXIV ..... 73

Gráfico XXV ..... 73

Gráfico XXVI ..... 73

Gráfico XXVII ..... 73

Gráfico XXVIII ..... 73

Gráfico XXIX ..... 74

Gráfico XXX ..... 74

Gráfico XXXI ..... 74

Gráfico XXXII ..... 74

Gráfico XXXIII ..... 74

Gráfico XXXIV ..... 74

Gráfico XXXV ..... 75

Gráfico XXXVI ..... 75

Gráfico XXXVII ..... 75

Gráfico XXXVIII ..... 75

Gráfico XXXIX ..... 75

Gráfico XXXX ..... 75

Gráfico XXXXI ..... 76

Gráfico XXXXII ..... 76

Gráfico XXXXIII ..... 76

Gráfico XXXXIV ..... 76

Gráfico XXXXV ..... 76

Gráfico XXXXVI ..... 76

Gráfico XXXXVII ..... 77

Gráfico XXXXVIII ..... 77

Gráfico XXXXIX ..... 77

Gráfico L ..... 78

Gráfico LI ..... 78

Gráfico LII ..... 79

Gráfico LIII .....	79
Gráfico LIV .....	80
Gráfico LV .....	80
Gráfico LVI .....	81
Gráfico LVII .....	81
Gráfico LVIII .....	81
Gráfico LIX .....	82
Gráfico LX .....	82
Gráfico LXI .....	82
Gráfico LXII .....	82
Gráfico LXIII .....	82
Gráfico LXIV .....	82
Gráfico LXV .....	83
Gráfico LXVI .....	83
Gráfico LXVII .....	83
Gráfico LXVIII .....	83
Gráfico LXIX .....	83
Gráfico LXX .....	83
Gráfico LXXI .....	84
Gráfico LXXII .....	84
Gráfico LXXIII .....	84
Gráfico LXXIV .....	84
Gráfico LXXV .....	84
Gráfico LXXVI .....	84
Gráfico LXXVII .....	85
Gráfico LXXVIII .....	85
Gráfico LXXIX .....	85
Gráfico LXXX .....	85
Gráfico LXXXI .....	85
Gráfico LXXXII .....	85
Gráfico LXXXIII .....	86
Gráfico LXXXIV .....	86
Gráfico LXXXV .....	86
Gráfico LXXXVI .....	86
Gráfico LXXXVII .....	86
Gráfico LXXXVIII .....	86

Gráfico LXXXIX.....	87
Gráfico LXXXX.....	87
Gráfico LXXXXI.....	87
Gráfico LXXXXII.....	87
Gráfico LXXXXIII.....	87
Gráfico LXXXXIV.....	87
Gráfico LXXXXV.....	88
Gráfico LXXXXVI.....	88
Gráfico LXXXXVII.....	88
Gráfico LXXXXVIII.....	88
Gráfico LXXXXIX.....	88
Gráfico C.....	88
Gráfico CI.....	89
Gráfico CII.....	89
Gráfico CIII.....	89
Gráfico CIV.....	89
Gráfico CV.....	90
Gráfico CVI.....	90
Gráfico CVII.....	91
Gráfico CVIII.....	91
Gráfico CIX.....	92
Gráfico CX.....	92
Gráfico CXI.....	93
Gráfico CXII.....	93



## RESUMO

Este estudo visa analisar o comportamento dos adjuntos adverbiais no que concerne à extração longa, como em:

(1) Onde Pedro disse que a Maria comprou o presente t ?

Delimitando-se como quadro teórico a Teoria Princípios e Parâmetros e suas vinculações, defende-se aqui a subdivisão já proposta em alguns estudos (Aoun et al., 1987 e Rizzi, 1990) para a classe de adjuntos: referenciais (onde/quando) versus não-referenciais (como/por que).

A partir de testagem empírica, corrobora-se a relevância da subdivisão uma vez que se atesta a possibilidade da interpretação dos adjuntos adverbiais com a sentença encaixada mesmo em ambiente de ilha fraca (ilha factiva), em oposição aos não-referenciais:

(2) Onde Pedro descobriu que a Maria comprou o presente t ?

(3) Por que Pedro descobriu que a Maria comprou o presente t\* ?

Propõe-se um modelo baseado em Cinque (1990) em que o caráter da referencialidade do elemento movido é traduzido pela formação de cadeias distintas: ligação para a relação entre um operador referencial e sua variável e regência para a relação operador não-referencial/variável. Esse modelo permite, ainda, questionar a atuação independente do Princípio da Subjacência.

O trabalho aponta para o enriquecimento ganho pela teoria a partir do momento em que se começa a trabalhar a questão (iii) do programa de pesquisa gerativista, ou seja, - a questão do uso do conhecimento lingüístico. Vislumbra-se o quanto os estudos de "parsing" terão a acrescentar à teoria, equipando-a com instrumentos eficazes para a auto-testagem de sua adequação e poder explanatório, no que diz respeito ao seu papel no processamento da língua.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study is to investigate the behavior of adverbial adjuncts concerning long-distance movement, as in:

- (1) Where did Peter say Mary bought the gift t?

Working within a generative approach, I assume Aoun et al's (1987) and Rizzi's (1990) proposal of dividing the adjuncts into two different types: referential adjuncts (where/when) versus non-referential ones (how/why).

In face of some psycholinguistic tests results, I support this division by the fact that referential adjuncts may undergo long movement even in weak islands environment (as in factive islands), while non-referential ones may not.

- (2) Where did Peter find out that Mary bought a gift t?

- (3) Why did Peter find out that Mary bought a gift t\*?

I suggest a model based on Cinque (1990) to account for these facts. Referentiality entails specific chains: binding chains are formed between a referential operator and its variable, while the system must resort to government when referentiality is absent (non-referential operator/variable). A further property of such a model is to render Subjacency unnecessary.

This approach points to gains the theory may obtain by addressing question (iii) of the generative program - i.e., the use of linguistic knowledge. A glimpse into the benefits parsing analysis may provide is inevitable - these studies may equip the theory with efficient tools for testing its accuracy and explanatory power, in respect to its role in language processing.

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga as características da adjunção adverbial em sentenças complexas, levantando algumas questões acerca das restrições sintáticas assumidas em relação ao movimento desses constituintes em oposição ao movimento de argumentos (sujeito, objetos direto e indireto, etc). Defende-se a subdivisão dos adjuntos adverbiais em duas classes distintas, uma vez que um estudo preliminar mostrou não haver um comportamento unificado desses elementos no que concerne à sua extração em ambientes de ilhas fracas. Optou-se pela aplicação de testes psicolinguísticos que apontaram para a associação de representações mentais distintas para um mesmo tipo de estrutura de acordo com o adjunto adverbial envolvido.

Assim sendo, (1) abaixo é preferencialmente identificada como sendo uma pergunta sobre a maneira como Pedro foi à festa<sup>1</sup> enquanto (2) é interpretada como uma pergunta acerca da maneira como o falante descobriu sobre a ida de Pedro à festa:

- (1) Como você disse que Pedro foi à festa?
- (2) Como você descobriu que Pedro foi à festa?

Já em relação à (3) e (4), essa diferença de comportamento não foi atestada.

- (3) Onde você disse que Pedro comprou o presente?
- (4) Onde você descobriu que Pedro comprou o presente?

Ambas favorecem a interpretação do adjunto como modificador da sentença encaixada, propiciando respostas acerca do local onde o presente foi comprado.

Esses resultados não corroboram o quadro traçado em Chomsky (1986) em relação ao movimento de adjuntos x argumentos, confirmando análises propostas por Aoun et al. (1987), Rizzi (1990) e Cinque (1990). Vários aspectos desses estudos são analisados e assumidos como base para o sistema a ser proposto aqui. A abordagem gerativista permite buscar uma explicação estrutural para as sentenças expostas acima, explicando o comportamento dos falantes com base em restrições sintáticas que direcionam o processamento das estruturas. A análise proposta leva, ainda, a questionar a Condição de Subjacência como um princípio

---

<sup>1</sup>Há também a possibilidade de interpretação, menos freqüente, acerca do modo como tal afirmação foi proferida, p. ex., eu disse em alto e bom som. Deve-se, além disso, salientar que como, nesse tipo de estrutura, é esporadicamente interpretado como um pedido de esclarecimento (como = por que). Sem dúvida, aspectos entoacionais tem forte papel disambiguador, nesse tipo de perguntas, em relação à informação que se deseja obter.

autônomo dentro da teoria - questionamento que será posteriormente retomado e que constituirá um dos pontos centrais da dissertação.

No Capítulo I, apresentam-se as análises tradicionais acerca do movimento de constituintes, traçando-se um quadro das restrições aí envolvidas. No Capítulo II, defende-se a relevância da testagem de algumas propostas desse quadro teórico, descrevendo-se a metodologia usada na elaboração dos testes de interpretação assim como a escolha de informantes. Com base nos resultados obtidos, propõe-se a formulação de um sistema que parece melhor explicar esses resultados. O Capítulo III discute a relação de adjunção, apresentando considerações acerca da representação dessas estruturas, com base em propostas recentes dentro do quadro teórico assumido (Chomsky, 1992 e Lebeaux, 1990). A conclusão desse estudo favorece uma ótica do problema que privilegia a interrelação de vários fatores na determinação do processamento envolvido na compreensão desse tipo de estruturas, além de questionar princípios há muito assumidos acerca do movimento.

## CAPÍTULO I

### 1. Delimitação teórica

Algumas questões lingüísticas estão continuamente em pauta, sendo, inclusive, objeto de reflexão de áreas afins como a filosofia, a psicologia, a lógica ou a retórica. A partir do momento em que a lingüística se firma como uma disciplina autônoma com seu próprio método, tendo seu objeto de estudo reconhecido e delimitado, várias dessas questões são retomadas não só para receberem uma explicação lingüística em si mas, também, por serem elementos de testagem da adequação de diferentes abordagens teóricas.

A possibilidade da ambigüidade estrutural é um dos pontos que suscitam sucessivas análises. O movimento de adjuntos adverbiais interrogativos (Adjto Q) pode levar a esse tipo de ambigüidade:

(5) Onde você comentou \_\_\_ que a Maria comprou o livro \_\_\_ ?

↑↑ \_\_\_\_\_

A questão da extração de constituintes em sentenças complexas tem sido abordado com bastante freqüência pela teoria gerativa. É também a partir de uma abordagem gerativista que se pretende verificar a peculiaridade de comportamento dos adjuntos adverbiais em relação à extração em ambientes considerados restritos à extração de argumentos (as chamadas ilhas fracas).

(6) To whom<sub>i</sub> do you regret that you could not speak t<sub>i</sub> ?

(7) \*How<sub>i</sub> do you regret that you behaved t<sub>i</sub> ?

#### 1.1. Gerativismo

O Gerativismo tem como preocupação primeira explicar fatos da língua, opondo-se ao caráter taxionômico apresentado pelo estruturalismo. Buscam-se os princípios subjacentes à organização da língua, vista como faculdade humana inata.

A teoria gerativa tem sido continuamente reformulada<sup>2</sup> na tentativa de abarcar toda a proposta de pesquisa do programa que pode ser delineada a partir de três questões básicas apresentadas em Chomsky (1986b):

- (i) O que constitui o conhecimento lingüístico?
- (ii) Como esse conhecimento é adquirido?
- (iii) Como esse conhecimento é colocado em uso?

A questão (i) foi privilegiada pelo modelo em um primeiro momento uma vez que constituía premissa básica para que as questões (ii) e (iii) pudessem ser abordadas. Apresentou-se a noção de GU - gramática universal - que constitui a base para todas as línguas. Os princípios da GU seriam invariantes mas trariam parâmetros associados a eles que dão conta da diversidade lingüística. É a fixação dos valores dos parâmetros que determina as gramáticas nucleares. Uma língua particular L, por outro lado, é constituída de uma gramática nuclear mais um componente periférico devido a mudanças e contatos lingüísticos.

A aquisição da linguagem - questão (ii) - é vista, portanto, como o processo de atribuição de valores particulares para cada parâmetro da língua.

A questão do uso da linguagem (iii) pareceu, em um certo momento, ser negligenciada o que levou a críticas ao modelo por privilegiar a competência sobre o desempenho. No entanto, a questão tem sido abordada por uma vertente que parece oferecer perspectivas bastante interessantes.

"Problem (2iii) calls for the development of performance theories, among them, theories of production and interpretation. Put generally, the problems are beyond reach: it would be unreasonable to pose the problem of how Jones decides to say what he does, or how he interprets what he hears in particular circumstances.<sup>3</sup> But highly idealized aspects of the problem are amenable to study. A standard empirical

---

<sup>2</sup>Pode-se citar Estruturas Sintáticas (1957) que lançou as bases da teoria gerativa, Aspects of the Theory of Syntax (1965) - o chamado Modelo Padrão, que sofreu ampliação e revisão e em 1981, Lectures on Government and Binding, dando origem à Teoria da Regência e Ligação. Nos anos mais recentes, tem-se falado da abordagem Princípios e Parâmetros - termo esse que parece mais adequadamente traduzir as propostas do modelo. Deve-se, ainda, mencionar a Teoria Minimalista (1992).

<sup>3</sup>Esses aspectos são abordados por teorias da análise do discurso centradas em fatores ideológicos, sociais e psicanalíticos. Chomsky trata do aspecto formal de estruturação da linguagem, atribuindo ao componente sintático a carga gerativa desse processo lingüístico, logo, fatores coercivos tais como o do assujeitamento do sujeito, muitas vezes elaborados pelas teorias da análise do discurso, só poderiam ser assimilados por outros módulos da mente que não o da linguagem propriamente dito.

hypothesis is that one component of the mind/brain is a parser, which assigns a percept to a signal (abstracting from other circumstances relevant to interpretation). The parser presumably incorporates the language and much else, and the hypothesis is that interpretation involves such a system, embedded in others."

(Chomsky & Lasnik, 1991:04)

Enfocar fatos da língua expressos no comportamento dos falantes significa buscar no estudo da língua E(xterna), que propicia a fonte de evidências, insights para a língua I(nterna), que corresponde ao objeto de estudo da teoria gerativa. Ou seja, a continuidade do programa de pesquisa e um maior enfoque dado à questão (iii)<sup>4</sup> permitem testar a própria teoria em termos empíricos. Nesse contexto, a questão da extração de constituintes em sentenças complexas constitui um domínio ideal, uma vez que o tema envolve, essencialmente, problemas de interpretação (parsing). As possibilidades de interpretação do elemento movido com possíveis lacunas na sentença são testáveis empiricamente, por meio do comportamento real do falante frente à tarefa de responder às questões. Observar o comportamento dos adjuntos adverbiais nesse contexto poderá levar à revisão das análises propostas, dando conta das variáveis condicionadoras das interpretações obtidas experimentalmente. Nesse aspecto, relações como a da referencialidade do elemento movido e o tipo de verbo da sentença matriz podem ser fatores que condicionam a interpretação, sendo usados na construção de um modelo sintático mais simples que questiona a Condição de Subjacência como um princípio autônomo dentro da teoria, o que traz implicações óbvias para o processo de aquisição da linguagem.

## 1.2. Análises Tradicionais

O vestígio - t - nas sentenças abaixo marca a posição a partir da qual o constituinte foi movido, recebendo, portanto, o mesmo índice subscrito desse elemento.

(8) O que<sub>i</sub> você comprou t<sub>i</sub>?

---

<sup>4</sup>Há também a alternativa de se propor transparência entre o "parser" e o módulo gramatical, conforme assumido por Dillinger:

"A gramática universal, portanto, seria uma teoria estática do estado inicial do sistema chamado 'faculdade da linguagem'. Uma gramática particular seria uma teoria estática do estado maduro da faculdade da linguagem correspondente a determinada língua. O problema do processamento, sob essa ótica, seria reformulado como um problema de especificar o curso temporal dos eventos que ocorrem na faculdade da linguagem, em vez de especificar como essa faculdade seria usada por outro dispositivo maior(...) Em suma, essa maneira de colocar o problema equaciona uma teoria da competência com uma teoria estática da faculdade da linguagem e uma teoria do processamento com uma teoria cinemática da faculdade da linguagem. A diferença entre competência e desempenho, portanto, corresponderia à presença ou ausência do fator tempo."(Dillinger, 1991:35)

- (9) Como<sub>i</sub> você consertou o carro t<sub>i</sub>?
- (10) \*O que<sub>i</sub> você encontrou alguém que comprou t<sub>i</sub>?
- (11)\*Como<sub>i</sub> você encontrou alguém que consertou o carro t<sub>i</sub>?

Percebemos que a extração de constituintes a partir de sentenças simples resulta em interrogativas bem formadas. Já nas sentenças (10) e (11), a extração dos elementos para o início da sentença matriz provocou um resultado inaceitável, representado pelo asterisco no início da sentença (notamos que a sentença (11) seria aceitável com a interpretação de como referindo-se à maneira como se encontrou a pessoa que consertou o carro; a interpretação apontada aqui, no entanto, com o vestígio em final de sentença, diz respeito ao modo como o carro foi consertado e é impossível nesse contexto).

Podemos, então, intuitivamente dizer que há alguma restrição em relação à distância que um elemento pode estabelecer entre a sua posição original de saída e o ponto final de aterrissagem.

- (12) O que<sub>i</sub> você disse que ela comprou t<sub>i</sub>?
- (13) Como<sub>i</sub> você disse que ela consertou o carro t<sub>i</sub>?

As sentenças acima mostram, entretanto, que há peculiaridades envolvidas na definição da distância permitida para o movimento dos constituintes. A definição da distância que um constituinte pode percorrer quando deslocado é, justamente, o objeto do Princípio da Subjacência, na teoria gerativa.

Há, ainda, outros pontos relevantes em relação ao movimento:

- (14) O que<sub>i</sub> você descobriu que a Maria comprou t<sub>i</sub>?
- (15) \*Como<sub>i</sub> você descobriu que a Maria consertou o carro t<sub>i</sub>?

A diferença encontrada entre as duas sentenças acima que, em relação ao Princípio da Subjacência, apresentam exatamente a mesma distância percorrida pelo elemento movido, é explicada pelo Princípio das Categorias Vazias<sup>5</sup> (PCV = ECP - do inglês Empty Category Principle). A diferença está no fato de que na sentença (14), o elemento movido é subcategorizado pelo verbo comprar. Já em (15), é um elemento não subcategorizado que está sendo movido - um adjunto.

---

<sup>5</sup>O Princípio das Categorias Vazias foi inicialmente definido como:

Uma categoria vazia tem que estar apropriadamente regida, ou seja, regida por núcleo X<sup>o</sup> ou regida por um sintagma nominal antecedente.

Esse princípio será retomado posteriormente.



O PCV trata justamente dessa assimetria entre a extração de objetos - elementos subcategorizados pelo verbo - e de adjuntos. O princípio determina o que pode ser uma posição legítima a ser ocupada por um vestígio, independentemente da distância percorrida pelo elemento movido.

Raposo (1992:392) afirma que:

"Nos últimos anos estes tópicos (o Princípio da Subjacência e o PCV) têm recebido particular atenção por parte dos generativistas, especialmente desde que Chomsky (1986a) propôs uma estratégia geral de investigação para estes problemas em que se procura uma unificação parcial do Princípio da Subjacência e da ECP em termos da teoria da regência, em particular da noção de barreira. Os problemas empíricos e teóricos que se levantam a este programa são consideráveis, o que é bem ilustrado pelas numerosas hipóteses que têm aparecido para caracterizar adequadamente os dois princípios (com um número maior de esforços envolvendo a ECP). Uma das dificuldades reside precisamente em propor uma definição adequada da noção de barreira que sirva de base a uma formulação correcta dos princípios."

Acreditamos que haja realmente inúmeras questões a serem levantadas em relação à atuação desses princípios que, se supõe, regulam o movimento, o que pode ser feito a partir da investigação minuciosa de um número maior de sentenças.

(16) \*Como você descobriu que a Maria consertou o carro t?

(17) \*Por que você descobriu que a Maria fugiu de casa t?

(18) Onde você descobriu que a Maria comprou o presente t?

(19) ?Quando você descobriu que a Maria viu o show t?

O Princípio da Subjacência e o PCV são responsáveis por definir os tipos de estruturas que possibilitam ou impedem o movimento de determinado constituinte. Logo, em relação às sentenças acima em que a distância percorrida pelo elemento movido é exatamente a mesma assim como o tipo de elemento movido também o é, esses princípios deveriam prever igual resultado de aceitabilidade/inaceitabilidade, contrariamente ao que se obtém.

Pretendemos a elaboração de um sistema que trate da questão do movimento de modo a responder às questões acima exposta, levantando, inclusive, a possibilidade de eliminação do Princípio de Subjacência como uma condição autônoma dentro da teoria. Essa meta deverá ser

alcançada a partir do estudo detalhado do comportamento dos adjuntos - discussão central nessa dissertação.

As primeiras descrições acerca das configurações a partir das quais a extração era impossível foram realizadas por Ross (1967). Somente em Chomsky (1973), o Princípio da Subjacência é proposto com o objetivo de dar conta dos efeitos apontados por Ross, conhecidos como restrições de ilha (island constraints).

### 1.2.1. Ross (1967)

Ross postulou três restrições: Restrição sobre SN complexo, Restrição sobre Estruturas Coordenadas e Restrição sobre Sujeito Sentencial.

A Restrição sobre SN Complexo diz respeito às configurações em que se extrai um elemento de dentro de uma oração relativa ou de uma oração completiva nominal. Ou seja, especifica que as sentenças abaixo, devido ao movimento, resultam agramaticais.

(20) \*O que<sub>i</sub> você encontrou [alguém que comprou t<sub>i</sub> ]?

(21) \*Como<sub>i</sub> você encontrou [alguém que consertou o carro t<sub>i</sub> ]?

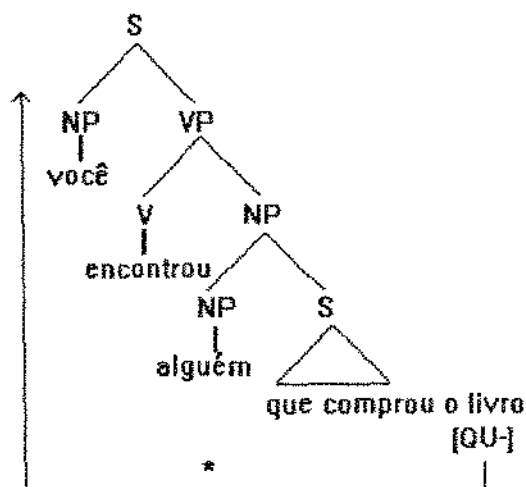


Figura I: Restrição sobre SN complexo - oração relativa

O mesmo ocorre com sentenças completivas nominais do tipo abaixo:

(22) ??O que<sub>i</sub> você ouviu o boato que a Maria havia comprado t<sub>i</sub>?

(23) \*Como<sub>i</sub> você ouviu o boato que a Maria consertou o carro t<sub>i</sub>?

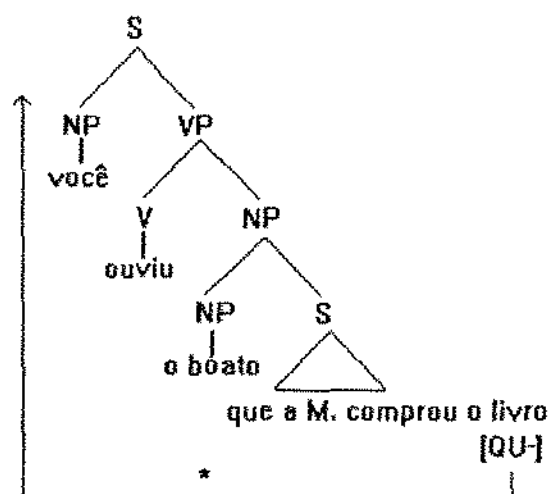


Figura II: Restrição sobre SN complexo - completiva nominal

Salientamos o julgamento adotado aqui em relação à ilha completiva nominal no que refere à extração de argumentos (22) que não parece ter o mesmo estatuto da ilha relativa equivalente (20). Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Ross notou, ainda, que a extração de elementos de uma oração introduzida por um pronome Q também não era possível, embora não tenha elaborado uma configuração do tipo Restrição sobre ilha Q.

(24) ? Quem<sub>i</sub> você não sabe onde<sub>j</sub> t<sub>i</sub> comprou esse livro t<sub>j</sub>?

(25) \*Como<sub>j</sub> você não sabe quem<sub>i</sub> t<sub>i</sub> consertou o carro t<sub>j</sub>?

Esse tipo de restrição é hoje conhecido como Condição sobre ilha Q, apresentando, em termos configuracionais atuais, a seguinte estrutura:

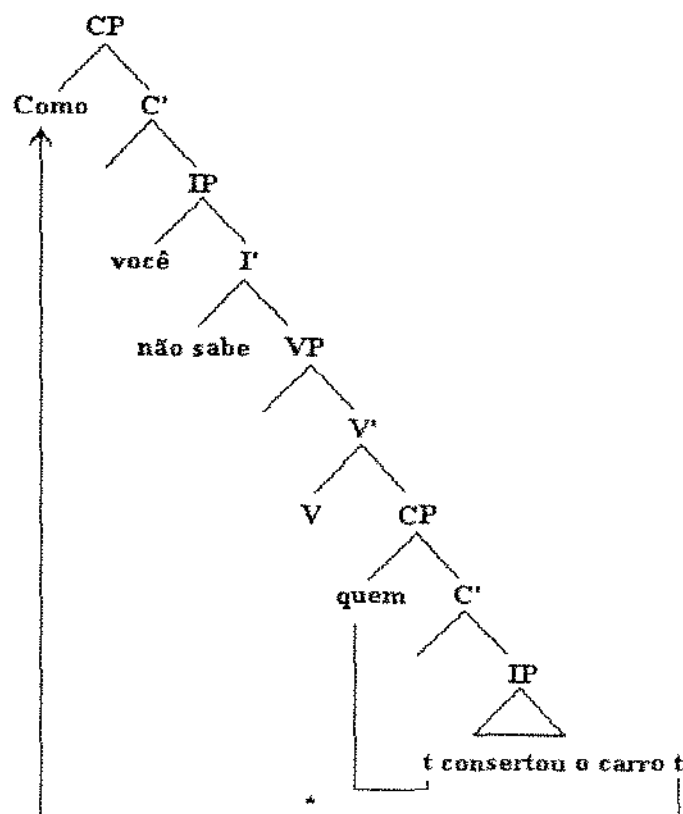


Figura III: Restrição sobre ilha Q

Aqui também vale a ressalva de que há variabilidade de julgamento acerca da boa-formação dessas sentenças entre os falantes de uma mesma língua e entre falantes de línguas diferentes. Em inglês, os julgamentos de inaceitabilidade são mais freqüentes.

A Restrição sobre Sentenças Coordenadas não teve tanto impacto sobre o desenvolvimento posterior do Princípio de Subjacência. A restrição dizia respeito à impossibilidade de extração de um elemento de uma estrutura que fosse parte de uma estrutura coordenada. As sentenças seriam do seguinte tipo:

- (26) A Maria comprou um livro e uma caneta.  
 (27) \*O que<sub>i</sub> a Maria comprou um livro e t<sub>i</sub>?

A Restrição sobre o Sujeito Sentencial impossibilita a extração de um constituinte parte de um sujeito oracional.

- (28) \*Que livros<sub>i</sub> [[comprar t<sub>i</sub>] é difícil]?  
 (29) \*Como<sub>i</sub> [[consertar o carro t<sub>i</sub>] seria incorreto]?

Abaixo temos a configuração estrutural dessa ilha.<sup>6</sup>

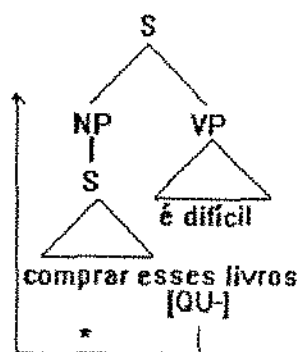


Figura IV: Restrição sobre Sujeito Sentencial

### 1.2.2. Chomsky (1973, 1977, 1981)

#### O Princípio da Subjacência

O Princípio da Subjacência pretende, portanto, regular o movimento limitando o número de nós que pode ser atravessado durante a extração do constituinte. Esses nós são conhecidos como nós fronteira ou limite.

#### Princípio de Subjacência

Um vestígio e seu antecedente não podem estar separados por mais de um nó limite.<sup>7</sup>

Os nós limite propostos por Chomsky, para o inglês, são NP e S (hoje, IP). Rizzi (1982) propõe que, para o italiano, os nós limite seriam NP e S' (ou seja, CP). Essa proposta vai explicar uma série de comportamentos diferentes entre as línguas no que concerne às configurações de ilha, especificamente a ilha Q que, como mencionado anteriormente, apresenta alguma variação de julgamento. O português parece alinhar-se com o italiano com relação aos nós limite válidos para a Subjacência.

<sup>6</sup>A configuração apresentada por Ross pode ser questionada atualmente pela adoção da Teoria X' e o princípio de endocentricidade que diz que todo sintagma tem um núcleo do mesmo tipo, o que não ocorre em relação ao NP, que domina S. Sabe-se que hoje S e S' foram substituídos por IP e CP que são projeções dos núcleos I° e C°.

<sup>7</sup>Formulação extraída de LOBATO, M.L.P. (1986) Sintaxe Gerativa do português, da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação. Belo Horizonte, Vigília.

O Princípio da Subjacência alcançará, portanto, os efeitos desejados em relação às configurações expostas por Ross que implicavam na impossibilidade de extração. Vale, ainda, lembrar que a teoria faz uso, também, do movimento sucessivo cíclico na aplicação da regra de movimento. Ou seja, o movimento longo de um elemento se faz por meio de sucessivos movimentos locais através das posições de especificadores de CP intermediárias.

A sentença abaixo poderia, portanto, apresentar os seguintes movimentos:

(30) O que<sub>i</sub> você disse<sub>CP</sub>[que a Ana acha<sub>CP</sub>[que a Maria comprou t<sub>j</sub>?

(31) O que<sub>i</sub> você disse<sub>CP</sub>[t<sup>'''</sup> que a Ana acha <sub>CP</sub>[t<sup>''</sup> que a Maria comprou t?

Ou seja, a estrutura (30) estaria violando o Princípio da Subjacência uma vez que dois nós limite estão sendo atravessados - dois CPs. No entanto, com o movimento se realizando ciclicamente como em (31), não há violação da Subjacência, já que a cada ciclo não mais de um nó limite é atravessado. No primeiro ciclo, entre t e t<sup>''</sup> não há nenhum nó limite. No segundo ciclo, t<sup>''</sup> passa por sobre CP - um nó limite apenas, o que é permitido pelo Princípio da Subjacência. Para a derivação da estrutura desejada há a necessidade de mais um movimento ainda. Novamente t<sup>'''</sup> e o elemento Q - o que - estão separados por um único nó limite, garantindo-se dessa maneira a não-violação da Subjacência.

O mesmo não ocorrerá, no entanto, no caso das extrações de ilhas. Voltemos às relativas:

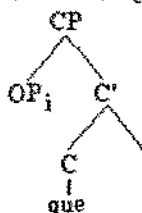
(32) \*O que você encontrou NP[alguém<sub>CP</sub>[que comprou t?

Em (32), temos um pronome relativo<sup>8</sup> ocupando a posição de especificador de CP - que/o qual, impedindo que o vestígio faça aí uma parada. Mesmo que isso fosse possível ainda teríamos, entre esse vestígio intermediário e o elemento Q - o que , dois nós limite - CP e NP.

A sentença completiva nominal apresenta o mesmo comportamento:

(33) ??O que você ouviu NP[o boato<sub>CP</sub>[t' que a Maria havia comprado t?

<sup>8</sup>Ou um OP nulo, segundo algumas análises:



Embora aqui haja um vestígio intermediário obtido por meio do movimento sucessivo cíclico, não há como evitar que dois nós limite sejam atravessados entre *t'* e o elemento *Q*. Sabemos, no entanto, que o estatuto de desvio dessa sentença não é de total inaceitabilidade conforme sugere a aplicação do princípio.

Em relação às ilhas *Q*, explica-se a maior aceitabilidade das sentenças em línguas românicas do que no inglês:

(34) O *que*<sub>i</sub> IP[você não sabe<sub>CP</sub>[*onde*<sub>j</sub> IP[a Maria comprou *t<sub>j</sub>*]]?

O vestígio de *onde* não ultrapassa nenhum nó limite. Já o vestígio de *o que* não pode passar pelo especificador de CP que já se encontra ocupado com *onde*. Faz, portanto, um movimento longo que, de qualquer maneira, só ultrapassa um nó limite - CP. Observe-se que a mesma sentença no inglês implicaria no mesmo tipo de movimento que ultrapassaria, então, dois nós limite relevantes para o inglês - os dois IPs.

Em relação à sentença (35) abaixo, com extração do adjunto adverbial para o início da sentença, o resultado é tido como agramatical. Essa diferença, no entanto, não é explicada pela Subjacência, sendo um efeito do PCV, do qual falaremos mais adiante.

(35)\*Como você não sabe onde a Maria consertou o carro *t t'*?

A Restrição sobre Sujeito Sentencial também é abordada pela Subjacência. Vejamos as sentenças já apresentadas:

(36)\* Que livros IP[ NP[ CP[ *t'* IP[ PRO comprar *t*]]] é difícil]?

(37)\*Como IP[ NP[ CP[ *t'* IP[ PRO consertar o carro *t*]]]seria incorreto]?

Os nós limite entre *t'* e *o que/como* são CP e NP, número suficiente para haver violação da Subjacência.

### O Princípio das Categorias Vazias (PCV)

A diferença encontrada entre a extração de argumentos e a de adjuntos nas ilhas *Q* será explicada pela atuação do PCV.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup>Deve-se salientar que a extração de sujeitos alinha-se com a de adjuntos nesse contexto, sendo, também, abordada pelo PCV. Esse tipo de extração, no entanto, não é diretamente relevante à discussão aqui tratada.

O que parece acontecer é que a extração de objetos pode se realizar pelo movimento longo enquanto que a de adjuntos não. A diferença entre objetos e adjuntos pode ser definida pela propriedade, restrita aos objetos, de serem subcategorizados pelo V.

#### Princípio das Categorias Vazias

Todo vestígio tem de ser apropriadamente regido,

a) por seu atribuidor de papel temático ou

b) por um antecedente coindexado.

Ou seja, a formulação do PCV permitirá aos objetos uma imediata satisfação do princípio através da primeira cláusula, uma vez que sempre serão regidos pelo V que lhes atribui um papel temático. Já os adjuntos deverão obedecer o PCV pela cláusula b. Veremos que a obediência à cláusula b do PCV será mais dificilmente alcançada a partir da substituição da noção de nódulos fronteira pelo conceito de barreira (Chomsky, 1986a) ampliado para abarcar, além da Subjacência, outros subdomínios da gramática como o Caso, a ligação e o PCV, através da noção de regência.

#### **1.2.3. Chomsky (1986)**

Em Chomsky (1986a), uma nova mudança é proposta no sistema que afeta o Princípio de Subjacência. A intenção é eliminar o caráter estipulativo dos nódulos limite, adotando-se a noção de barreira independentemente definida no contexto relativo à regência. Salienta-se o fato de serem necessárias duas barreiras para impedir o movimento ao passo que uma só é suficiente para impedir regência.

Uma primeira distinção importante na formação do sistema em Barreiras é a noção de L-marcação:

#### L-marcação

$\alpha$  L-marca  $\beta$  quando  $\alpha$  atribui uma função temática a  $\beta$  e  $\alpha$  é uma categoria lexical.

Assim, nas sentenças abaixo, pode-se dizer que a completiva nominal é L-marcada, o NP [o boato] atribui uma função temática ao CP, o mesmo já não ocorre com a relativa.

(38) Ele encontrou [um aluno CP[que comprou seu livro]]

(39) Ele ouviu [o boato CP[que Maria havia comprado seu livro]]



A partir dessa noção, Chomsky distingue Categoria Bloqueadora de Barreira:

#### Categoria Bloqueadora

$\gamma$  é categoria bloqueadora para  $\beta$  sse  $\gamma$  não for L-marcado e dominar  $\beta$ .

Portanto, nas sentenças acima o CP em (38) é CB em relação a [seu livro]. Tomando-se o CP como  $\gamma$  e [seu livro] como  $\beta$ , verifica-se que CP não é L-marcado e domina  $\beta$ , logo funciona como CB em relação à extração desse elemento.

Vejamos agora a noção de Barreira:

#### Barreira

$\gamma$  é barreira para  $\beta$  sse (a) ou (b):

a.  $\gamma$  domina imediatamente  $\delta$ ,  $\delta$  é categoria bloqueadora para  $\beta$ ;

b.  $\gamma$  é uma categoria bloqueadora,  $\gamma$  não é IP.<sup>10</sup>

A primeira cláusula da definição de barreira é conhecida como constituição de barreira por herança. A categoria IP é defectiva nesse sistema, conforme observa a cláusula b.

Vale ainda ressaltar que, além das configurações estruturais de barreira para movimento e regência, Chomsky define um outro tipo de barreira que diz respeito somente à regência.

#### Barreira por minimalidade

Entre A (regente) e B (regido) não intervém nenhum nóculo  $X^\circ$  tal que  $X^\circ$  c-comanda B e  $X^\circ$  não c-comanda A.

Por exemplo, em:

(40) Ele veio de São Paulo.

O verbo não pode ser o regente do NP [São Paulo] uma vez que há um outro núcleo  $X^\circ$  - de - que intervém entre o V e o NP.

Verifiquemos, portanto, como esse sistema dá conta das ilhas já mencionadas anteriormente. Em relação às orações relativas:

(41)\*O que você encontrou NP[alguém CP[que comprou t?

---

<sup>10</sup>In: CHOMSKY, N. (1986) Barriers. MIT Press. (tradução minha)

(42)\*Como você encontrou NP[alguém CP[que consertou o carro t?

Tanto (41) quanto (42) apresentam duas barreiras: CP (uma vez que a relativa não é L-marcada) e NP (que recebe o caráter de barreira por herança). Duas barreiras constituem uma violação da Subjacência forte. Em relação à atuação do PCV, integrado agora à teoria, verificamos que há uma diferença entre as sentenças. Em (41), o vestígio é apropriadamente regido por ser tematicamente regido. Em (42), além da violação da Subjacência, tem-se violação do PCV já que o vestígio de adjunto deve obedecer à cláusula (b) do PCV e a sentença apresenta barreiras para a regência dos vestígios. Chomsky salienta que o desvio de gramaticalidade de (42) soa pior que o de (41), o que pode ser explicado por essa conjunção de fatores.

Com as completivas nominais, teremos o seguinte:

(43)??O que você ouviu NP[o boato CP[que a Maria havia comprado t?

(44)\*Como você ouviu NP[o boato CP[que a Maria consertou o carro t?

Uma completiva nominal é L-marcada, conforme já mencionado, logo o CP não constitui barreira e nem passa essa condição para o NP, como no caso das relativas. Ou seja, pela aplicação do Princípio da Subjacência com a estipulação de nódulos limite, verificava-se que havia duas barreiras, embora o estatuto da sentença não fosse de total inaceitabilidade. Com o sistema de barreiras, não há a configuração de nenhuma barreira. Contudo, o estatuto marginal das completivas nominais, embora mais aceitáveis que as relativas, ainda não está satisfatoriamente explicado pela teoria.

No que concerne à extração do adjunto - sentença (44), Chomsky sugere que há a configuração de uma barreira por minimalidade, válida para a regência, conforme definição anterior - o NP o boato. Essa sentença, portanto, viola o PCV, contrariamente à sentença (43) cujo vestígio é regido tematicamente.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>Nesse sistema, há a adoção da proposta de Lasnik & Saito (1984) para a aplicação do PCV:

$\gamma$ -marcação

Se  $\beta$  é apropriadamente regido, recebe o traço [+ $\gamma$ ]. Se  $\beta$  não é apropriadamente regido, recebe [- $\gamma$ ].

aplicação

$\gamma$ -marcação ocorre na estrutura S para posições-A e na FL para posições-A'.

Apagamento

Categorias vazias que não sejam requeridas pelo Princípio de Projeção Estendido podem ser apagadas entre a estrutura S e a FL (possivelmente depois de terem regido apropriadamente e g-marcado outra categoria vazia).

$\gamma$ -checagem

Aplica-se na FL: \*[- $\gamma$ ].

Em relação à extração a partir de sujeitos sentenciais, teremos como barreiras os mesmos constituintes estipulados como nódulos-fronteira para a aplicação da Subjacência. Vejamos:

(45)\* Que livros IP[ NP[ CP[ t' IP[ PRO comprar t]]] é difícil]?

(46)\* Como IP[ NP[ CP[ t' IP[ PRO consertar o carro t]]] seria incorreto]?

São barreiras tanto CP como NP visto que um sujeito não é L-marcado por não ser diretamente  $\theta$ -marcado. Embora receba papel  $\theta$ , essa atribuição se dá pelo VP e não pela categoria lexical V. Mais uma vez, tem-se, em relação à aplicação do PCV, a sua satisfação na sentença com extração de argumento e a violação com a extração do adjunto. Ou seja, a sentença (45) viola somente o Princípio da Subjacência enquanto (46) viola tanto Subjacência quanto PCV.

#### A assimetria objeto/adjunto

O mecanismo de atuação conjunta do Princípio da Subjacência e do PCV para regular o movimento, dá conta dos casos em que se tem uma assimetria entre o resultado alcançado pelas extrações de argumentos e de adjuntos a partir de estruturas idênticas.

Em relação às ilhas Q, por exemplo, havíamos apresentado as seguintes sentenças:

(47) O que<sub>i</sub> IP[você não sabe<sub>CP</sub>[onde<sub>i</sub> IP[a Maria comprou t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>]]]?

(48)\* Como<sub>i</sub> IP[você não sabe<sub>CP</sub>[onde<sub>i</sub> IP[a Maria consertou o carro t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>]]]?

Ambas as sentenças apresentam apenas uma barreira CP (por herança). Uma barreira não é suficiente para a violação da Subjacência, logo será a atuação do PCV que explicará a agramaticalidade da extração com adjunto. A sentença (47) apresenta um vestígio tematicamente regido, obedecendo ao PCV. A sentença (48) precisa satisfazer a cláusula b) do PCV, mas há uma barreira que impede a regência do vestígio pelo seu antecedente, havendo, portanto, a violação desse princípio.

Tome-se, ainda, o seguinte contraste:

(49) O que está na hora de<sub>CP</sub>[ t [comprar t]]

(50) \*Como está na hora de<sub>CP</sub>[ t [consertar o carro t]]

Há apenas a configuração de uma barreira - CP. Em relação à Subjacência, uma barreira não caracteriza agramaticalidade. Quanto ao PCV, a sentença (49) apresenta um vestígio regido

tematicamente. Não há violação do PCV, uma vez que o vestígio intermediário necessário para o movimento pode ser apagado (verificar nota 11). O mesmo não acontece com a sentença (50) uma vez que o vestígio intermediário é necessário para a identificação do vestígio original e, portanto, não pode ser apagado. Esse vestígio, no entanto, não é regido por antecedência por como, devido à barreira. Desse modo, há a violação do PCV, explicando-se a agramaticalidade da sentença com adjunto e a gramaticalidade da sentença correspondente com objeto.

### O problema

A questão que se coloca, ainda, diz respeito ao fato de que em Barreiras, são contrastadas a extração longa de objetos e a de adjuntos. No entanto, não parece adequado dar um tratamento único aos adjuntos, conforme já foi mencionado. A averiguação mais detalhada do comportamento desses elementos leva a tal afirmativa.

Já expusemos que as completivas nominais deixam alguns problemas a serem resolvidos em relação à extração de argumentos. No entanto, no que concerne à extração de adjuntos, o PCV é inquestionavelmente responsável por atribuir a essas sentenças o estatuto de agramaticais:

- (51)?O que Ana ouviu rumores de que você havia lido t
- (52) Que livro Ana ouviu rumores de que você havia lido t
- (53)\*Como Ana anunciou a decisão de consertar o carro t
- (54)?Onde Ana anunciou a decisão de comprar o presente t
- (55)Em que loja Ana anunciou a decisão de comprar o presente t

No sistema de '86, há apenas a configuração de uma barreira por minimalidade, o que explica a agramaticalidade da extração de adjuntos mas não a marginalidade da extração de argumentos (51). Em português, se, por um lado, a sentença (53) parece impossibilitar a ligação de como com o verbo da encaixada, só possibilitando interpretação com o modo como Ana anunciou a sua decisão, a sentença (54) parece tão boa quanto (51), possivelmente favorecendo inclusive a ligação de onde com a sentença encaixada, embora sua ligação com a sentença matriz, é claro, também seja possível. A sentença (55), por outro lado não deixa dúvidas quanto à interpretação, parecendo bastante aceitável, em um paralelo com (52), contrariando o que prevê a atuação do PCV.

O fato de que os adjuntos não podem ser tratados como uma classe de comportamento idêntico em relação à extração pode, ainda, ser verificado pelo paradigma abaixo:

- (56) \*Como você descobriu que a Maria consertou o carro t?  
 (57) \*Por que você descobriu que a Maria fugiu de casa t?  
 (58) Onde você descobriu que a Maria comprou o presente t?  
 (59) ?Quando você descobriu que a Maria viu o show t?

Não se pode falar somente numa diferença de comportamento entre a classe de argumentos e a de adjuntos. Os dados do tipo acima reforçam que interrogativas encaixadas constituem ilhas fracas. No entanto, verifica-se que os sintagmas adverbiais entre si não podem ser tratados da mesma forma. A exploração desse ponto será crucial nessa dissertação, levantando questões primordiais acerca da atuação do Princípio da Subjacência no processamento dessas estruturas.

Outras estruturas em que se esperaria a inaceitabilidade da extração de adjuntos são a ilha Q e a extraposição. No entanto, confira abaixo:

- (60) ?Onde você não sabe quem mora t?  
 (61)?Em que loja você perguntou que presentes Ana comprou t?  
 (62)?Em que teatro está na hora de começar o show t?

#### 1.2.4. Aoun, Hornstein, Lightfoot & Weinberg (1987)

Conforme já mencionado por Raposo (1990), o sistema em Barreiras tem recebido inúmeras críticas e estimulado várias pesquisas e estudos em busca da melhor caracterização dos princípios envolvidos no movimento.<sup>12</sup>

Uma análise que aponta para um aspecto importante na delimitação do problema é a de Aoun et al. (1987). Nessa proposta, os autores subdividem os adjuntos em referenciais e não-

---

<sup>12</sup>Lightfoot e Weinberg (1988), em sua revisão do artigo de Chomsky, apontam para o fato de que, uma vez sendo a noção de barreira proposta com a intenção de unificar as teorias do movimento e da regência, notam-se, no entanto, alguns pontos de diferenciação, como por exemplo, a definição de barreira por minimalidade que só diz respeito à regência, sendo totalmente inócua em relação ao movimento. A estipulação de uma barreira extra (IP ou CP finito) no caso da ilha Q também é unilateral, só tendo efeito sobre o movimento. Ou seja, a intenção de suprimir a estipulação ad hoc de nós limite para a Condição de Subjacência por meio de uma noção de barreira que configurasse estruturalmente essas fronteiras não é plenamente alcançada.

Em relação ao PCV, verifica-se, também, que a noção de barreira é totalmente inócua no que diz respeito à regência temática. Portanto, tem-se uma proposta de regência apropriada disjunta onde uma parte depende da noção de barreira enquanto a outra prescinde dela.

No entanto, os pontos criticados pelos autores são bastante relevantes e convincentes.

referenciais. Assumem que os adjuntos temporais e de lugar são referenciais conforme sugere a existência de pronomes do tipo: aqui, lá, agora, depois etc, que podem ser usados correferencialmente, enquanto que os adjuntos de causa e de modo seriam não-referenciais, explicando-se a inexistência de pronomes análogos aos mencionados em relação a quando/onde.

O sistema desses autores pretende eliminar o PCV em favor de duas condições independentes operando em componentes distintos da gramática<sup>13</sup>.

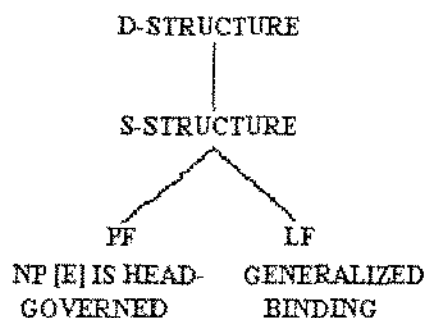


Figura V: Modelo de Gramática segundo Aoun et al.

<sup>13</sup>As condições se definem da seguinte maneira:

Regência por núcleo - condição na PF

As categorias vazias devem ser regidas por um núcleo lexical. Somente as categorias visíveis na PF podem satisfazer essa condição. Visibilidade significa núcleo lexical ou a presença de índice que resulta de processos gramaticais como o movimento ou Comp-indexing e que também permite a legitimação de um NP vazio.

Comp-indexing

Comp-indexing é um instrumento técnico importante para o funcionamento da teoria e consiste num tipo de percolação. O Comp que contém um item indexado pode tomar o índice para si conforme:  $\text{Comp}[X_{\alpha_i} Y] \rightarrow [X_{\alpha_i} Y]_i$ . Dessa maneira, Comp torna-se um núcleo lexical e pode funcionar como regente ou coindexador.

Ligação Generalizada - condição na LF

São consideradas anáforas tanto as categorias vazias resultantes de movimento para posição A (vestígios de SN) como para posições não-A (variáveis).

Teoria Generalizada da Ligação

A: uma anáfora-X deve estar X-ligada no seu domínio

B: um pronome-X deve estar X-livre no seu domínio

C: expressões-R devem estar A-livres

(onde X = A ou não-A)

Em relação às categorias anafóricas, uma anáfora A deve estar A-ligada enquanto que uma anáfora não-A deve estar não-A ligada, ou seja, coindexada e c-comandada pela posição pertinente (posição A ou não-A) dentro do seu domínio. Se uma anáfora não tem domínio, a teoria da ligação não se aplica. Além disso, as anáforas não-A são também expressões-R e devem estar A-livres conforme o Princípio C.

Domínio

O domínio de uma dada expressão  $\alpha$  é a primeira sentença (S ou S') ou NP que contém um SUJEITO acessível para  $\alpha$ . O SUJEITO pode ser Agr, [NP, S] ou [NP, NP].

Acessibilidade

$\alpha$  é acessível a  $\beta$  sse  $\beta$  está no domínio c-comandado de  $\alpha$  e atribuir o índice de  $\alpha$  a  $\beta$  não viola nem o filtro do i-sobre-i nem o Princípio C da Teoria da Ligação.

Nesse modelo os adjuntos referenciais apresentam um comportamento mais "livre" que os não-referenciais. Vejamos as sentenças abaixo:

- (63) Onde você descobriu que a Maria comprou o presente t?
- (64) \*Por que você descobriu que a Maria fugiu de casa t?

Os vestígios dos adjuntos do tipo referencial (63) devem obedecer aos Princípios A e C da Teoria Generalizada da Ligação. De acordo com o Princípio A, este elemento deve estar A'-ligado no seu domínio. O Princípio C diz que o domínio do adjunto não poderá apresentar um sujeito lexical. (63) apresenta sujeitos tanto na sentença encaixada quanto na matriz, logo não haverá um domínio possível em que o adjunto possa estar A'-ligado. Aoun et al. salientam, portanto, que esses elementos não precisam respeitar a Teoria Generalizada da Ligação, tendo apenas de obedecer à relação operador/variável. Ou seja, a variável deve estar coindexada a um operador, não importando a distância entre eles.

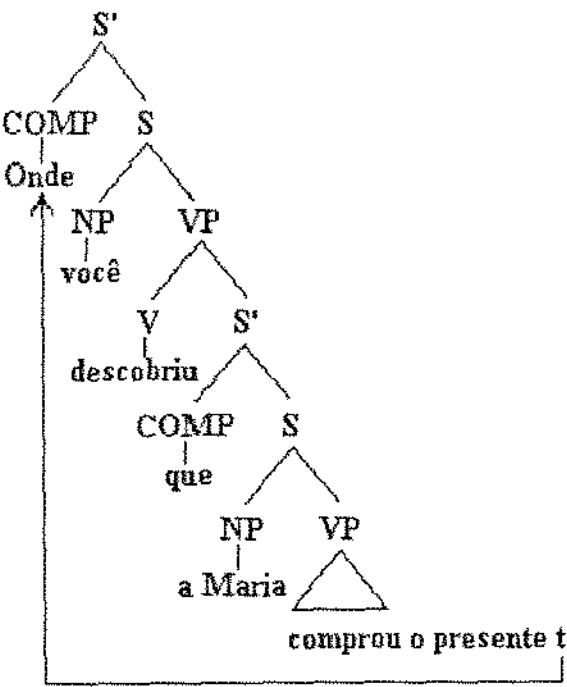


Figura VI: Extração de adjunto referencial no modelo de Aoun et al.

Os adjuntos não-referenciais obedecem somente ao Princípio A. Ou seja, devem estar A'-ligados no seu domínio - a sentença encaixada que contém um sujeito acessível. Isso implica dizer que esse adjunto deve estar ligado ao Comp da encaixada, através de um vestígio intermediário. No sistema de Aoun et al., no entanto, o preenchimento lexical do Comp impossibilita essa ligação, uma vez que o item fonético tem prioridade para fazer percolar seu índice para Comp.

Um Comp com índice diferente ao do vestígio não pode servir como coindexador desse elemento, explicando-se, desse modo, a agramaticalidade da sentença (64).

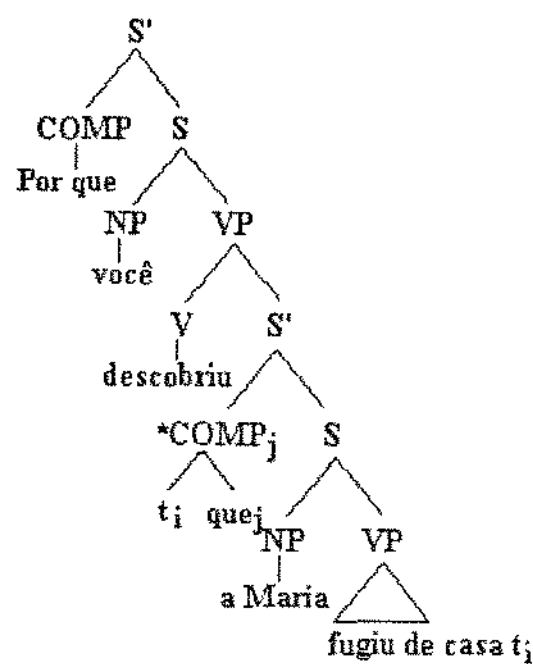


Figura VII: Extração de adjunto não-referencial no modelo de Aoun et al.

Embora o modelo de Aoun et al. consiga explicar a diferença de aceitabilidade entre (63) e (64), percebe-se que o mesmo não ocorrerá em sentenças do tipo abaixo:

- (65) Onde você disse que a Maria comprou o presente t?
- (66) Como você disse que a Maria consertou o carro t?

O ponto a ser questionado diz respeito ao fato de que o português exige sempre a presença do complementador que na sentença encaixada, contrariamente ao inglês.

- (67) Where did he say (that) he lived t?
- (68) \*Why did Bill say that the boat sank t?

Segundo o modelo de Aoun et al., a presença do that na sentença (67) é irrelevante uma vez que um adjunto referencial não apresentará domínio (devido à interação do Princípio C), não obedecendo, portanto, à Teoria Generalizada da Ligação. Para os autores, no entanto, a sentença (68) é agramatical com a presença do that. A única leitura possível para essa sentença é interpretar why como se relacionando à razão da fala de Bill e não à razão do naufrágio do



barco.<sup>14</sup> Ou seja, os adjuntos referenciais não apresentando domínio, podem sofrer movimento longo quer Comp esteja preenchido ou não, já os não-referenciais só apresentam uma possibilidade de movimento - através do Comp da encaixada, desde que este possa agir como coindexador do vestígio original. Isso só acontece se não houver um item lexical nessa posição.

A análise apresentada em Aoun et al. em relação ao "that" pode ser questionada. Esses autores trabalhavam com a noção de Comp puro nessas derivações ignorando reformulações recentes em relação ao nó nulo CP.

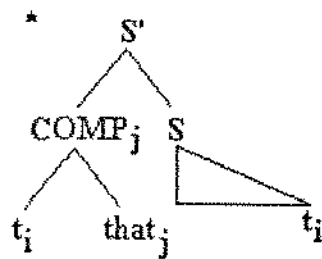


Figura VIII: COMP

Ou seja, o nó nulo Comp ao apresentar um item lexical recebia obrigatoriamente o índice desse elemento não podendo atuar como coindexador do vestígio de adjunto na encaixada. A partir da adoção de CP, no entanto, deve-se questionar o fato de um adjunto na sentença encaixada não estar A'- ligado em seu domínio pelo vestígio intermediário em [Spec, CP] já que este o c-comanda.

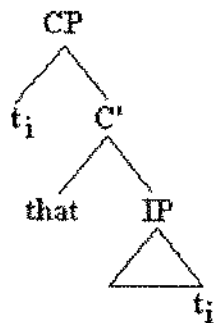


Figura IX: Nó nulo CP

<sup>14</sup>Os autores salientam, no entanto, que a vinculação de 'why' com o naufrágio do barco pode ser adotada por alguns falantes que entendem "why" como "for what reason" e não "for what cause". A primeira interpretação seria referencial (o que implicaria que o vestígio não apresentaria domínio devido à possível violação do Princípio C): "This suggests that pourquoi (ou: why) and comment (ou: how) have both referential and nonreferential senses for some speakers. Given the two senses, the referential senses of these items have the same distribution as 'where' and 'when', which are invariably R-expressions."

Em sentenças do português sempre haverá o complementador que. Além disso, as próprias sentenças do inglês parecem passíveis de questionamento, uma vez que a interpretação do adjunto não-referencial com a sentença encaixada, mesmo na presença do that, não parece poder ser descartada na sentença abaixo:

(69) How do you think that John has fixed the car?<sup>15</sup>

Remete-se à análise em Barreiras, lastreada sobre a proposta de Lasnik & Saito onde esse tipo de sentença é considerada gramatical com a interpretação do adjunto em sentença encaixada. No entanto, salienta-se o fato de que "that" é realmente um problema para essa interpretação uma vez que configura, nesse sistema, barreira por minimalidade, logo é proposto que esse elemento seja apagado entre estrutura S e FL para que não haja violação do PCV. A necessidade do apagamento do "that" também pode ser questionada através da adoção da Minimalidade Relativizada de Rizzi (1990):

#### Minimalidade Relativizada

X  $\alpha$ -rege Y somente se não houver Z tal que:

- (i) Z é um regente  $\alpha$ -típico potencial para Y
- (ii) Z c-comanda Y e não c-comanda X.

Regente- $\alpha$  típico potencial implica elemento do mesmo tipo, cada tipo de cadeia cobrindo uma relação específica. No caso da extração de um adjunto para posição A', somente um elemento em posição A'(por exemplo, no [Spec,CP] da encaixada) poderia bloquear tal relação. O "that" não se adequaria portanto a essa exigência, já que ocupa a posição de núcleo a partir da adoção do CP.

Realmente parece que o elemento complementizador não pode ser o responsável pela impossibilidade da interpretação do sintagma adverbial com a sentença encaixada.

Assim sendo, tem-se um conflito entre o sistema traçado em Barreiras (1986) a partir das configurações de ilhas e a atuação da Condição de Subjacência e do PCV com a análise apontada por Aoun et al., a qual defende a subdivisão entre os adjuntos de tempo e lugar de um lado e modo e razão de outro.

---

<sup>15</sup>Um estudo piloto, no sentido de verificar a possibilidade de interpretação do adjunto com a sentença encaixada nessas estruturas, foi realizado e é reportado no Apêndice I.

Propõe-se, neste trabalho, verificar empiricamente a possibilidade da interpretação do adjunto com a sentença encaixada nesse tipo de estruturas. Isso permitiria analisar que fatores poderiam ser responsáveis pela preferência e possibilidade de ligação do adjunto com a sentença matriz ou encaixada, admitindo-se que o complementador não pode ser tomado como fator relevante (conforme resultado relatado no Apêndice I e discussões expostas acima).

Um aspecto que sem dúvida deve ser considerado é a s-seleção dos verbos das sentenças matriz e encaixada. Um sintagma adverbial de lugar pode ser s-selecionado por verbos como colocar:

(70) Eu coloquei o livro na mesa.

Uma vez argumento do verbo, a extração desse sintagma não sofre as restrições atribuídas aos adjuntos. Em outros contextos, esses elementos são opcionalmente selecionados.

(71) Ele guardou o livro (na estante).

Embora a opcionalidade lhes confira o estatuto de adjuntos, pode-se especular que sua extração seria facilitada.

(72) Onde você descobriu que a Maria guardou o livro t?

No entanto, pretende-se averiguar a possibilidade de extração desses elementos em contextos mais neutros. Ou seja, defende-se que onde (assim como quando) tem sua extração favorecida pelo caráter de referencialidade que possuem, conforme exposição de Aoun et al. (1987) e que essa característica é forte o bastante para questionar seu alinhamento com como e por que.<sup>16</sup>

A subdivisão proposta por Aoun et al., no entanto, pode apresentar algumas peculiaridades importantes de serem salientadas. Conforme exposto anteriormente, o caráter referencial dos elementos onde e quando pode ser justificado pela existência de pronomes do tipo aquí, lá, agora, depois, etc. Há, no entanto, um outro fator interessante - há, ainda, a existência de clíticos de lugar, mas não de tempo, em línguas como o italiano, o francês e, inclusive, o português antigo.

---

<sup>16</sup>Deve-se salientar que há uma leitura possível para como e por que que parece apresentar um caráter mais referencial: trata-se desses elementos como adjunto instrumental e adjunto de finalidade, mas este não é o uso mais freqüente desses sintagmas.

Ele abriu a porta com a chave.

Ele comprou a colher para dar de comer ao bebê.

Remete-se ao texto de Tsai, W.-T.D. (1992) para maiores detalhes em relação ao chinês e peculiaridades de extração a nível de LF.

(73) A casa, non ci sono stato

(74) Allez-vous au restaurant?

J'y vais.

(75) e morou hi consigo ante os olhos daquel que todo vee

Essa constatação pode sugerir uma gradação entre onde e quando. Pode-se conferir ao primeiro elemento características mais fortes de referencialidade, dado tanto o fato da existência de clíticos além de pronomes referentes a adjuntos adverbiais de lugar como o fato de que esse tipo de adjunto é o único que pode ser s-selecionado como integrante da estrutura argumental.

Conclui-se, portanto, pela adequação da subdivisão proposta por Aoun et al. embora se salientem alguns aspectos desse quadro e adote-se um mecanismo diferente para dar conta dessa diferenciação de comportamento entre os adjuntos.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>Um ponto relevante que pode ser levantado em relação ao modelo de Aoun et al. é o fato de que, com a supressão do PCV, ou melhor, com seus efeitos sendo alocados sob duas condições independentes, acaba-se colocando toda a checagem das categorias vazias a nível de PF e LF, o que vai de encontro ao proposto por Chomsky na teoria minimalista, ou seja, que os princípios atuem justamente nas interfaces. A possibilidade que se levanta, portanto, é a de questionar a necessidade de manter o Princípio da Subjacência nesse modelo já que os vestígios resultantes do movimento são checados na LF sob o Princípio A da Teoria Generalizada da Ligação. Salienta-se que essa possibilidade será também levantada pelo sistema a ser adotado nessa dissertação.

## CAPÍTULO II

### 2. Testagem

Cinque (1990) traz um quadro bem ilustrativo acerca dos ambientes onde a assimetria argumento/adjunto se estabelece. Verifiquemos:

#### Strong islands

##### (1) Subject island

- a. \*Which books did [talking about t] become difficult?
- b. \*How would [to behave t] be inappropriate?

##### (2) Complex NP island

- a. \*To whom have you found someone who would speak t?
- b. \*How have you found someone who would fix it t?

##### (3) Adjunct island

- a. \*To whom did you leave without speaking t?
- b. \*How was he fired after behaving t?

#### Weak islands

##### (4) Wh- island

- a. ??To whom didn't they know when to give their present t?
- b. \*How did they ask you who behaved t?

##### (5) Inner (negative) island

- a. To whom didn't you speak t?
- b. \*How didn't you behave t?

##### (6) Factive island

- a. To whom do you regret that you could not speak t?
- b. \*How do you regret that you behaved t?

##### (7) Extraposition island

- a. To whom is it time to speak t?
- b. \*How is it time to behave t?

**Quadro I: Configurações de ilha**

O quadro acima especifica, claramente, que nem argumentos nem adjuntos podem ser extraídos de ilhas fortes, enquanto, em relação às ilhas fracas, somente há restrições à extração de adjuntos. Conforme já mencionado anteriormente, esses resultados são alcançados pelo sistema em Barreiras, obtendo-se em relação às ilhas fortes duas barreiras que levarão à violação da Subjacência. Em relação às ilhas fracas, há a configuração de apenas uma barreira. O PCV, portanto, será responsável por definir a assimetria, uma vez que o argumento obedece ao princípio pela cláusula a) enquanto o adjunto o viola, não conseguindo satisfazer nem a cláusula a) nem a b), devido à barreira.<sup>18</sup>

Buscando-se, portanto, manter a subdivisão pretendida entre os adjuntos, deve-se levar em conta as ilhas fracas e mostrar que há um comportamento diferente no resultado de gramaticalidade obtido por cada tipo de adjunto. Esse foi o objetivo que norteou a elaboração dos questionários do teste.

## **2.1. O Processamento de Estruturas com Adjuntos e a Representação Resultante**

Examinar-se-á, empiricamente, o comportamento de palavras Q do tipo onde/quando/como/por que (Adjto Q) em ambiente de ilha fraca que, segundo várias propostas sintáticas - Chomsky (1986) - deveria constituir barreira para o movimento desses constituintes, uma vez que se trata de adjuntos.

A subdivisão proposta por Aoun et al (1987) para a classe dos adjuntos adverbiais desse tipo, a qual se pretende assumir aqui, implica no fato de que certos adjuntos comportar-se-iam como argumentos e, portanto, não seriam sensíveis a esse tipo de barreira.

O confronto entre essas duas posições é o que se pretende ver testado pelo experimento conduzido com falantes nativos de línguas inglesa e portuguesa e reportado a seguir.

### **Experimento - Ilha Factiva**

Dentre os tipos de ilhas fracas, escolheu-se a ilha factiva como ambiente de testagem.

---

<sup>18</sup>Na seção 1.2.2., foi dada a definição do Princípio das Categorias Vazias, repetida abaixo:

Todo vestígio tem de ser apropriadamente regido:

a) por seu atribuidor de papel temático ou  
b) por um antecedente coindexado.

## Informantes

Para o experimento em língua portuguesa foram utilizados 40 informantes de ambos os sexos, com idade entre 20 e 40 anos e profissões variadas. Foi solicitado que o questionário fosse respondido por escrito, o que era feito em uma sala da Universidade ou na casa do informante.

O mesmo procedimento foi utilizado com os falantes de língua inglesa num total de 12, de ambos os sexos, com idade entre 20 e 50 anos e profissões variadas.

## Método

Em experimentos psicolinguísticos:

"subjects are presented with some sort of linguistic stimulus and are asked to respond in some way that will inform the investigator about either the process by which the material was understood or the resulting mental representation"

(Bower & Clapper 1989:253)

Nesse estudo, em particular, deve-se salientar que se busca a representação mental resultante, embora se saiba que para chegar aí, o informante tenha passado por outros processamentos (de compreensão de palavras, etc) que contribuem para a representação final. Desse modo, não se trata de um experimento que contabiliza tempo de processamento e, portanto, esse fator não é monitorado.

Pretende-se, ainda, a elaboração de experimentos mais específicos para se testar o processamento em tempo real, levando-se em consideração os resultados já obtidos.<sup>19</sup> Na atual condução do estudo, testa-se a adequação da subdivisão proposta, ou seja, a hipótese a ser

---

<sup>19</sup>Pretende-se a elaboração de um teste que contabilize tempo de reação como reflexo da ligação atribuída ao Adjto Q em sentenças do tipo sendo testadas aqui. Essa possibilidade tem sido discutida com o Prof. Dr. Edson França e consistiria de um teste de monitoramento aplicado via computador. O sujeito é instruído a monitorar o surgimento de uma luz amarela (bolinha amarela na tela) enquanto processa a leitura da sentença com Adjto Q. Essa luz amarela pode tanto ser apresentada após a ilha factiva assim como no final da sentença. Levando-se em consideração que o Adjto Q não-referencial, na presença de um verbo factivo, só pode ser interpretado como modificador da sentença matriz, espera-se que o tempo de reação do sujeito frente à tarefa de apontar o surgimento da luz amarela na tela seja menor quando essa luz aparece logo após a ilha factiva, em comparação com Adjtos Q referenciais. Estes podem ser interpretados como modificadores da sentença encaixada e, portanto, são retidos na mente do falante (no "buffer") enquanto é feita a leitura da sentença encaixada em busca de um local passível de ser o ponto de adjunção desse elemento, daí o tempo de reação maior para apontar o surgimento da luz amarela, devido à sobrecarga do sistema.

testada consiste em verificar se os elementos ditos referenciais (onde/quando) são cegos à barreira da ilha factiva.

O experimento elaborado para verificar tal hipótese consiste de uma série de perguntas complexas onde os elementos onde/quando/como/por que poderiam, hipoteticamente, estar em posição de base tanto adjuntos à sentença matriz quanto à encaixada. A variável dependente desse experimento consiste, justamente, no comportamento que o informante apresenta em relação à interpretação do Adjto Q como referindo-se à sentença matriz ou à encaixada.

As variáveis independentes do experimento cruzam uma série de fatores que podem beneficiar um comportamento específico do informante. A ilha factiva é um desses fatores. Segundo as análises tradicionais, essa ilha constitui barreira para o movimento de adjuntos, o que implicaria em uma única posição de adjunção para esses elementos - a sentença matriz, condicionando, desse modo, o comportamento do informante em relação à interpretação do Adjto Q. São usadas como sentenças controle perguntas com verbos parentéticos na matriz que, em oposição aos factivos, permitem interpretação do Adjto Q movido quer com a sentença matriz quer com a encaixada.

Deve-se salientar, no entanto, a atuação que um outro fator pode exercer nesse quadro. Trata-se da referencialidade do Adjto Q movido - ponto central a ser testado pelo experimento. A referencialidade dos Adjto Q onde e quando pode determinar comportamento específico em relação à ilha factiva. Esses elementos, segundo a hipótese sendo testada aqui, comportam-se como argumentos sendo, portanto, cegos em relação à essa barreira.

Dentro desse contexto, faz-se, ainda, necessário verificar a atuação de um terceiro fator - o tipo de Adjto Q utilizado. Além dos pronomes interrogativos onde/quando/como/por que, usaram-se também as variantes em que lugar/em que dia/de que modo/por qual motivo que podem mais facilmente ser discursivamente ligados (D-linked, cf. Pesetsky 1989)<sup>20</sup> o que pode também determinar comportamento específico.

---

<sup>20</sup>Pesetsky salienta que esses elementos tem a habilidade "de referir a membros específicos de um conjunto na mente do falante ou preestabelecido no discurso anterior".

Essa habilidade possibilita que esses sintagmas ligados ao discurso (D-linked) recebam uma interpretação sem movimento, em que correferem livremente com vestígios mesmo em ilhas, explicando-se sua maior aceitabilidade em contextos de violação de ilhas Q. Já os sintagmas non-D-linked receberiam escopo somente através de movimento a nível de LF.

? What book<sub>j</sub> don't you know who<sub>i</sub> to persuade e<sub>i</sub> to read e<sub>j</sub>?

\*Who<sub>i</sub> don't you know what book<sub>j</sub> to persuade e<sub>i</sub> to read e<sub>j</sub>?



Solicitou-se ao informante que, se possível, desse mais de uma resposta a cada pergunta, o que objetiva verificar se o falante consegue processar as duas possibilidades de atribuição de local de adjunção do sintagma adverbial em algumas sentenças que o permitem. Teremos, assim, como primeira resposta o processamento mais imediato ou natural, embora o falante possa em algum momento reanalisar a sentença e atribuir-lhe uma outra estrutura possível o que implica em uma resposta de tipo diverso da primeira. Essa reanálise não será possível, segundo a hipótese a ser testada, em ambientes de ilha fraca para aqueles elementos considerados não-referenciais. Solicitou-se ao informante, todavia, que sua primeira resposta escrita fosse sempre a primeira que lhe tivesse vindo à mente.<sup>21</sup>

### Material

A tabela abaixo apresenta as sentenças a serem testadas divididas em quatro listas. Há dois verbos controle sendo usados - dizer e ouvir e dois verbos factivos - descobrir e comentar.

	DIZER	DESCOBRIR	OUVIR	COMENTAR
Onde você ___ que a Maria comprou o presente?	I	IV	III	II
Em que dia você ___ que o Carlos viu a peça?	II	I	IV	III
Como você ___ que o Pedro aplicou o dinheiro?	III	II	I	IV
Por qual motivo você ___ que o Beto brigou com a Paula?	IV	III	II	I
De que modo você ___ que o Marcos consertou o carro?	I	IV	III	II
Por que você ___ que a Rita fugiu de casa?	II	I	IV	III
Em que lugar você ___ que o Paulo assistiu ao show?	III	II	I	IV
Quando você ___ que o Carlos bateu o carro?	IV	III	II	I

Quadro II: Sentenças-teste

<sup>21</sup>Esse cuidado teve de ser tomado já que o falante dispunha de tempo não-controlado e sua resposta era escrita, o que não garantia ao experimentador que ele primeiro tivesse pensado sobre as duas possibilidades de interpretação para a pergunta e depois escrevesse as respostas de modo que estas representassem por escrito a sequência de interpretações que ele tivera ao processar a pergunta.

Cada lista apresenta, ainda, 12 sentenças do tipo despistadoras ("fillers"), sendo que 6 delas permitem dois tipos de respostas enquanto as outras 6 só possibilitam uma resposta. Em relação ao verbo da matriz, 9 perguntas apresentam verbos factivos enquanto as outras 3 trazem verbos parentéticos na sentença matriz. As sentenças são do mesmo tipo estrutural das perguntas do teste.

Abaixo temos um dos questionários exemplificado:

#### Lista I

Na sentença *Pedro viu o menino do morro*, podemos imaginar que Pedro estava no morro e viu o menino ou que Pedro tenha visto o menino que mora no morro.

Responda as perguntas abaixo com mais de uma resposta, se possível. Algumas delas podem apresentar mais de uma interpretação, conforme o exemplo acima.

1. Onde você disse que a Maria comprou o presente? (Pergunta Teste 1)
2. Quem você descobriu que o Pedro levou no carro? (Pergunta Despistadora 1)
3. De que cidade você comentou que a Paula telefonou ao namorado? (PD 2)
4. Em que dia você descobriu que o Carlos viu a peça? (PT 2)
5. Com que carro você disse que a Maria viajou a Bauru? (PD 3)
6. Como você ouviu que o Pedro aplicou o dinheiro? (PT 3)
7. O que você disse que a Maria guardou no bolso? (PD 4)
8. Por qual motivo você comentou que o Roberto brigou com a Paula? (PT 4)
9. Para quem você descobriu que o Paulo conseguiu o dinheiro? (PD 5)
10. Que cidades você comentou que a Ana visitou com o Felipe? (PD 6)
11. De que modo você disse que o Marcos consertou o carro? (PT 5)
12. Para que você disse que o Pedro comprou uma arma? (PD 7)
13. Que amigos você descobriu que o Paulo convidou para a festa? (PD 8)
14. Por que você descobriu que a Rita fugiu de casa? (PT 6)
15. Para qual amigo você descobriu que a Rita mandou a carta? (PD 9)
16. Em que lugar você ouviu que o Paulo assistiu o show? (PT 7)
17. Para quem você descobriu que o Beto deixou a herança? (PD 10)
18. Com quem você comentou que o Marcos deixou a filha? (PD 11)
19. Quando você comentou que o Carlos bateu o carro? (PT 8)
20. Com o que você descobriu que o assassino matou a criança? (PD 12)

**Quadro III: Exemplificação de questionário**

Os questionários foram vertidos para o inglês por Robert J. Miessler<sup>22</sup>, falante nativo de inglês vivendo no Brasil há mais de 30 anos e, portanto, com perfeito domínio desse idioma também.

## Resultados

Computaram-se os resultados da seguinte maneira. Primeiramente, consideraram-se somente as primeiras respostas e verificou-se o percentual de interpretação de cada Adjto Q quer com a sentença matriz quer com a encaixada para cada verbo utilizado. Em seguida, fez-se o mesmo em relação à segunda resposta, adicionando-se a possibilidade da sua não-ocorrência, uma vez que nem sempre os informantes as forneciam. Numa terceira etapa, cruzaram-se as informações tipo de resposta (encaixada/matriz) com tipo de verbo (parentético/factivo) para cada Adjto Q. Examinam-se aí os percentuais de ocorrência da interpretação com a encaixada, desconsiderando-se a ordem em que essa resposta tenha aparecido. Os gráficos relativos a cada etapa são apresentados no Apêndice 2.<sup>23</sup>

Nesta seção, pretende-se apresentar os gráficos diretamente relevantes para a discussão aqui levantada.

## Discussão

A primeira divisão que pode ser traçada entre os resultados obtidos diz respeito ao diferente comportamento das palavras Q comparadas aos sintagmas Q. Os últimos apresentam possibilidade de ligação com a sentença encaixada mesmo na presença de verbos factivos, conforme salientado por Pesetsky e já mencionado aqui. Isso pode ser observado nos Gráficos LIII, LIV, LV e LVI. Salienta-se, contudo, que os percentuais de interpretação com a sentença encaixada, na presença do verbo factivo na matriz, foram maiores em relação a em que lugar e em que dia quando comparados com de que modo e por qual motivo.

Em relação às palavras Q e levando-se em conta o que foi discutido até o momento, esperar-se-ia que onde e quando permitissem sua interpretação com as sentenças encaixadas mesmo em ambiente de ilha fraca, ou seja, mesmo na presença de um verbo factivo na sentença matriz.

---

<sup>22</sup>Residente a R. Frei Antonio de Pádua, 1045 - Campinas/São Paulo.

<sup>23</sup>É considerada a numeração original do Apêndice.

Tomando-se os dados relativos a onde, verifica-se a comprovação dessa hipótese. Em termos absolutos, isso pode ser verificado pelo Gráfico XXXXIX:

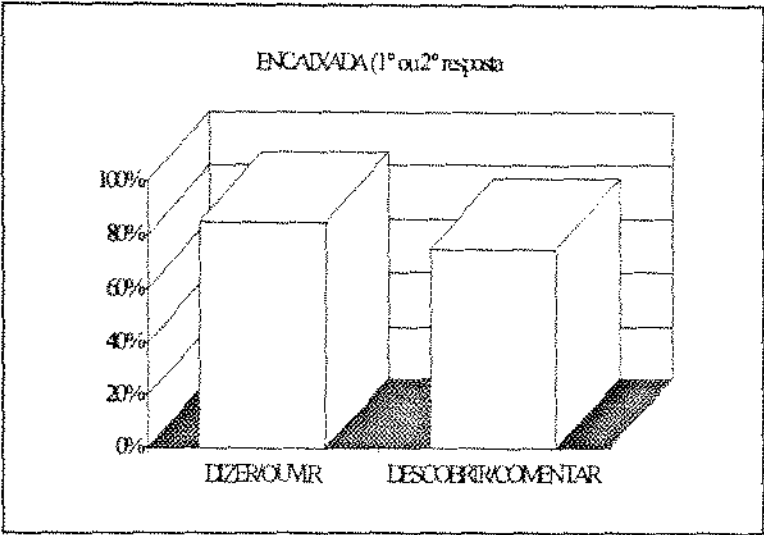


Gráfico XXXXIX

Deve-se salientar, no entanto, que a ligação de onde com a sentença encaixada já se mostrou bastante relevante a nível de primeira resposta.

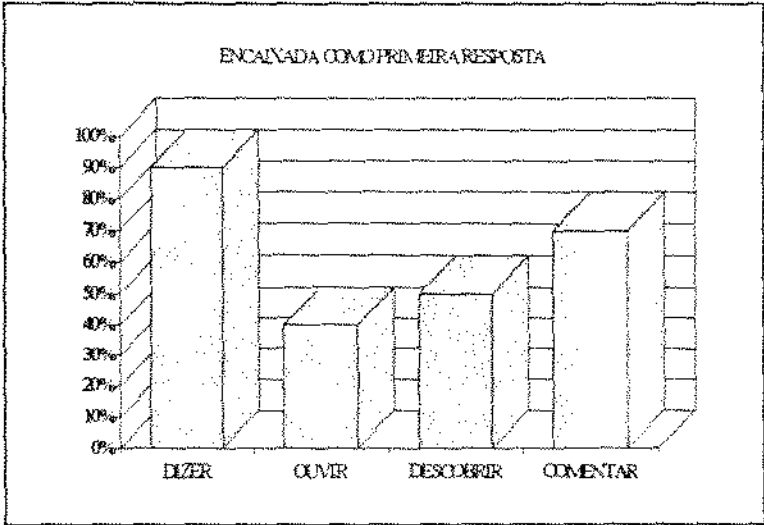


Gráfico I

Essa quantificação dos dados mostra que onde, indubitavelmente, apresenta possibilidade de ligação com a sentença encaixada tanto a nível de verbos factivos quanto de parentéticos.

Já em relação a quando, há um decréscimo sensível no resultado obtido para ligação com a encaixada como primeira resposta.

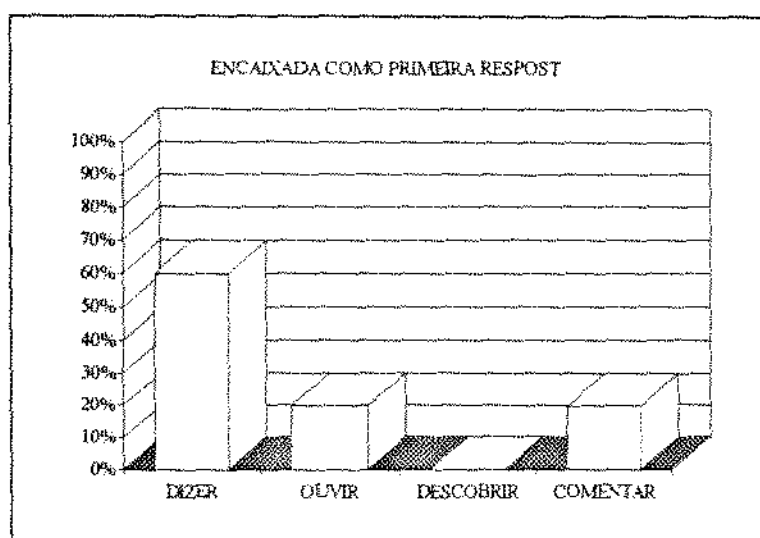


Gráfico III

No entanto, verifica-se que essa possibilidade é explorada pelo informante a nível de verbos factivos como segunda possibilidade de interpretação do Adjto Q, conforme pode ser verificado pelos gráficos abaixo, relativos à segunda resposta fornecida pelos informantes.

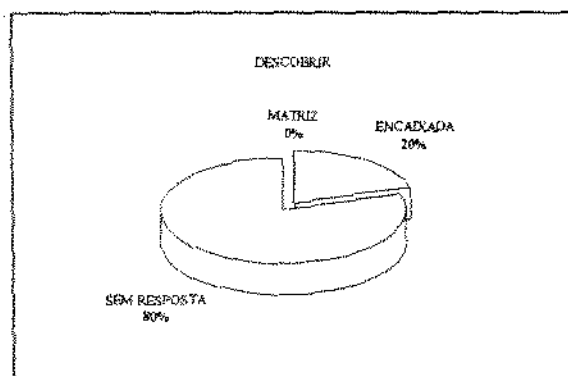


Gráfico XXIII

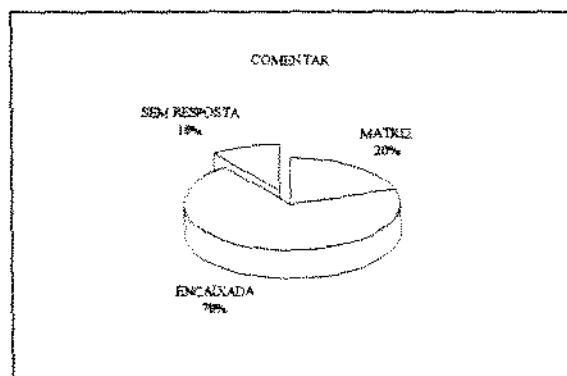


Gráfico XXIV

Esse comportamento é, portanto, refletido pelo gráfico de ocorrência da interpretação do Adjto Q com a encaixada a nível do cruzamento dos fatores tipo de resposta x tipo de verbo.

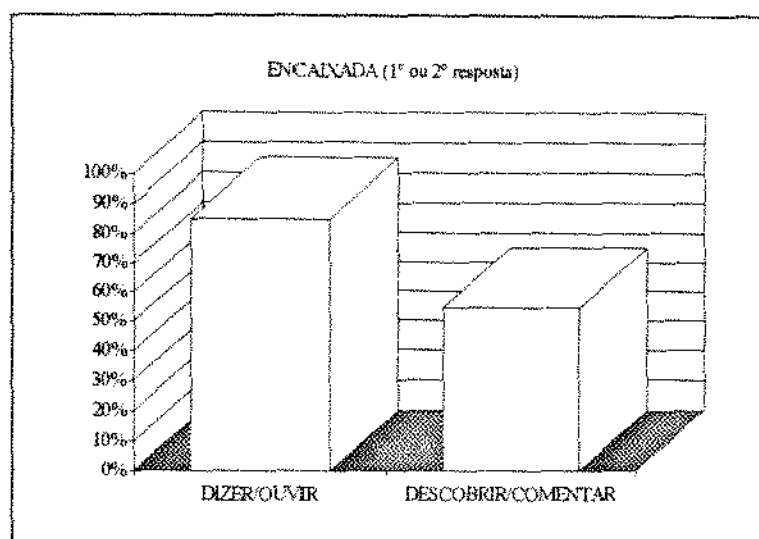


Gráfico L

Diante desses resultados, pode-se tomar como comprovada a hipótese de que a interpretação dos adjuntos referenciais com as sentenças encaixadas, mesmo na presença de verbos factivos na sentença matriz, é possível.

Tomando-se os Adjto Q não-referenciais, verifica-se um comportamento diverso em relação à interpretação do Adjto Q com a sentença encaixada na presença de verbos factivos. A ilha factiva é uma barreira para esse tipo de ligação. Vejamos os resultados relativos a por que. Verifica-se que a ligação do Adjto Q com a sentença encaixada não acontece com os verbos factivos, sendo, inclusive bastante inexpressiva mesmo com os verbos parentéticos.

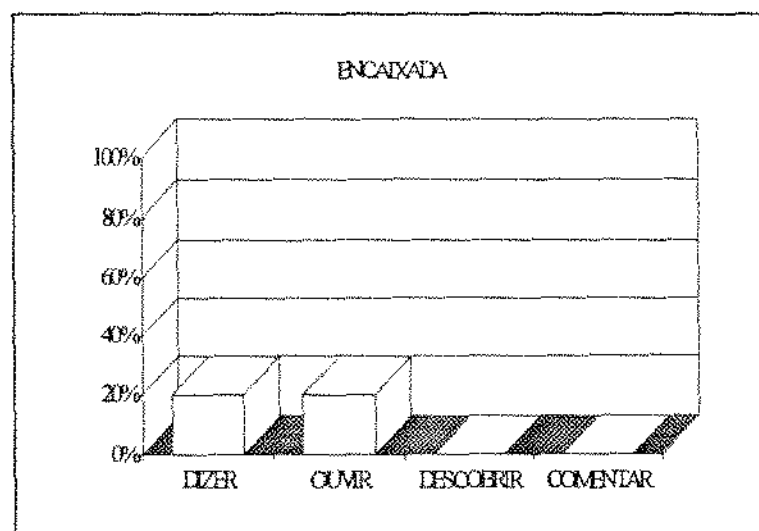


Gráfico VII

Em termos absolutos, percebe-se que a possibilidade de interpretação do Adjto Q com a sentença encaixada acaba sendo um pouco mais explorada como segunda alternativa a nível de verbos parentéticos. Em relação aos verbos factivos, a interpretação com a sentença encaixada mostra-se inexistente, corroborando o fato de que a ilha factiva é operante para esse adjunto não-referencial.

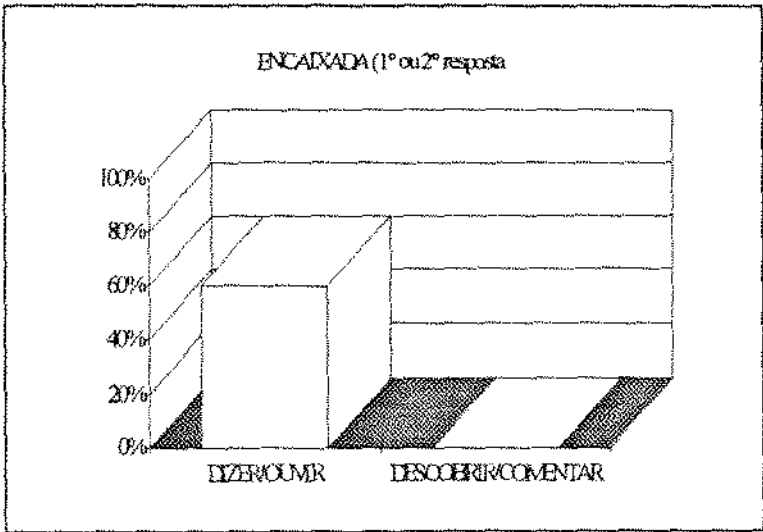


Gráfico LII

Apresenta-se, a seguir, o gráfico relativo a como, onde se vêem os percentuais de interpretação com a sentença encaixada a nível de primeira resposta.

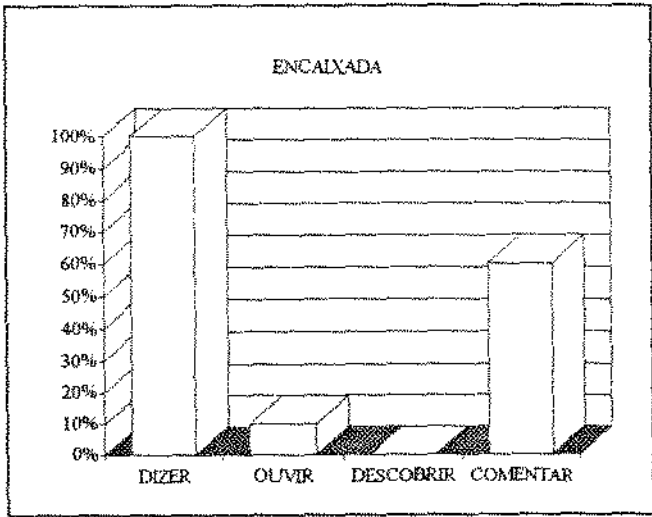


Gráfico V

Observa-se aqui que se obteve a interpretação de como vinculado à sentença encaixada na presença de um dos dois tipos de verbos factivos utilizados - comentar. O gráfico geral de ocorrência da interpretação do Adjto Q com a encaixada reflete essa origem.

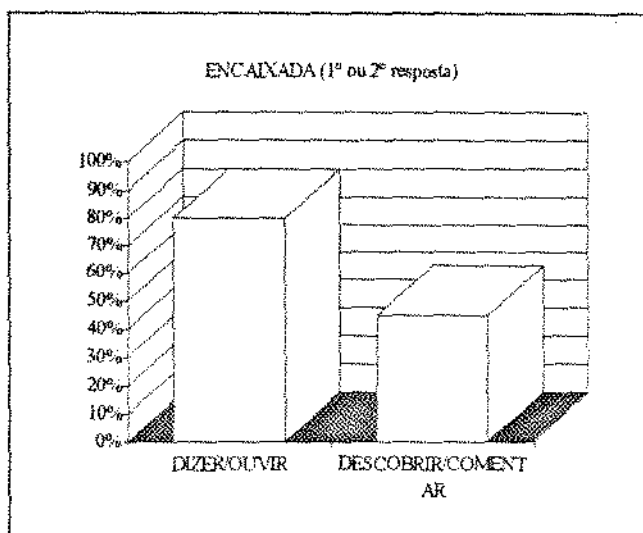


Gráfico LI

Esses resultados obtidos com como parecem contradizer o assumido até então, a saber, que a ilha factiva seria uma barreira para os adjuntos não-referenciais por que (que apresentou resultados confirmadores) e como (que rebate essa hipótese). Uma minuciosa observação dos testes, no entanto, obriga a que se faça uma advertência. Salienta-se que a sentença usada para a testagem de como mostrou-se um tanto quanto inadequada. Trata-se da seguinte sentença: Como você disse/ouviu/descobriu/comentou que o Pedro aplicou o dinheiro? O verbo aplicar pode apresentar argumentos implícitos, ou seja, esses argumentos podem ser omitidos. Pode-se dizer apenas: Eu apliquei em CDB, omitindo-se dinheiro ou, ainda, Eu apliquei o dinheiro, onde, implicitamente, se sabe que foi em algum tipo de aplicação financeira - em dólar, em ouro, em ações etc. Essa explicitação é, então, detonada pela presença do Adjto Q. Verificou-se, portanto, respostas desse tipo, explicitando em que (onde) o dinheiro foi aplicado e não de que modo (bem/muito bem/pessimamente) esse dinheiro foi aplicado. Essa discussão parece esclarecer que o resultado obtido com como não pode ser considerado plenamente satisfatório, já que o ambiente testado diferencia-se dos demais pela falta de neutralidade do verbo da encaixada. Da mesma maneira que se evitou usar colocar ou guardar nas sentenças com Adjto Q onde, esse tipo de verbo - aplicar - deveria ter sido evitado aqui. Essa observação é relevante uma vez que o



estudo piloto havia demonstrado a não-ocorrência de interpretação do Adjto Q como com sentenças encaixadas em ambiente de ilha factiva.<sup>24</sup>

No que concerne aos questionários em língua inglesa, salienta-se o menor número obtido de informantes nessa língua. Ampliar esse número parece desejável. No entanto, com a amostragem obtida, já se pode verificar um comportamento bastante similar ao apresentado pelos sujeitos de língua portuguesa.

Verifica-se que where e when possibilitam a ligação com a sentença encaixada mesmo em ambiente de ilha fraca, conforme atestam os gráficos abaixo. Além desses, podem ser obtidos maiores detalhes do comportamento desses adjuntos no Apêndice 2.

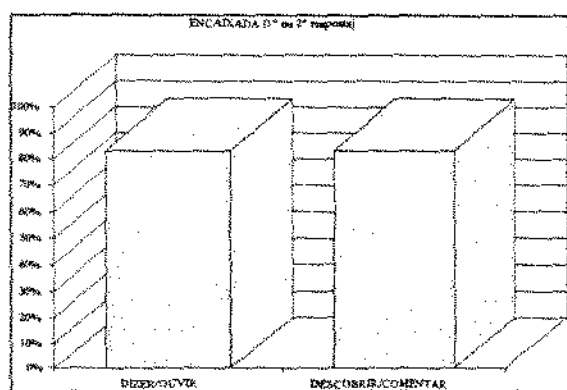


Gráfico CV

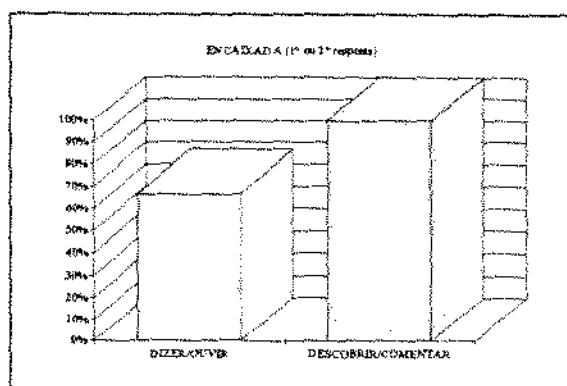


Gráfico CVI

Os resultados obtidos com how e why também se alinham àqueles já expostos em relação a como e por que. Observa-se, mais uma vez, o desvio obtido em relação a how que já foi abordado anteriormente. Trata-se da mesma sentença, em inglês e em português, que propiciou esse desvio.

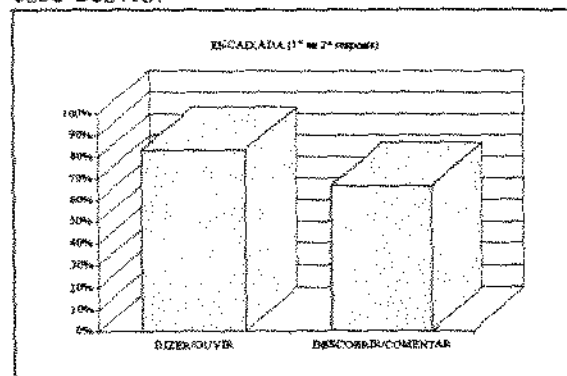


Gráfico CVII

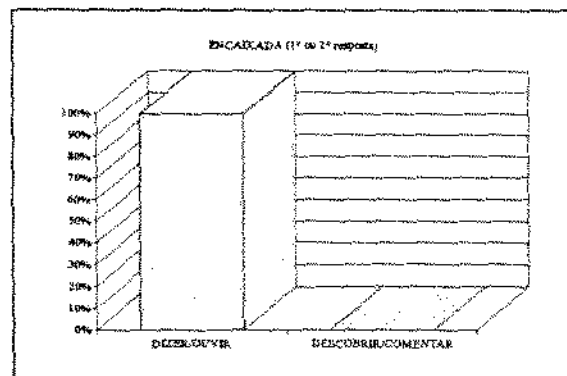


Gráfico CVIII

<sup>24</sup>O estudo piloto apresentou a seguinte sentença para a testagem desse AdjQ: Como você notou que a Maria abriu a porta?

Diante desses resultados, tem-se, portanto, corroborada a subdivisão sugerida por Aoun et al. (1987) e assumida aqui. O sistema que se pretende propor para dar conta desses fatos, no entanto, diverge do apontado por esses autores.

## 2.2. O sistema proposto

Um ponto que precisa de reformulação, diante do discutido até agora, é o PCV. O caráter disjuntivo do princípio que explica a assimetria argumento/adjunto não pode ser mantido, uma vez que a própria assimetria argumento/adjunto não é um fenômeno com divisões tão definidas. A reformulação do PCV já foi alvo de vários autores (o próprio Aoun et al.). A proposta assumida aqui baseia-se em análises de Rizzi (1990) e Cinque (1990).

### 2.2.1. Rizzi (1990)

Um conceito importante que se pretende tomar de Rizzi é o das condições de aparecimento de uma categoria vazia, traduzidas pelas noções de legitimação formal e identificação referencial. Legitimação formal envolve relação de regência enquanto que a identificação de uma categoria tem a ver com aspectos de ligação, os elementos com os quais está coindexada e por meio dos quais recebe interpretação.<sup>25</sup>

Nesse contexto, Rizzi reformula o PCV como uma condição de legitimação formal da categoria vazia:

#### Princípio das Categorias Vazias

Uma categoria vazia não-pronominal deve ser apropriadamente regida por um núcleo lexical.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup>Rizzi esclarece:

"(...) we may think of the theory of each type of null element as consisting of two components: a principle of formal licensing, which characterizes the formal environment in which the null element can be found, and a principle of identification, which recovers some contentive property of the null element on the basis of its immediate structural environment."

<sup>26</sup>O sistema de Rizzi articula-se com as noções de regência por núcleo, regência por antecedência e "binding":

Regência por núcleo:

X rege por núcleo Y sse:

(i) X (A, N, P, V, Agr, T)

Adotando-se uma formulação do PCV como uma condição de legitimação formal, resta estabelecer como os elementos vazios serão referencialmente identificados. Conforme a própria definição do PCV sugerida anteriormente, a regência por antecedência ou a atribuição de um papel  $\theta$  podem ser assumidos como contextos para a identificação.

Pretende-se elaborar um sistema nos moldes do de Rizzi em que os elementos referenciais possam sofrer extração longa uma vez que tem intrinsecamente a propriedade da referencialidade, o que seria impossibilitado aos elementos não-referenciais.

Os elementos ditos referenciais são, no sistema de Rizzi, aqueles selecionados pelo verbo e que se referem a participantes do evento. Os não-referenciais seriam os selecionados pelo verbo que, no entanto, qualificam o evento composicionalmente (medida, modo, etc) ou idiossincriticamente (expressões idiomáticas).<sup>27</sup>

---

(ii) X m-comanda Y

(iii) não há barreiras

(iv) minimalidade relativizada é respeitada.

Regência por antecedente:

X rege por antecedência Y sse:

(i) X e Y estão coindexados

(ii) X m-comanda Y

(iii) não há barreiras

(iv) minimalidade relativizada é respeitada.

De acordo com a minimalidade relativizada, o sistema garante que cada tipo de cadeia cubra uma relação específica que só pode ser bloqueada por um regente potencial do mesmo tipo, ou seja, núcleos para regência por núcleo e elementos em posição A, A' ou X<sup>o</sup> para regência por antecedência.

<sup>27</sup>Rizzi chega a essa divisão observando que há elementos que, embora selecionados, não se comportam como legítimos argumentos, não permitindo extração sobre ilha Q, por exemplo. É o caso de advérbios lexicalmente selecionados e sintagmas de medida também lexicalmente selecionados.

O verbo *se comporter* do francês, por exemplo, seleciona obrigatoriamente um advérbio de modo e opcionalmente um complemento argumental de companhia. Ao se tentar a extração desses elementos de uma ilha, percebe-se, no entanto, um comportamento diferenciado:

? Avec qui ne sais-tu pas [comment {PRO te comporter t t}]

\*Comment ne sais-tu pas [avec qui {PRO te comporter t t}]

O mesmo vale para o verbo *weigh* do inglês. Trata-se de um verbo ambíguo que seleciona tanto um objeto direto no caso de sujeito agente como um sintagma de medida para expressar o estado do sujeito:

John weighed apples

John weighed 200 lbs.

Sendo complementos, esses elementos estariam respeitando, na formulação anterior do PCV, a primeira cláusula do princípio. No entanto, percebe-se que a extração desses elementos não é equivalente, já que em configuração de ilha Q, a interpretação do *what* como referente ao peso (estado do sujeito) não é alcançada:

What did John wonder how to weigh t?

A partir dessas observações, Rizzi propõe que há dois tipos de papéis theta: referenciais e não-referenciais: "It makes intuitive sense to say that the direct object of agentive *weigh* and the comitative complement of *behave* are referential whereas the measure phrase selected by stative *weigh* and the manner adverbial selected by *behave* are not, and so forth."

Segundo Rizzi, o elemento referencial tem a capacidade de carregar seu índice quando movido, estabelecendo uma cadeia entre si e o vestígio que ocupa sua posição original. Esta é uma relação de ligação genuína e que automaticamente identifica o elemento referencialmente.

Na ausência da possibilidade de ligação, o sistema busca outro instrumento de coindexação, a saber, a regência por antecedência para coindexar uma variável a seu operador:

(76) Who<sub>k</sub> did you see t<sub>k</sub>? (relação de ligação/binding)

(77) How did you behave t? (regência por antecedência)

A diferença fundamental entre os dois processos de identificação é que "binding" pode operar a qualquer distância enquanto regência por antecedência é intrinsecamente local, sofrendo maiores restrições.

Esse sistema permite tratar os adjuntos referenciais como elementos cujos vestígios tem sua referencialidade alcançada via ligação, o que explica seu comportamento diferente em relação aos adjuntos não referenciais.

Rizzi também admite a referencialidade dos adjuntos de tempo e lugar, ilustrada pelos exemplos abaixo:

(78)?In che negozio non ti ricordi che cosa abbiamo comprato?

(79)?Con che chiave non ti ricordi che porta abbiamo aperto?

(80)?? A che ora non ti ricordi che cosa abbiamo detto?

(81)\* In che modo non ti ricordi che cosa abbiamo detto?

(82)\* Per che ragione non ti ricordi che cosa abbiamo detto?

Rizzi (1990:91) salienta que:

"Instrumentals behave as selected arguments in applicative constructions in many languages (Baker 1988), so it seems appropriate to assign them the status of optionally selected arguments."

Assim como:

"as events take place in time and space it is reasonable to assume that locative and temporal elements are selected by the head containing the event specification in the clausal structure."

Desse modo, pode-se pensar em traçar uma linha divisória entre os sintagmas temporal e de localidade de um lado e os sintagmas de modo e causa de outro. A proposta a que Rizzi chega é, portanto, idêntica à defendida por Aoun et al. e à assumida também nessa dissertação - adjuntos referenciais (when/where) e não-referenciais (why/how).

Assume-se, portanto, que as ilhas fracas apresentam uma configuração que bloqueia o movimento do adjunto não-referencial da sentença encaixada para a matriz mas que não o faz em relação aos argumentos e aos adjuntos referenciais. Admitindo-se que argumentos e adjuntos referenciais podem ambos usar do recurso de ligação enquanto os adjuntos não-referenciais só podem recuperar sua referencialidade através da regência por antecedência, parece adequado propor que, nessas configurações, há uma barreira que impede a regência por antecedência mas não a ligação.

### 2.2.2. Cinque (1990)

Um sistema construído sobre essa possibilidade é o de Cinque (1990), de onde vem as definições abaixo de barreira para ligação e barreira para regência:

#### Barreira para ligação

Uma projeção máxima que não seja (direta ou indiretamente) selecionada na direção canônica por uma categoria não distinta de [+V] constitui barreira para a ligação.

#### Barreira para regência

Uma projeção máxima que não seja diretamente selecionada por uma categoria não distinta de [+V] constitui barreira para a regência.

As ilhas factivas deveriam apresentar, portanto, uma barreira relevante para a regência mas não para a ligação:

(83) Onde você lamentou que a Maria tenha comprado o livro t?

(84)\*Por que você lamentou que a Maria tenha brigado com o namorado t?

A configuração estrutural da uma sentença com verbo factivo tem recebido algumas possíveis análises.

A primeira, mais tradicional (cf. Kiparsky & Kiparsky, 1971), baseada, entre outros, no argumento de que os complementos de verbos factivos podem ser precedidos pelo NP "o fato" ou "it" em inglês, propõe a seguinte estrutura para o complemento oracional desses verbos:

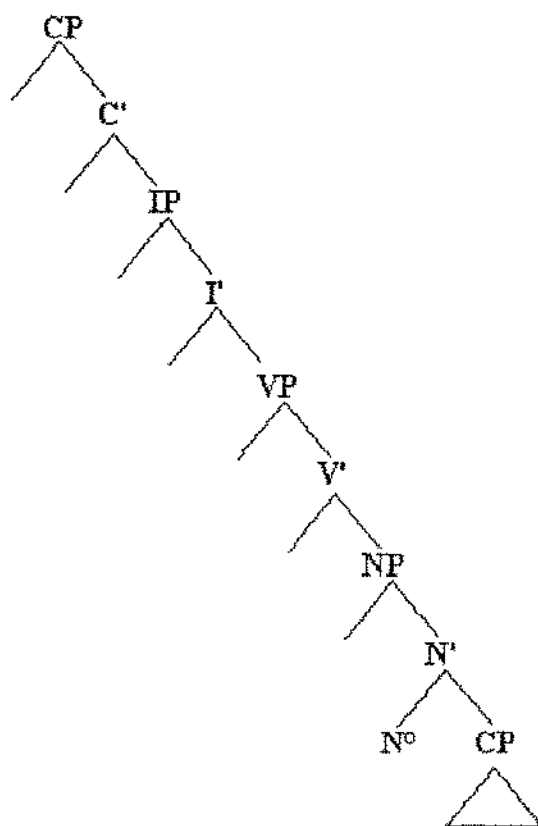


Figura X: Verbo factivo (Kiparsky & Kiparsky)

(85) Por que você lamentou o fato de que a Maria tenha brigado com o Paulo?<sup>28</sup>

O apagamento de "o fato" pode ocorrer, formando a sentença equivalente:

(86) Por que você lamentou que a Maria tenha brigado com o Paulo?

Nesse sentido, portanto, parece haver a configuração de um NP complexo similar à estrutura referente às orações relativas e completivas nominais, que são conforme o quadro exposto anteriormente ilhas fortes. Já foi salientado que a extração a partir de completivas

<sup>28</sup>Bastante comum é também:

Por que você lamentou o fato da Maria ter brigado com o Paulo?

Segundo Raposo (1987), os factivos selecionam construções nominais e no caso da estrutura acima, com infinitivos, não se assume a existência de CP. É justamente o fato do NP não atribuir Caso que justifica a inserção da preposição de. É essa preposição que rege e atribui Caso ao constituinte encaixado.

nominais é marginal e isso não é capturado pela teoria. A extração de argumentos assim como de adjuntos adverbiais referenciais a partir da ilha factiva também é possível, o que questiona essa configuração similar ao NP complexo.<sup>29</sup>

Melvold (1991) apresenta uma outra versão para a análise dos complementos oracionais de verbos factivos. A autora assume que o complemento de verbos factivos é L-marcado, sendo diretamente selecionado por V°. Logo não constitui barreira nem para movimento nem para regência (a autora assume o sistema em Barreiras). No entanto, esse CP tem um diferenciador que é a presença de um operador em seu Spec.<sup>30</sup>

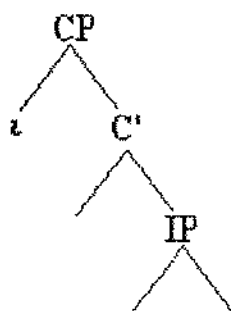


Figura XI: Operador iota

Esse operador será responsável por explicar a assimetria objeto/adjunto que a autora assume. A extração de constituintes não poderá usar o Spec de CP como local de pouso intermediário, já que este se encontra ocupado pelo operador iota. CP embora L-marcado, constitui-se como barreira por herança por dominar IP - uma categoria bloqueadora. Em relação a NPs objeto, a existência dessa barreira é inócua uma vez que o vestígio original é regido tematicamente e os vestígios intermediários podem ser apagados. No caso dos adjuntos, essa barreira será responsável pelo status agramatical da sentença, já que os adjuntos precisam de regência por antecedência para respeitarem o PCV. Curiosamente, para este trabalho e as propostas sendo sugeridas aqui, Melvold só utiliza sentenças com why/how para exemplificar a agramaticalidade da extração com adjuntos.<sup>31</sup>

<sup>29</sup>Veja-se a sentença:

O que você lamentou que a Maria tenha comprado t?

<sup>30</sup>Os complementos de verbos factivos representam uma pressuposição e, portanto, constituem-se como descrições definidas de um evento, ou seja, possuem a característica de se referirem a um objeto no mundo - um evento. Melvold sugere, então, que a grade temática desses verbos inclua essa especificação. O complemento tem o caráter de definido e licencia um operador em Spec de CP que liga a posição de evento <e> especificada na grade temática.

<sup>31</sup>Embora haja aspectos bastante interessantes desenvolvidos pela autora, como a preocupação em ter refletidas nas estruturas sintáticas, distinções semânticas, dada sua discussão acerca da relação entre factividade e definitude que leva a relações como especificidade e referencialidade, não se pretende adequar os resultados da

Dentro do sistema apontado por Cinque e assumido aqui, faz-se referência a uma terceira proposta. Vários autores<sup>32</sup> argumentam que o complemento CP de um verbo factivo está, na verdade, mais alto que V'. A sugestão é de considerá-los adjuntos a VP.

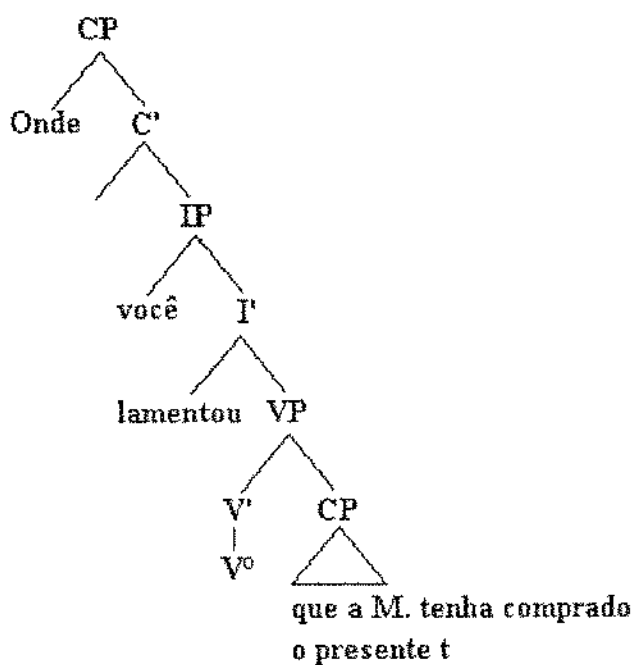


Figura XII: Verbo factivo - barreira para ligação

Essa estrutura permite adequadamente explicar a assimetria apontada aqui, segundo o sistema assumido. O V° e o complemento CP não estão em relação de irmandade na estrutura acima, o que implica que embora  $\theta$ -marcado pelo verbo, este elemento não é L-marcado uma vez que L-marcação é definida como  $\theta$ -marcação direta por um núcleo lexical. Para ser diretamente  $\theta$ -marcado por V°, CP deveria ser dominado pelas mesmas projeções de V° e CP não é dominado por V'.

Nesse contexto, portanto, temos a configuração de uma barreira para a regência mas não para a ligação. CP não é diretamente selecionado por V°, logo há uma barreira operando para os elementos não-referenciais que precisam recuperar sua referência via regência por antecedência.

---

pesquisa aqui relatada a esse sistema, ou assumir sua estrutura para os complementos de verbos factivos para a análise proposta, uma vez que a preferência apontada em relação às definições de Cinque para barreiras confronta-se, basicamente, com a teoria adotada por Melvold como base para sua proposta - o sistema em Barreiras.

<sup>32</sup>Citamos Cardinaletti (1989) e Koster (1989), apud Cinque (1990), além de Galves (1991), apud Oliveira (1992).



### CAPÍTULO III

#### **3.1. Licenciamento dos adjuntos adverbiais**

Diante do sistema traçado acima, faz-se necessário esclarecer algumas implicações importantes a serem discutidas aqui.

O modelo distingue as restrições sintáticas conhecidas como ilhas forte e fraca (ver quadro na seção 2) com base na presença de barreiras específicas. No sistema em Barreiras, havia dois princípios envolvidos: o da Subjacência que dava conta da ilha forte a partir da configuração de duas barreiras para o movimento. Em relação às ilhas fracas, havia a presença de apenas uma barreira e a distinção entre as sentenças gramaticais e agramaticais era definida pela atuação do Princípio das Categorias Vazias, que atribuía às sentenças com extração de adjuntos o status de agramaticais. Em primeiro lugar, é importante notar que o teste aplicado mostrou a inadequação desse sistema ao verificar que sentenças com extração de certos adjuntos em configuração de ilha fraca eram plenamente aceitáveis - daí a adoção de um outro modelo. Este modelo postula apenas uma barreira para dar conta tanto das ilhas fortes como das fracas. A primeira implicação que se pretende abordar é o fato desse sistema poder dar conta da agramaticalidade das ilhas fortes sem fazer uso do Princípio da Subjacência. A relação entre o vestígio e seu antecedente passa a ser vista como identificação de referencialidade desse elemento, o que é facilitado sempre que o elemento tiver um caráter referencial próprio. Nesse contexto, não importa a distância existente entre ele e seu antecedente - não importa o número de barreiras intervindo (característica usada na subjacência) e sim o fato de haver algum elemento que possa bloquear essa relação. A adoção da barreira para ligação de Cinque (1990) traduz adequadamente esse procedimento.

Em relação às ilhas fracas, a atuação do Princípio das Categorias Vazias era decisivo. Nesse modelo, é a noção de barreira para regência por antecendência que dá conta da distinção aí operante (respeitando-se a possibilidade de extração daqueles adjuntos cujos vestígios recuperam sua referencialidade via ligação).

Conforme já mencionado, o PCV pode ser reformulado como uma condição de legitimação formal da categoria vazia de acordo com o proposto por Rizzi (1990). Ou seja, a questão que se coloca, ainda, é a do licenciamento da posição de base dos adjuntos adverbiais.

Pode-se dizer que a posição efetiva dos adjuntos adverbiais não está clara na teoria, contrariamente a posição dos argumentos, a qual é inequivocamente definida como resultado da atribuição dos papéis- $\theta$  e da teoria X-barra.

Sportiche (1988) dá um passo no sentido de sistematizar a questão da adjunção. Ele propõe um princípio para constranger a maneira como esses elementos são inseridos na estrutura de constituintes.

#### Princípio de Projeção de Adjuntos

Se um tipo semântico X "modifica" outro tipo semântico Y, e X e Y são sintaticamente realizados como  $\alpha$  e  $\beta$ , então  $\alpha$  será projetado adjacente a  $\beta$  ou ao núcleo de  $\beta$ .

A adoção desse princípio, portanto, questiona a noção de que todos os advérbios sejam gerados numa posição específica de base. A proposta de Sportiche considera cada tipo característico de advérbio para determinar sua geração de acordo com o escopo de modificação apresentado.

#### **3.1.1. Posição fixa dos advérbios - Pollock (1989)**

Pollock (1989), ao propor o desmembramento do nóculo IP em TP e AGRP (além de NEGP), sugere que não há movimento dos advérbios. Todos os advérbios seriam gerados em VP, sendo que as diversas posições superficiais apresentadas por esses elementos refletiriam o movimento do verbo por sobre o advérbio.

Adotando uma posição única de base para os advérbios, Pollock explica diferenças referentes à ordem de constituintes em línguas como o francês e o inglês a partir da postulação do nóculo AGRP e de estratégias diferentes de afixação para cada língua.

O francês possui um AGR forte que permite a subida do V em sentenças finitas, derivando a ordem V Adv.

(86) Jean voit souvent Marie.

Nas infinitivas, por outro lado, o V aparece antes do advérbio mas depois da negação, o que denota um movimento curto do V e justifica o nóculo AGRP.

No inglês, tem-se em frases finitas a ordem Adv V. O V não sobe porque o AGR do inglês é fraco e, desse modo, o V em AGRP perderia a possibilidade de atribuir papéis  $\theta$ . Já os auxiliares, por não terem papel  $\theta$  a atribuir, podem subir para T, conforme verificado nas sentenças abaixo:

(87) I often see Mary.

(88) I have often eaten apples.

Ou seja, a posição de base do advérbio em adjunção a VP juntamente com a suposição de que eles não se movem acaba sendo um argumento importante para a defesa do nódulo AGRP para Pollock.

### 3.1.2. Posição móvel dos advérbios - Kato & Nascimento (1993)

Kato & Nascimento (1993) argumentam pela inadequação da proposta de Pollock em relação ao PB, uma vez que essa língua não poderia, dada a parametrização AGR forte/fraco, apresentar dados tanto do tipo (86) quanto (87), traduzidos abaixo:

(89) João vê frequentemente Maria.

(90) João frequentemente vê Maria.

Essas sentenças, indesejavelmente, sugerem que o PB usaria tanto do recurso de subida do V quanto da possibilidade de descida de afixos. Kato & Nascimento optam por outra versão: no PB, essa variação na ordem dos constituintes reflete não apenas a possibilidade do movimento do V, mas também a possibilidade dos próprios advérbios moverem-se da posição de base, à maneira dos operadores-WH.<sup>33</sup>

Deve-se também mencionar Jackendoff (1977) que propõe uma posição de base para os sintagmas adverbiais e preposicionais, a partir da qual esses se movem para derivar a ordem superficial.

"(...) the manner adverb may occur before an aspect that has not been moved up into the Aux, as in John will completely have finished. Thus in fact three AdvP positions appear necessary. The usual solution to this problem is to generate the desired

---

<sup>33</sup>Os autores referem-se aos advérbios aspectuais que podem ser considerados como um tipo de quantificador: sempre/todos; nunca/nenhum; às vezes/alguns; frequentemente/muitos.

constituent in a single position in underlying structure, then move it to its various surface positions by means of a transformation."

(Jackendoff, 1977:74)

### 3.1.3. Geração em várias posições - Belletti (1990) Iatridou (1990) Cinque (1990)

A discussão acerca da posição dos advérbios em Belletti e Iatridou constitui-se como argumentação paralela em relação às propostas defendidas por Pollock, discussão mencionada acima. Belletti questiona a ordem proposta por Pollock em relação aos núdulos AGRP e TP. Para a autora, o nódulo mais alto é AGRP (são feitas argumentações morfológicas nesse sentido). No entanto, em relação aos advérbios, Belletti propõe a geração em posições diferentes de acordo com o tipo de advérbio. Vejamos a exposição de Oliveira (1992). Segundo ela, para Belletti, encontram-se:

"os advérbios de negação, na posição de especificador de NegP ou em adjunção a VP; os advérbios sentenciais, em adjunção à projeção funcional mais alta, que considera ser AGRP; e os advérbios VP mais baixos que podem aparecer à direita do verbo (entre o verbo e o objeto) em posição final de frase (adjunção à direita de VP) e à esquerda do verbo.

No que diz respeito aos advérbios-VP, as orações com tempos complexos (Aux PstPrt Adv VP) mostram que o advérbio é gerado na posição inicial de VP e que o verbo movimenta-se sobre ele para a posição AGR (pstPrt) resultando na estrutura Aux V-Agr Adv, como em ha risolto completamente o problema (resolveu completamente o problema).

No que diz respeito aos tempos simples, sempre em relação à classe de advérbios-VP, Belletti salienta que o advérbio spesso (=freqüentemente), ao contrário do advérbio completamente, pode também aparecer no início de frase (através de sua topicalização) e entre o sujeito e o verbo (através do deslocamento do sujeito e da topicalização do advérbio). Temos, respectivamente, as estruturas Adv Suj V em Spesso Giorgio studia (Freqüentemente Giorgio estuda) e Suj Adv V em Giorgio spesso studia (Giorgio estuda freqüentemente): o advérbio é gerado na posição inicial de VP. Aparentemente, não há movimento do verbo.

No entanto, a impossibilidade de se ter a topicalização do advérbio completamente como em \*Completamente Giorgio sbaglia (Completamente Giorgio erra) e de encontrá-lo entre o sujeito e o verbo \*Giorgio completamente sbaglia é evidência de que, tendo sido

ele gerado na posição inicial de VP, o verbo tem que necessariamente movimentar-se para AGR para que se tenha a frase gramatical Giorgio sbaglia completamente.

Segundo Belletti, a posição dos verbos e advérbios pode explicitar se ocorreu ou não movimento do verbo para fora de VP, além de mostrar que há um núcleo funcional para onde o verbo pode mover-se (se considerarmos que um núcleo - no caso, V - move-se apenas para uma posição de núcleo). A distribuição dos advérbios na frase pode, ainda, indicar a projeção funcional para a qual o verbo se movimentou."

(Oliveira, 1992:04)

Portanto, Belletti admite posições diversas para os advérbios, de acordo com o escopo de modificação que apresentam: os sentenciais aparecem em adjunção a AGRP (que ela considera o nódulo mais alto), os de negação em [Spec, NEGP] enquanto os verbais estariam adjuntos ao VP.

Iatridou (1990), por outro lado, critica Pollock no sentido de que ela acredita que AGRP seja totalmente dispensável. Para a autora, o não-movimento do advérbio não pode ser tomado como argumento para a exposição de Pollock. Segundo Iatridou, deve-se admitir, se não o movimento, pelo menos a geração de advérbios em posições diversas.

Cinque (1990) trata da distribuição sintática dos advérbios, especificamente os de tempo, causa e lugar. Ele chama a atenção para aspectos bastante interessantes. Vejamos as sentenças abaixo:

- (91)a. Em 1821, Napoleão morreu.  
b. Napoleão morreu em 1821.
- (92)a. No restaurante, por favor coma!  
b. Por favor coma no restaurante.
- (93) a. Para me divertir, eu fui à praia.  
b. Eu fui à praia para me divertir.

A posição característica dos advérbios é em início ou em final de frase. É, no entanto, importante notar que o significado de cada sentença, construída com o advérbio no seu início ou no final, difere, o que parece indicar que o escopo do advérbio é modificado de acordo com a posição que ele ocupa. Note-se que na sentença (91a), fala-se algo sobre o ano de 1821, já a sentença (b) fala sobre Napoleão. As sentenças (92a e b) também apresentam escopo diferente em relação ao advérbio. A a) diz que estando alguém em certo lugar, algo deve ser feito, enquanto a b) afirma que um certo tipo de coisa deve ser feito em um determinado lugar. Da

mesma maneira, (93a) diz que para se divertir, alguém fez algo ao invés de ter feito qualquer outra coisa em oposição a (93b) que diz que certa pessoa fez determinada coisa a fim de se divertir e não para ganhar algum dinheiro ou agradar a alguém, etc.

Essas diferenças de escopo apontam para o fato de que a posição de base desse elemento não deveria ser fixa conforme Pollock argumenta. Cinque, por outro lado, admite que o escopo obtido pelo advérbio poderia ser resultado de um movimento (admitindo-se como posição de base a final, um movimento do tipo Anteposição de Advérbio). No entanto, para o autor, a proposta mais adequada parece ser admitir que os advérbios poderiam ter posições de geração de base independentes e, portanto, o escopo estaria sendo determinado em todos os níveis representacionais e não somente, a nível superficial após a aplicação de uma regra de movimento. Segundo Cinque, pode-se falar das seguintes posições:

"(...) reasons exist for base-generating the adverbials directly in IP-initial position (possibly, Top) and in (at least) two distinct IP-final positions, one under VP and one outside VP, with the ensuing differences concerning their semantic scope."

(Cinque, 1990:93)

Essas colocações de Cinque parecem poder ser estendidas aos adjuntos adverbiais, em um paralelo bastante interessante com o Princípio de Projeção de Adjuntos de Sportiche.

### 3.1.4 Lebeaux (1990)

Fazendo referência explícita aos adjuntos, Lebeaux apresenta algumas propostas que também se adequam a esses pressupostos, garantindo um tratamento da questão a nível de reformulações recentes na teoria gerativa.

Lebeaux (1990) remete a alguns efeitos de anti-reconstrução reportados na literatura (Riemsdijk & Williams, 1980) e para os quais há peculiaridades acerca da aplicação da Condição C da Teoria da Ligação em estruturas que envolvem constituintes deslocados.

Assim, (94) e (95) não podem ter o pronome correferindo ao nome próprio - John. No entanto, (96) e (97) mostram que com o deslocamento de um constituinte para a formação da interrogativa, a leitura correferente torna-se possível para (97).

- |   |         |
|---|---------|
| (94) *He believes the claim that John is nice.      | (36)(a) |
| (95) *He likes the story that John wrote.           | (b)     |
| (96) *Whose claim that John is nice did he believe? | (c)     |
| (97) Which story that John wrote did he like?       | (d)     |

Lebeaux (1989:31) aponta para a diferença entre argumento e adjunto como ponto relevante para a explicação desse fenômeno:

"The contrast in (36) is rather striking. All constructions evidence the same degree of embedding: the name is embedded in a CP. As expected, the non-dislocated structures show a Condition C violation. However, there is a clear distinction in the sentences with dislocated NPs. In (36) (c), where the name John is contained in a CP which is a complement of the head noun claim, the ungrammaticality of the initial undislocated structure is retained with full force. In (36) (d), where the name is likewise contained in a CP, but where here the CP is part of an adjunct relative clause associated with the dislocated head, the output becomes perfect. In (36), then, it is the adjunct status of the containing structure which is associated with the difference in grammaticality."

A distinção argumento/adjunto é relevante, portanto, quando há o movimento, sendo inoperante se a estrutura que contém o nome próprio encontra-se em sua posição de base.

Esses fatos suportam a proposta de Lebeaux acerca do mecanismo de inserção de adjuntos na estrutura frasal e a adoção da regra Adjoin- $\alpha$  além da regra de movimento Move- $\alpha$ :

"It may be assumed that the Projection Principle requires that heads and their arguments, and the arguments of these heads, and so on, must be present in the base. That is, the entire argument skeleton must be present, insofar as it is a pure instantiation of the relation "argument-of". However, adjuncts need not be present in the base. They may then be added later by a rule. Let us call this Adjoin- $\alpha$ . Adjoin- $\alpha$  takes two tree structure, and adjoins the second into the first. Let us assume that this always involves Chomsky-adjunction, copying the node in the adjoined-to structure. Like Move- $\alpha$ , Adjoin- $\alpha$  applies perfectly freely, ungrammatical results ruled out by general principles, interpretive or otherwise."

(Lebeaux, 1989:33)

Dessa forma, cada subestrutura antes da operação Adjoin- $\alpha$  é bem formada. Move- $\alpha$  pode se aplicar antes ou depois de Adjoin- $\alpha$  e é justamente esse mecanismo que explicará a gramaticalidade de (97) mesmo com o que parece ser a violação da Condição C.

As subestruturas são:

(98) He liked which story

(99) that John wrote

Há duas possibilidades de derivação, no sentido de Lebeaux, para se obter a sentença final - conforme a sequência determinada entre a aplicação de Move- $\alpha$  e Adjoin- $\alpha$ .

Derivação 1 (Adjoin- $\alpha$  opera primeiro)

\*He liked which story that John wrote

A sentença sem movimento é agramatical conforme Condição C. O segundo passo, que seria a aplicação de Move- $\alpha$ , já encontra uma sequência má-formada.

Há, no entanto, uma outra possibilidade de derivação conforme já mencionado.

Derivação 2 (Move- $\alpha$  opera primeiro)

(100) Which story did he like

(101) that John wrote

Até o momento não há indícios de agramaticalidade. Aplica-se, então, Adjoin- $\alpha$ , como segundo passo da derivação, obtendo-se:

(102) Which story that John wrote did he like?

Essa derivação fornece a estrutura desejada sem violação da Condição C (Lebeaux, 1989:37):

"This is because the adjunct clause containing John has been adjoined into the representation after movement has taken place, and after the fronted NP has been removed from the position in which it is c-commanded by the pronoun he."



A adoção de Adjoin- $\alpha$  por Lebeaux traduz a relação existente entre o adjunto e o núcleo modificado e é admitida pelo fato dessa relação legitimar a presença do adjunto (Lebeaux 1989:23):

"In particular, there exist at least three different types of licensing among major constituents: the licensing by a head (especially a verb) of its subcategorized arguments, the licensing of a subject by a verb phrase, and the licensing of an adjunct (for example, a relative clause) by the element which it modifies. It is clear that these three types of licensing relations are modeled in the grammar in different ways. In particular, the argument of a head (a DO or IO, for example) is licensed by the lexical properties of the head - roughly by its subcategorization frame. The subject of a clause is not licensed in the same way, since it is not mentioned in the subcategorization frame, but rather, at least in part, by its relation to the VP which is predicated of it. Finally, an adjunct like a relative clause is not obligatorily licensed at all, but rather is optionally licensed by its modification relation to its head."<sup>34</sup>

### 3.2. Teoria Minimalista

O Programa Minimalista para a Teoria Lingüística de Chomsky (1992) tem motivações conceituais e não empíricas, embora remeta a várias questões problemáticas para a análise lingüística, e visa eliminar o máximo possível de maquinaria teórica (machinery) da teoria. Salienta-se também que o programa tem cada vez mais se aproximado da questão do uso da língua.

"The language is embedded in performance systems that enable its expressions to be used articulating, interpreting, referring, inquiring, reflecting, and other actions. We can think of the SD (structural description) as a complex of instructions for these performance systems, providing information relevant to their functions. While there is no clear sense to the idea that language is "designed for use" or "well-adapted to

---

<sup>34</sup>É importante apontar, seguindo observações do próprio Lebeaux, que este tipo de análise aponta para diferenças sensíveis entre a estrutura D e a estrutura S o que havia sido minimizado com a adoção dos vestígios. Deve-se salientar, no entanto, que a diferença que havia antes da adoção dos vestígios implicava em perda de informação. O que acontece nessa proposta é justamente o oposto. A estrutura D apresenta menos informação que a estrutura S uma vez que a adjunção se processa no curso da derivação.

its functions", we do expect to find connections between the properties of the language and the manner of its use."

(Chomsky, 1992:02)

Dessa forma, um design ótimo para a teoria gramatical seria aquele que enfatizasse os níveis de interface com o sistema de performance: o articulatório-perceptual (identificado como PF - forma fonética) e o conceitual-intencional (provavelmente a LF - forma lógica). As representações desses pares das interfaces seriam construídos por um sistema computacional a partir da escolha de itens do léxico. Chomsky ainda fala, portanto, em derivação de uma expressão linguística.

"Each language will determine a set of pairs  $(\pi, \cdot)$  ( $\pi$  drawn from PF and  $\cdot$  from LF) as its formal representations of sound and meaning, insofar as these are determined by the language itself. Parts of the computational system are relevant only to  $\pi$ , not  $\cdot$ : the PF component. Other parts are relevant only to  $\cdot$ , not  $\pi$ : the LF component. The parts of the computational system that are relevant to both are the overt syntax."

(Chomsky, 1992:04)

A sintaxe faz o mapeamento entre o léxico e os níveis de interface (PF, LF) que são os únicos da representação linguística.

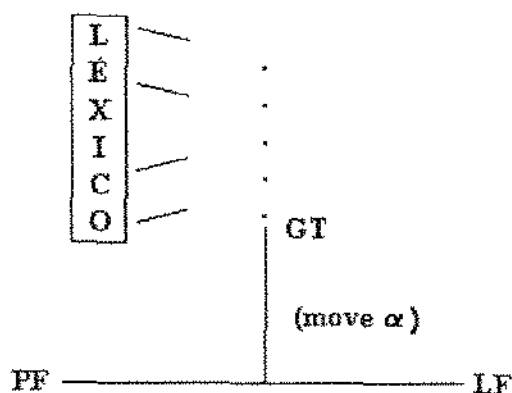


Figura XIII: Modelo minimalista de gramática

Diante dessa afirmação, verifica-se, portanto, que Chomsky questiona os níveis de análise estrutura D e estrutura S até, então, assumidos pela Teoria dos Princípios e Parâmetros. Uma das relações fundamentais envolvidas nesse modelo é a Teoria X' que propicia com que o léxico tome uma forma acessível ao sistema computacional. Cada item lexical ao ser buscado no

léxico projeta uma estrutura de acordo com a Teoria X', logo conclui-se pela necessidade de se juntarem estruturas para a formação de sentenças mais complexas, o que é realizado por meio de Transformações Generalizadas (GT). A adjunção será um mecanismo importante derivacional nesse modelo. Chomsky esclarece:

"Turning to adjunction, on the assumptions of Chomsky (1986b), there is no adjunction to complement, adjunction (at least, in overt syntax) has a kind of structure-preserving character, and we have a segment-category distinction."

(Chomsky, 1992:14)

A adjunção poderá ocorrer a uma projeção máxima, ou ao seu Spec ou ao seu núcleo - UP, WP e H - conforme estrutura abaixo apresentada em Chomsky (1992:15):

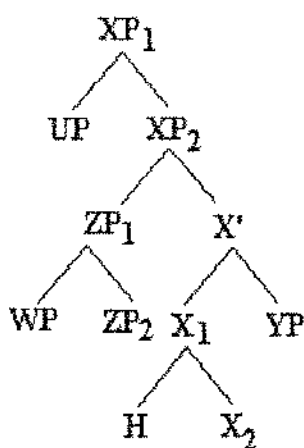


Figura XIV: Posições de adjunção

Esse tipo de adjunção diz respeito a sintaxe propriamente dita, os mecanismos de derivação de uma sentença. A adjunção de elementos não-argumentos, que não podem ter sua projeção direcionada pela escolha de determinado item lexical - como por exemplo um verbo, deverá então ter uma estrutura própria e ser adjunta a uma outra estrutura por meio dessas transformações generalizadas, em um tipo de mecanismo que lembra claramente a proposta de Lebeaux e a regra Adjoin- $\alpha$ .

Chomsky cita a análise de Lebeaux em relação ao fenômeno da reconstrução discutido acima. A proposta de Lebeaux é interessante no sentido de que mostra que a Teoria da Ligação pode operar somente a nível de LF o que, juntamente com outras argumentações colocadas por Chomsky, corrobora a proposta de se dispensar os níveis de derivação estruturas D e S.

Pode-se, portanto, também concluir em relação ao modelo Minimalista que no que concerne à adjunção esta opera via GT, podendo ocorrer a qualquer momento no processo derivacional, respeitando-se as condições da Teoria X'.

### 3.3. As posições de base de cada adjunto adverbial

Diante desse processo de adjunção delineado acima, assume-se que o que licencia uma posição para a adjunção será a relação de modificação entre o elemento a ser adjungido e o sintagma ao qual este se adjunge - ou seja, há a opcionalidade da presença desse adjunto permitido pelo elemento que se encontra no escopo dessa modificação.

Desse modo, tem-se, em relação aos adjuntos de modo e lugar, que modificam o VP, como posição de adjunção desses elementos o nóculo VP, sendo seu licenciamento realizado pelo núcleo - o V°.

Em relação ao adjunto de tempo, há de se admitir a relação que se estabelece com o aspecto temporal da sentença.

(103) Ele vai ao cinema amanhã.

(104) \*Ele foi ao cinema amanhã.

Parece interessante, portanto, propor sua geração em adjunção a TP que, acredita-se, seja realmente o escopo do adjunto temporal, i.e., o constituinte modificado pelo advérbio, já que T carrega o tempo do verbo que deve combinar com a escolha do adjunto.<sup>35</sup>

Em relação ao adjunto de causa, vale salientar que este modifica uma proposição. A causal é sempre proposicional assim como a final, condicional, consecutiva, ou seja, as orações adverbiais ou circunstanciais. Seria, portanto, a adjunção que acontece mais alta na estrutura arbórea - adjunção a CP, já que este seria seu escopo de modificação.

---

<sup>35</sup> Assume-se a estrutura arbórea proposta em Chomsky (1992). Kato (comunicação verbal) observa que o advérbio de tempo pode estar ligado ao aspecto da sentença, traduzido no complexo verbal:

Eu tenho lido Machado de Assis desde a adolescência.

Ele está comendo agora.

Poder-se-ia admitir um nóculo para aspecto - ASPP - ao qual o advérbio temporal seria adjunto - essa possibilidade rejeitaria a implosão do nóculo IP em AGRP e TP, adotando-se, portanto, somente IP e o nóculo aspectual - ASPP.

Teríamos, portanto, o seguinte quadro:

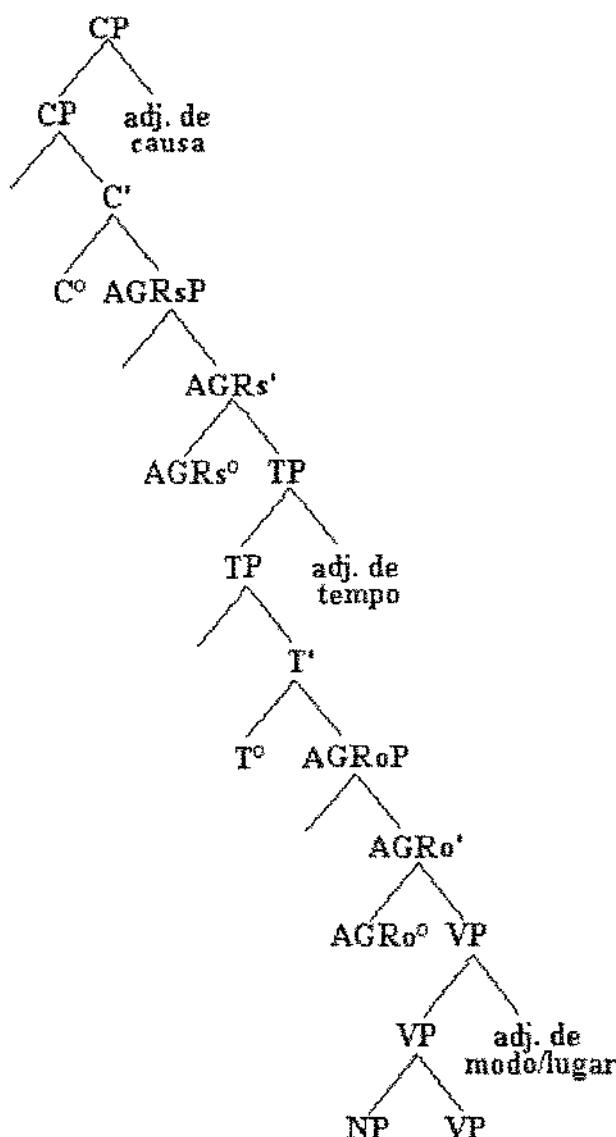


Figura XV: Proposta de locais de adjunção para os adjtos-Q

O Princípio de Projeção dos Adjuntos tem, assim, papel importante ao viabilizar e constranger as posições de base para cada adjunto.

Seria, ainda, importante considerar a possibilidade de haver outras posições possíveis de geração desses adjuntos assim como possíveis estratégias específicas de extração em interrogativas em línguas particulares (como, por exemplo, no PB, a formação de interrogativas a partir de clivadas (cf. Lopes Rossi, 1993 e Kato, 1993)), o que poderia trazer implicações relevantes a esse estudo.

## CAPÍTULO IV

A partir da observação de que nem todos os adjuntos adverbiais comportam-se da mesma maneira em relação à extração em ambientes de ilha fraca, buscou-se um modelo para dar conta dessa diferenciação a partir de análises em Aoun et al. (1987), Rizzi (1990) e Cinque (1990). Veja-se o contraste entre (105) e (106):

(105) Onde você descobriu que a Maria comprou o presente t?

(106) \*Como você descobriu que a Rita fugiu de casa t?

O caráter de referencialidade do elemento movido tem papel crucial, encontrando, nesse modelo, uma caracterização sintática, traduzida pela formação de cadeias distintas: a partir da ligação para a relação entre um operador referencial e sua variável e regência para a relação operador não-referencial/variável. O bloqueio dessa relação pode se dar configuracionalmente e é traduzido pela caracterização de barreiras distintas para cada tipo de cadeia estabelecida: barreira para ligação e barreira para regência por antecedente.

A adoção desse modelo leva, ainda, a consequências interessantes no sentido de que se pode questionar a atuação independente do Princípio de Subjacência, uma vez que seus efeitos são aqui subsumidos, sendo que as ilhas fortes são todas explicadas pela presença de uma barreira tanto para ligação quanto para regência.

A proposta de um modelo mais simplificado parece sempre desejável a qualquer teoria. Nesse contexto, a tarefa da criança na aquisição da linguagem também é muito mais facilmente explicada, uma vez que o número de princípios propostos é menor e, conseqüentemente, o número de parâmetros a serem fixados também.<sup>36</sup>

O processamento de um Adjto Q tem, portanto, fatores condicionadores vários. Em relação aos argumentos, sabe-se que há uma estratégia de parsing que consiste em atribuir ao elemento deslocado a primeira posição vazia possível. Essa estratégia, no entanto, não poderia ser adotada em relação aos adjuntos, segundo de Villiers, Roeper & Vainikka (1990:277):

"The answer presumably has to do with the fact that arguments have links to lexical subcategorization. Therefore when the child hears what she may assume that a verb with a missing element will appear. When it appears, the object is filled in as soon as

---

<sup>36</sup>Um estudo paralelo, que não será relatado aqui, mostra que os resultados obtidos por Otsu (1981) em relação ao comportamento de crianças frente à atuação do Princípio de Subjacência podem ser igualmente alcançados a partir do modelo proposto acima e, portanto, sem fazer uso do Princípio da Subjacência.

possible. This is just what we would expect under current theories of parsing in which verb-argument information helps the parser to identify gaps. An adjunct begins life without such a presumed origin. It can attach to either clause equally well."

Há de se levar em consideração, em primeiro lugar, o tipo de Adjto Q empregado. Os resultados dos experimentos deixam claro que há uma diferença entre o comportamento de sintagmas Q e palavras Q. Os primeiros não são sensíveis a ilhas fracas, dado justamente seu caráter referencial e maior facilidade de ligação via discurso (remete-se a Pesetsky, conforme já discutido anteriormente). Entre as palavras Q, há de se estabelecer também uma gradação. Os Adjto Q onde e quando apresentam características de referencialidade que permitem sua extração a partir de ilhas factivas. Frazier, Clifton & Randall (1983:188) salientam, em relação ao processamento, que:

"We begin with a set of specific claims about the comprehension mechanism: it rapidly constructs a surface structure representation of a sentence, left to right, and essentially in real time; to construct this representation, it uses various types of information, among them, information about lexical category and permissible phrase structure configurations; further, it makes on-line decisions on competing representations of a sentence when the information available up to that point is insufficient to specify a unique analysis, and does so despite the possibility that later information may force a change in its decision."

Desse modo, pode-se imputar a onde um comportamento específico devido ao fato desse elemento poder ser argumento de alguns verbos. Ou seja, seu vestígio não seria imediatamente identificado como ocupante da primeira posição de adjunção possível (i.e., a sentença matriz) dado que poderia haver um verbo no complemento dessa sentença que exija um argumento desse tipo. Dai a espera pela sentença encaixada e conseqüente preferência de ligação atestada nos questionários.<sup>37</sup>

Quando, por outro lado, justamente por não apresentar essa possibilidade de funcionar como argumento obrigatório, permite a ligação com a sentença matriz em níveis mais

---

<sup>37</sup>Essa hipótese é aventada baseada no estudo de Shapiro, Zurif & Grimshaw (1987) acerca do processamento de verbos onde se relata que o mecanismo de processamento ativa momentaneamente todas as estruturas argumentais possíveis para um verbo durante a compreensão de uma sentença. Traçando-se um paralelo, propõe-se que onde ativaria no sujeito a possibilidade de ligação com um verbo que requiera um adjunto de lugar, havendo, portanto, uma expectativa em relação à efetiva existência desse verbo na sentença, o que evita ligações imediatas com a sentença matriz.

expressivos conforme atestaram os questionários, embora sua ligação com a sentença encaixada também seja possível devido ao seu caráter referencial.

Do lado oposto a esses Adjtos Q encontram-se como e por que, ditos não-referenciais, que são sensíveis às ilhas factivas. Salienta-se, no entanto, o fato de que leituras desses elementos como adjuntos instrumental e de finalidade, em oposição à de modo e causal, podem levar a comportamentos paralelos aos adjuntos referenciais.

Outro aspecto que deve ser mencionado é o tipo de verbo da matriz. As sentenças controle utilizadas apresentaram verbos do tipo ponte/parentético. Essas sentenças parecem favorecer a interpretação do adjunto com a sentença encaixada, o que nos leva a explorar os aspectos logofóricos apresentados por esses verbos.

A logoforicidade de um verbo, por exemplo, não dá à oração em que ele aparece uma saliência discursiva que possibilite a ligação de um elemento na sentença encaixada com esses componentes.

(107)\*João<sub>i</sub> disse a Maria<sub>j</sub> que Pedro viu e<sub>i/j</sub>

Farrell (1990:27) sugere que:

"When there is a speaker or an experiencer, something is inevitably said or experienced. The content of that which is said or experienced is inherently more topical than its source: hence the diminished saliency of logophoric arguments."

Adaptando-se essas constatações às sentenças com elementos Q, poderia-se propor que o verbo logofórico introduz uma sentença que realiza o papel de tópico do discurso, daí o desvio de atenção para a sentença encaixada e posterior interpretação da pergunta como uma pergunta sobre esse tópico do discurso, ou seja, o favorecimento da interpretação do elemento Q como modificador da sentença encaixada.

Pode-se dizer, então que sentenças complementos de verbos logofóricos têm comportamento de sentença raiz. Isso parece bastante visível principalmente com alguns verbos parentéticos que apresentam, com maior nitidez, uma função de marcadores discursivos. É o caso de achar. (Eu acho que a Maria saiu. Acho que vou ligar para o Pedro. Você quer café? Acho que sim.)



De outro lado, pode-se também especular a característica, típica dos verbos factivos, de disparar pressuposição com valor verdade. Portanto, frente a sentenças do tipo abaixo:

(108) He knew that two and two equals three.

(109) He said that two and two equals three.

Inhoff (1985) afirma que:

"Factivity was found to bias the processing of identical false complements such that false complements following a factive verb required longer gaze durations than identical false complements following a nonfactive verb."

Talvez o fato de pressupor a verdade da sentença encaixada disparado pelo verbo factivo facilite a interpretação do elemento Q como modificador da sentença matriz e não da encaixada, assumida como verdadeira e, portanto, menos suscetível de receber informações adicionais que a modifiquem. Isso parece bem capturado na sintaxe pela configuração estrutural atribuída a tais verbos.

Percebe-se, portanto, a quantidade e intrincada rede de ligações que os fatores mencionados podem formar ao beneficiar a atribuição de uma estrutura ou outra a sentenças com Adjto Q do tipo aqui apresentadas. Esse estudo, no entanto, está longe de esgotar o assunto. Antes disso, pretendeu-se tão somente mostrar a relevância dos fatores mencionados assim como apontar as deficiências impostas pela adoção da Condição de Subjacência na construção de um sistema para dar conta do movimento de constituintes.

## APÊNDICE

## APÊNDICE I

### Estudo Piloto

O estudo piloto visava fazer uma primeira aproximação dos fatores envolvidos na interpretação de adjuntos em sentenças complexas - entre outros, um ponto que se pretendia ver testado era a relevância da presença do complementador "that" para forçar a interpretação do adjunto com a sentença matriz, conforme observações de Aoun et al.

Foram elaborados dois questionários, em línguas portuguesa e inglesa, a serem aplicados a falantes nativos. Os sujeitos utilizados foram adultos de ambos os sexos com, no mínimo, segundo grau completo. O questionário em língua inglesa apresentava 20 questões complexas contendo um elemento Q adjunto em primeira posição. O questionário em língua portuguesa apresentava somente 16 questões do mesmo tipo mencionado. O número superior de questões apresentado no questionário de língua inglesa visava, justamente, testar a influência do complementador "that".

Tanto para o questionário em língua inglesa quanto em língua portuguesa, havia duas questões com cada adjunto - uma com o verbo dizer/say, mais neutro, na sentença matriz e a outra com outros tipos de verbos, do tipo contar/announce etc. Em relação ao questionário em língua inglesa, os adjuntos não-referenciais (why/how) ganharam cada um quatro questões, incluindo-se a variação presença ou ausência de "that" para cada tipo de sentença - com verbo matriz say ou outros verbos de carga semântica mais pesada. Essas questões foram aleatoriamente inseridas entre as demais, buscando-se diluir o que poderia ser uma pista ao informante do que estava sendo testado.

O questionário foi apresentado por escrito e os informantes tiveram um espaço de tempo para também respondê-lo por escrito. Suas respostas permitiam verificar o tipo de estrutura que estava sendo atribuído a cada sentença, sendo computadas como (E)ncaixada ou (M)atriz. Foi-lhes solicitado que apresentassem mais de uma resposta a cada questão sempre que possível.

Ex.: Dê mais de uma resposta, se possível.

Por que você disse que a Maria guardou o livro?

- a. Para não estragar (E)
- b. Porque eu a vi guardando (M).

## Resultados

Os questionários foram analisados buscando responder às seguintes perguntas:

- (i) O "that" é elemento relevante para forçar a interpretação dos adjuntos não referenciais (how/why) com a sentença encaixada, no caso do questionário em língua inglesa?
- (ii) O verbo da matriz e da encaixada podem favorecer ligações com sentença matriz ou encaixada?
- (iii) Há resultados que apontem para a presença de uma barreira, ou seja, há sentenças que só possibilitam um tipo de ligação - com a sentença matriz?
- (iv) Quando dois tipos de respostas podem ser atribuídos às sentenças, há percentagens significativas de preferência? Ou seja, haveria um "parsing" privilegiado ou mais natural? Que fatores poderiam explicar esse comportamento?

A relevância das perguntas levantadas foi atestado pelo estudo piloto que, embora limitado, já possibilitou vislumbrar algumas respostas. Relata-se aqui somente o resultado obtido em relação à pergunta (i).

Verificou-se que a presença do "that", conforme se esperava, é irrelevante para forçar a interpretação do elemento Q com a sentença matriz. Observem-se as percentagens alcançadas para cada tipo de resposta:

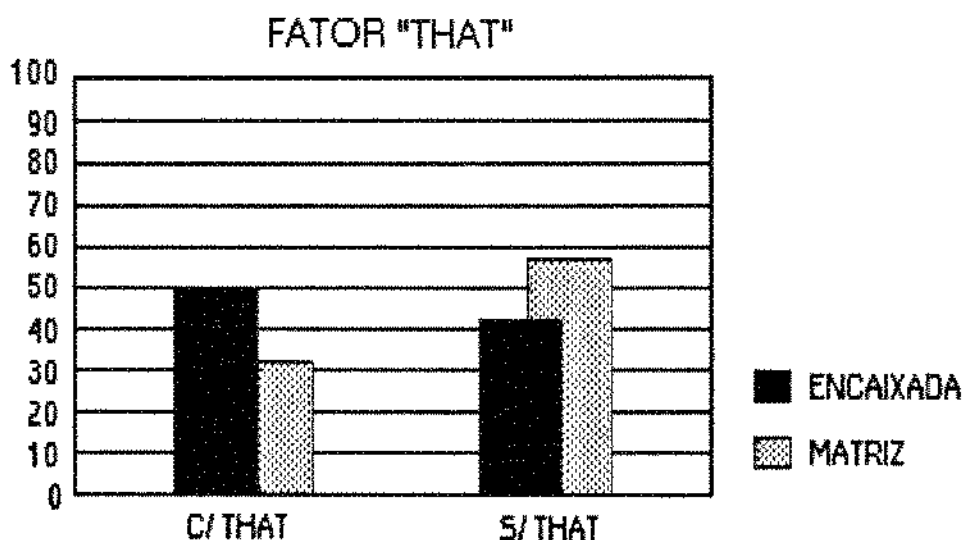


Gráfico A: Interpretação dos elementos why/how com sentenças encaixada/matriz

Foram coletadas 12 respostas o que, sem sombra de dúvida, é um número baixo. Os resultados, no entanto, parecem não deixar dúvidas. A interpretação dos adjuntos não-referenciais why/how com a sentença encaixada é possível mesmo na presença do "that". Salienta-se o fato de que Aoun et al. apontavam para a total impossibilidade de se encontrarem, quando da presença do "that", respostas que vinculassem o adjunto não-referencial à sentença encaixada. O que se encontrou foi justamente o oposto. Considerando-se como possível tanto a interpretação do Adjto Q com a sentença matriz como com a encaixada e, uma vez tendo sido solicitado ao falante que atribuisse mais de uma resposta às perguntas, trabalhou-se com a possibilidade de se obter 100% para cada tipo de resposta (E e M). O gráfico mostra, portanto, a porcentagem de respostas E e M nesse contexto de possibilidade de 100%. Para as sentenças que apresentavam a presença do "that", a interpretação dos Adjtos Q how/why com a sentença encaixada atingiu 50% em oposição a 33% para interpretação com sentença matriz. Já as perguntas que não apresentavam o elemento "that" atingiram 58% para a interpretação do adjunto com a sentença matriz contra 41% com a sentença encaixada, em franca oposição ao assumido por Aoun et al.

Conclui-se, portanto, que o "that" não pode ser considerado relevante como fator que privilegie uma dada interpretação para o adjunto.

O que pôde ser salientado nesse estudo piloto foi a relevância de um outro fator - o tipo de verbo da matriz. As sentenças com verbo **say** propiciaram percentagens significativas de ligação do elemento Q com a sentença encaixada, enquanto outros verbos como **comment**, **notice**, **announce** privilegiaram a ligação com a sentença matriz.

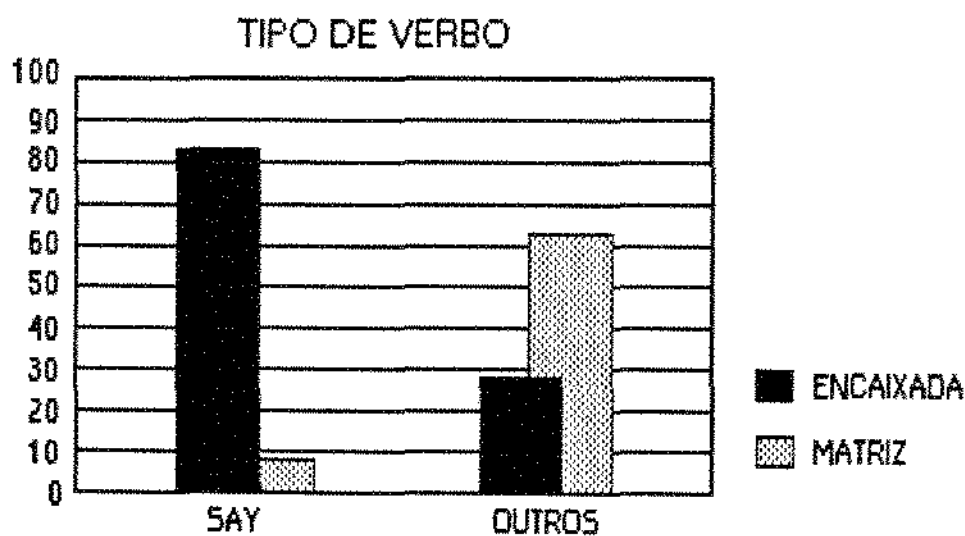


Gráfico B: Interpretação dos adjuntos com sentença encaixada/matriz de acordo com o tipo de verbo da matriz

Em relação a esse fator, computaram-se respostas para todos os tipos de adjuntos testados, tanto os referenciais como os não-referenciais (obtiveram-se um total de 24 respostas).

O estudo piloto, portanto, embora bastante preliminar e até precário apontou para alguns fatores que foram mais satisfatoriamente trabalhados posteriormente e que são relatados no corpo dessa dissertação. Salienta-se o fato de que, a partir desse estudo piloto, relativizaram-se algumas variáveis que se mostraram irrelevantes, como é o caso da presença do complementador "that". Concluiu-se, por motivos de configuração estrutural e com base na testagem empírica, que o elemento "that" deve ser abandonado como fator que obriga à interpretação do adjunto com a sentença matriz.

## APÊNDICE II

### Gráficos

Encontram-se abaixo os gráficos relativos aos questionários em língua portuguesa. São várias etapas de quantificação dos dados. A primeira mostra a porcentagem de interpretação de cada Adjto Q com a sentença encaixada ou com a matriz, tendo sido considerada a primeira resposta fornecida pelos informantes.

### ONDE

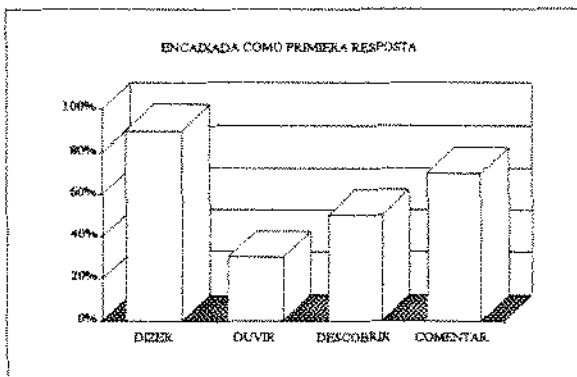


Gráfico I

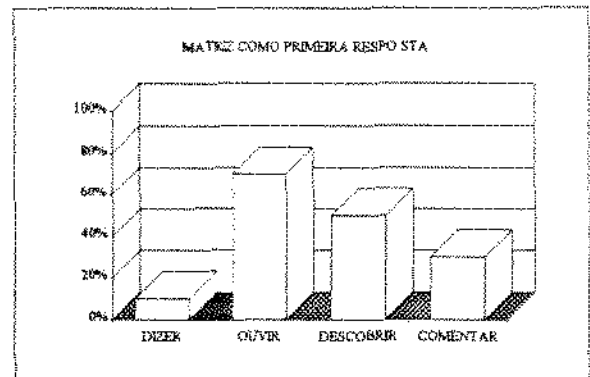


Gráfico II

### QUANDO

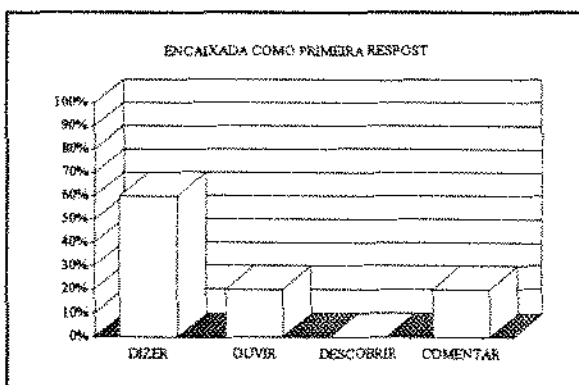


Gráfico III

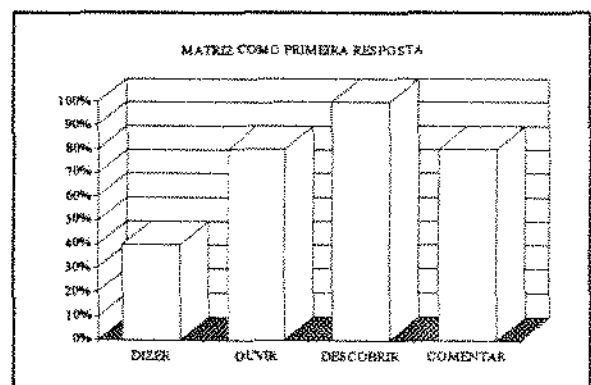
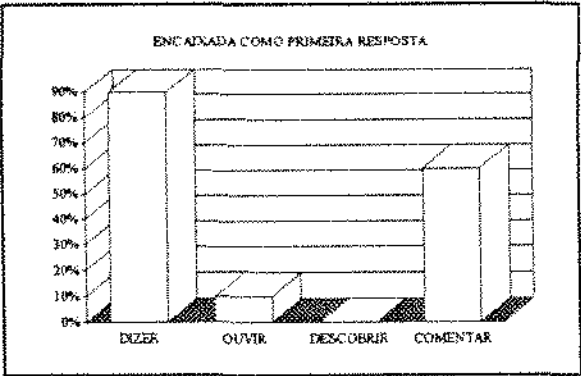
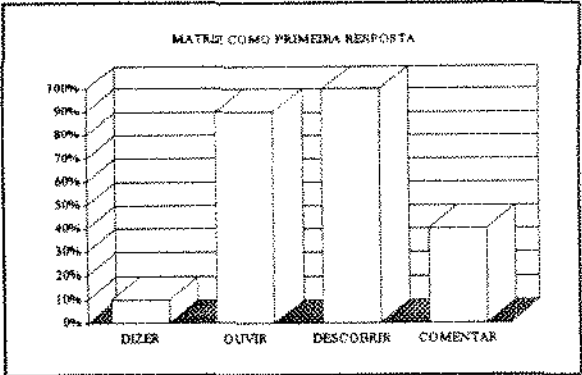


Gráfico IV

**COMO**

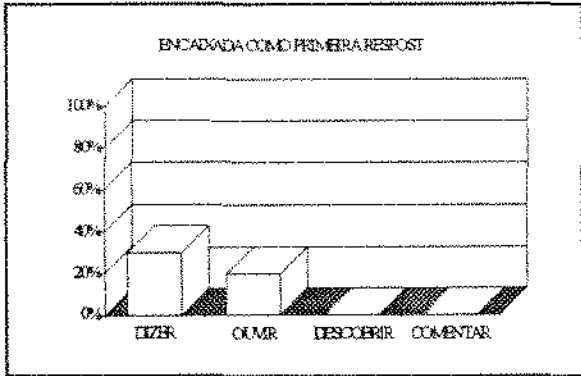


**Gráfico V**

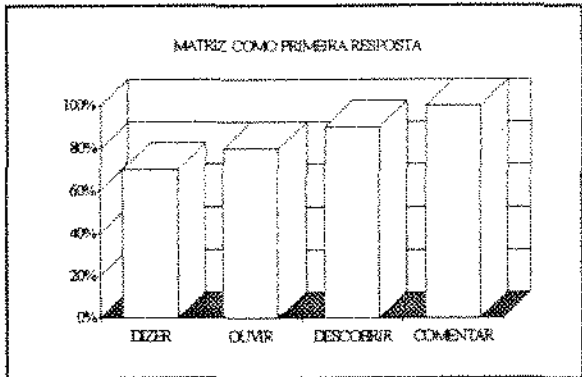


**Gráfico VI**

**POR QUE**

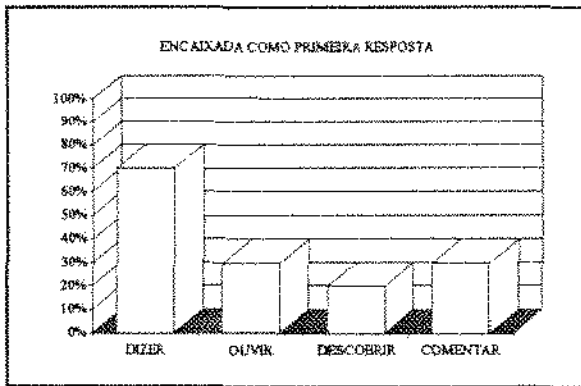


**Gráfico VII**

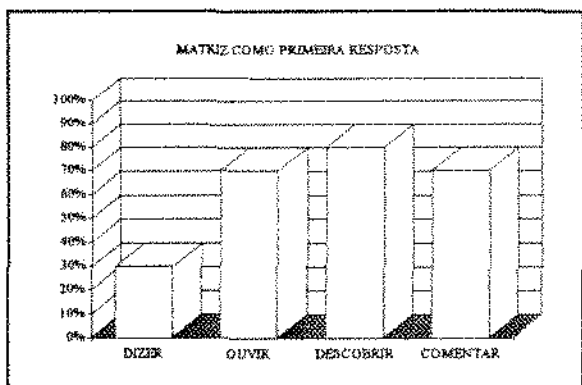


**Gráfico VIII**

**EM QUE LUGAR**



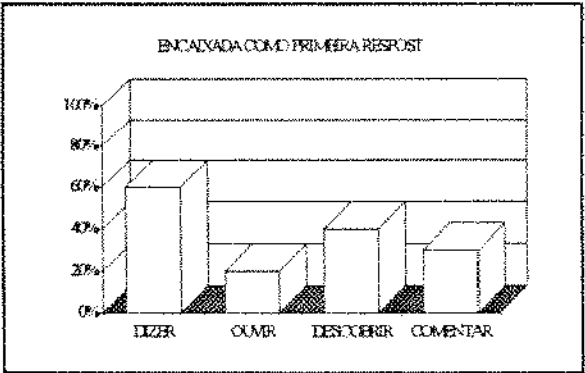
**Gráfico IX**



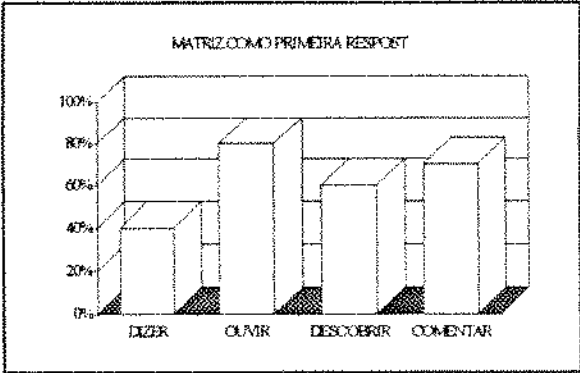
**Gráfico X**



**EM QUE DIA**

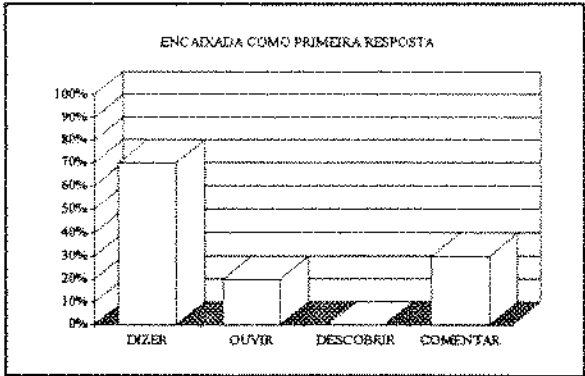


**Gráfico XI**

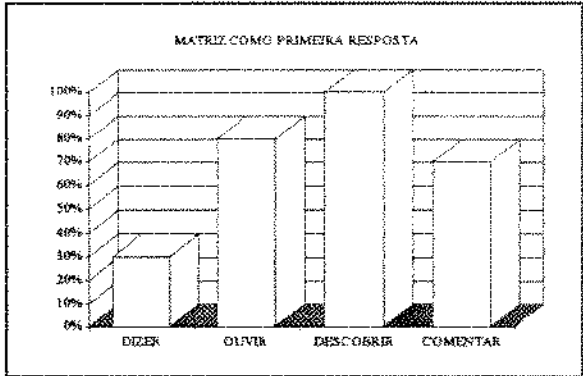


**Gráfico XII**

**DE QUE MODO**

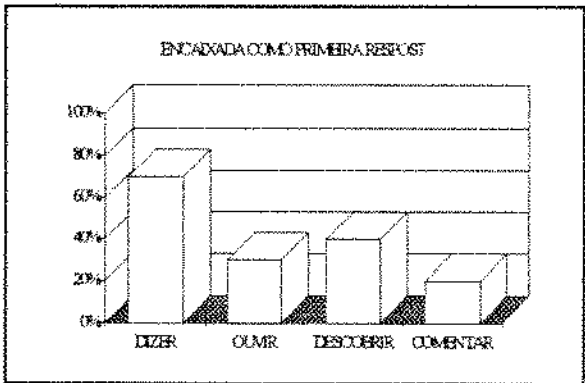


**Gráfico XIII**

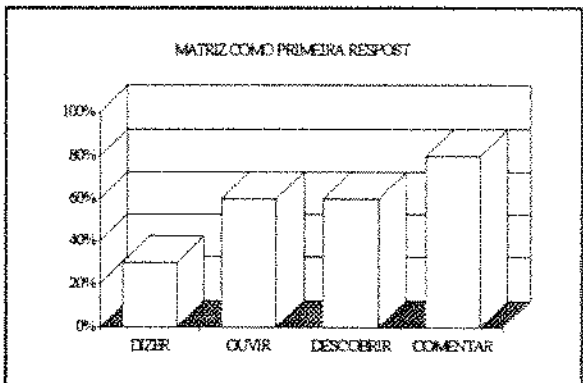


**Gráfico XIV**

**POR QUAL MOTIVO**



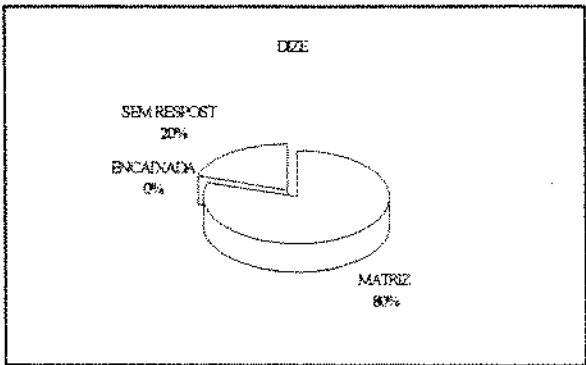
**Gráfico XV**



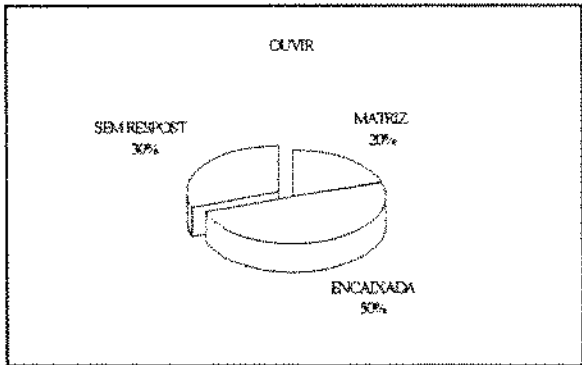
**Gráfico XVI**

A seguir apresentam-se os gráficos relativos à interpretação desses mesmos Adjtos Q com a sentença encaixada ou com a matriz, referente à segunda resposta fornecida pelo sujeito. Além desses percentuais, encontra-se nos gráficos o percentual relativo à ausência de resposta, uma vez que nem todos os informantes forneciam uma segunda interpretação.

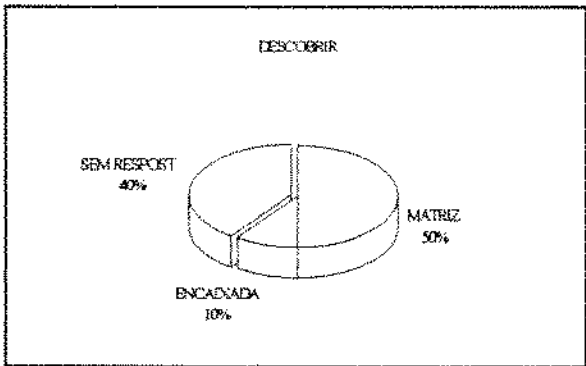
**ONDE**



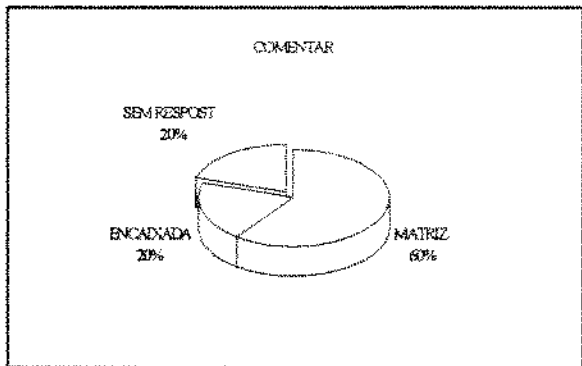
**Gráfico XVII**



**Gráfico XVIII**

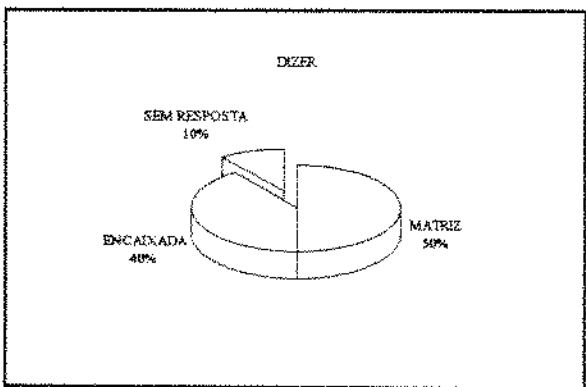


**Gráfico XIX**

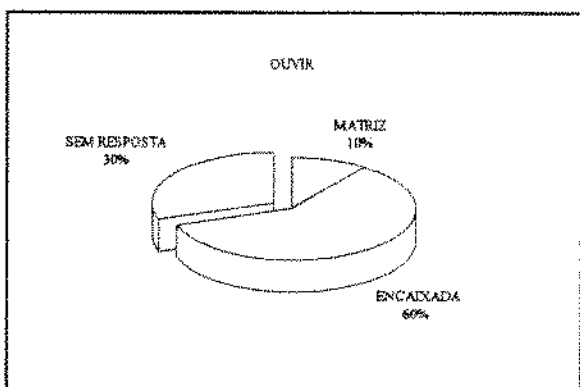


**Gráfico XX**

**QUANDO**



**Gráfico XXI**



**Gráfico XXII**

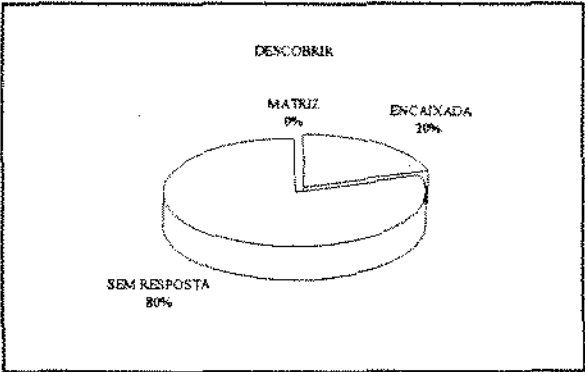


Gráfico XXIII

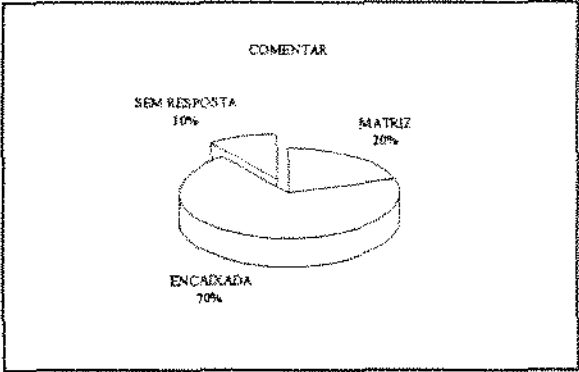


Gráfico XXIV

COMO

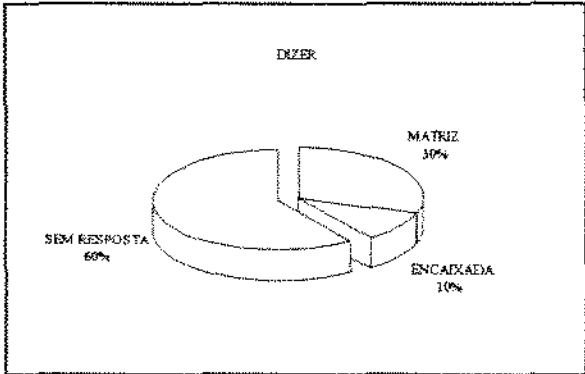


Gráfico XXV

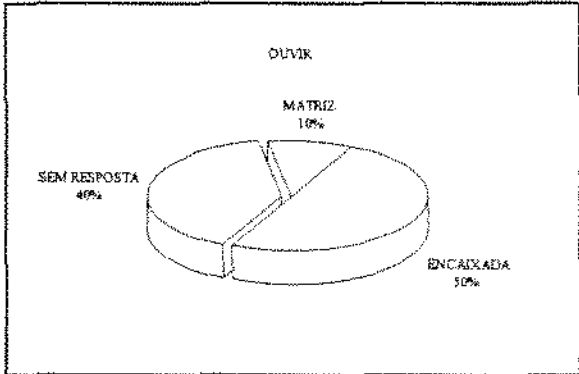


Gráfico XXVI

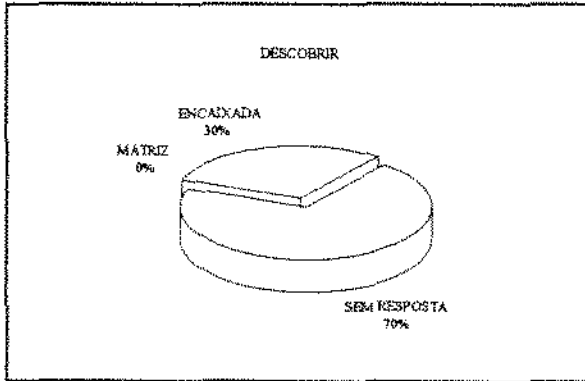


Gráfico XXVII

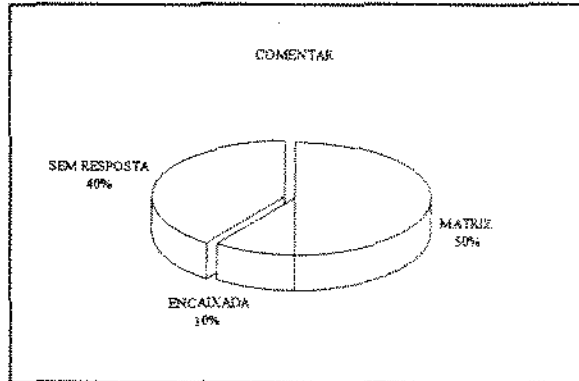


Gráfico XXVIII

**POR QUE**

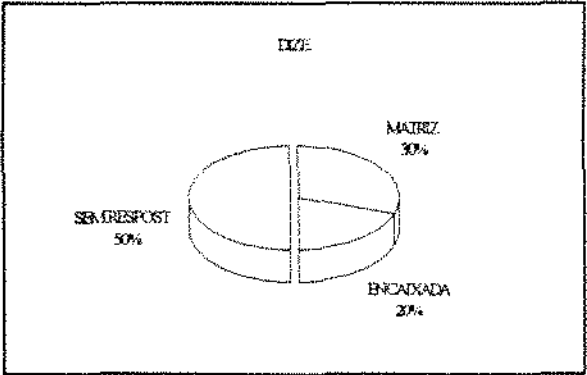


Gráfico XXIX

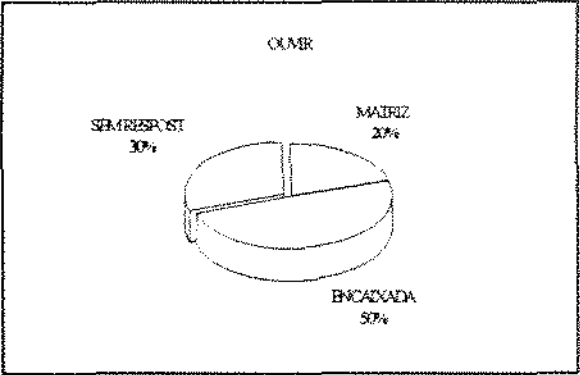


Gráfico XXX

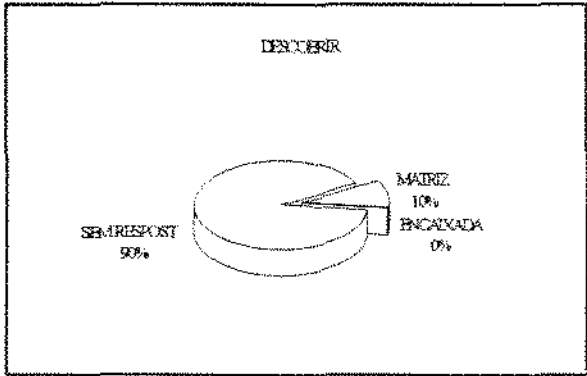


Gráfico XXXI

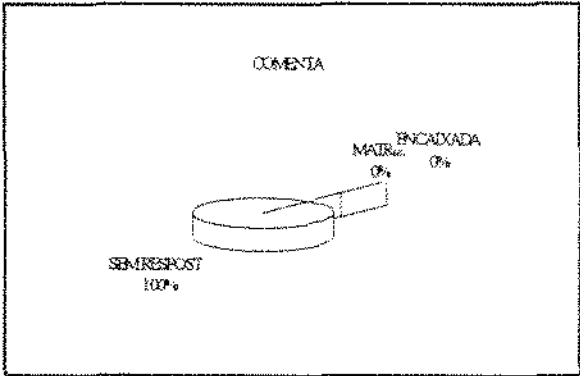


Gráfico XXXII

**EM QUE LUGAR**

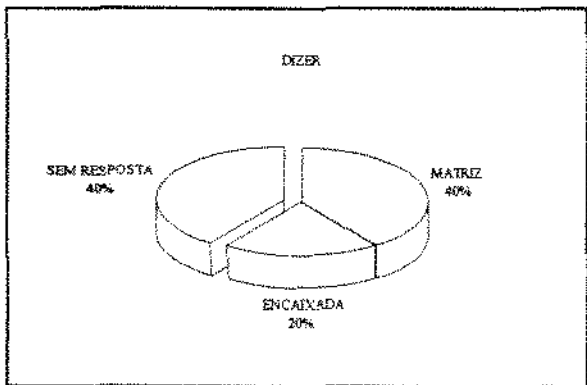


Gráfico XXXIII

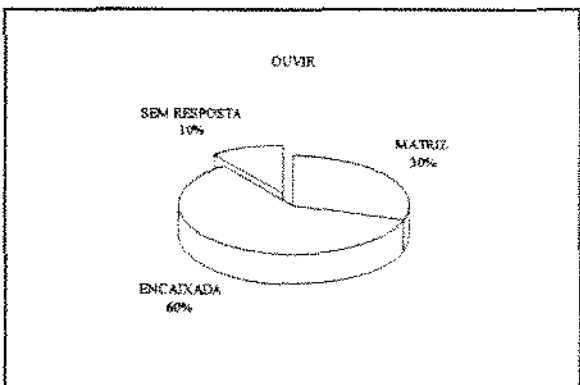


Gráfico XXXIV

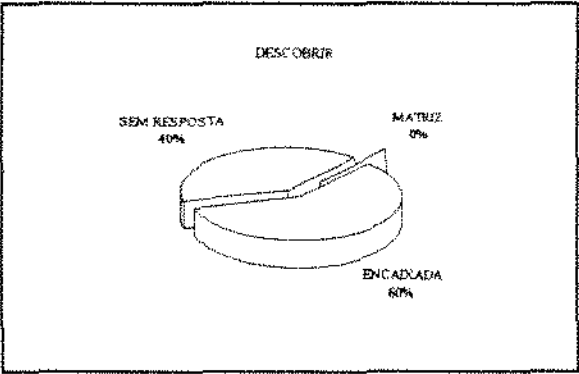


Gráfico XXXV

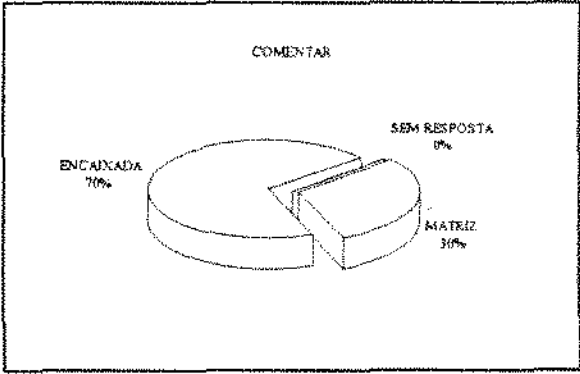


Gráfico XXXVI

EM QUE DIA

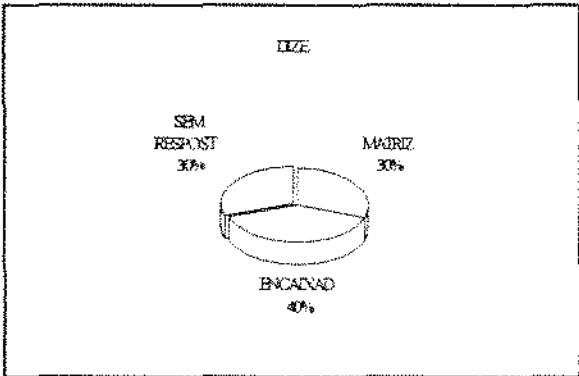


Gráfico XXXVII

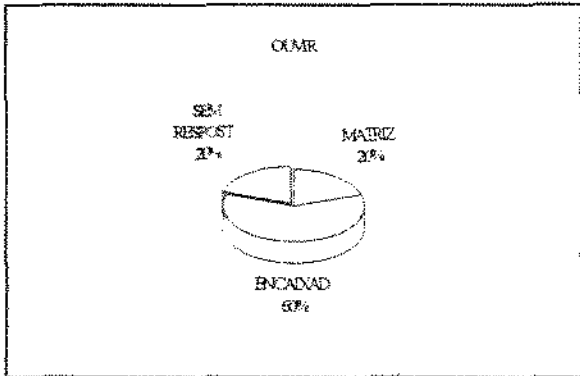


Gráfico XXXVIII

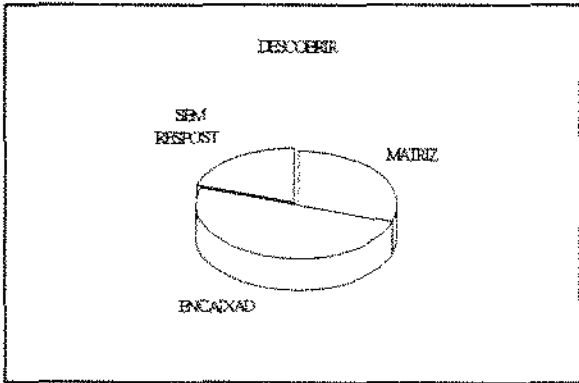


Gráfico XXXIX

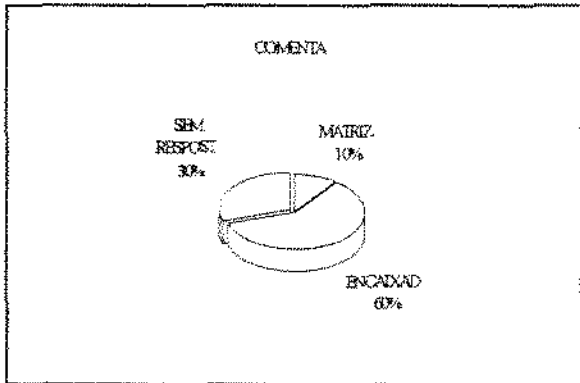


Gráfico XXXX

**DE QUE MODO**

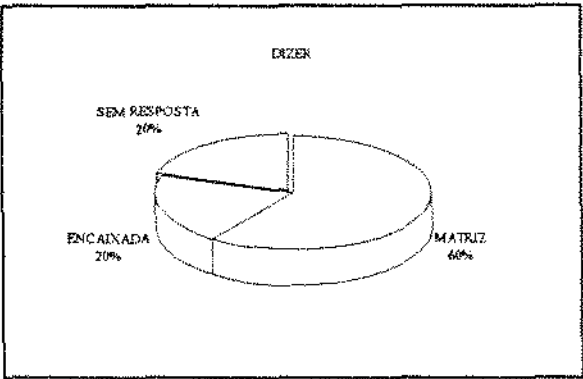


Gráfico XXXXI

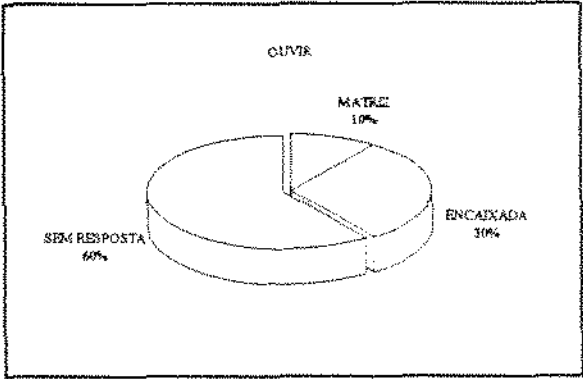


Gráfico XXXXII

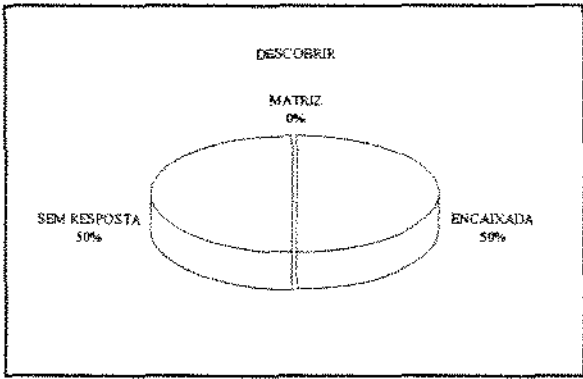


Gráfico XXXXIII

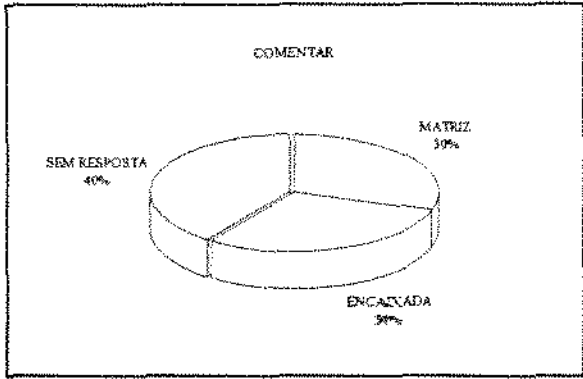


Gráfico XXXXIV

**POR QUAL MOTIVO**

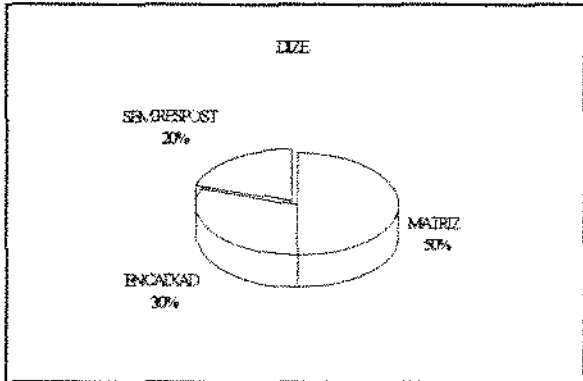


Gráfico XXXXV

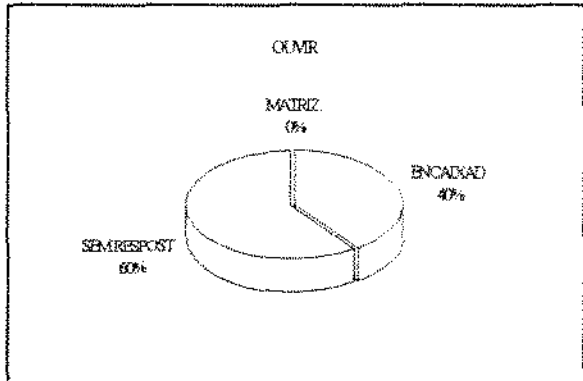


Gráfico XXXXVI

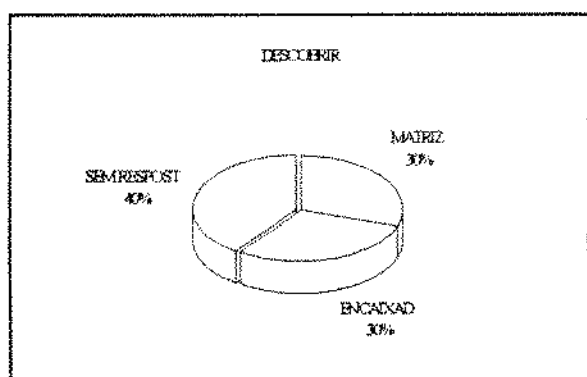


Gráfico XXXVII

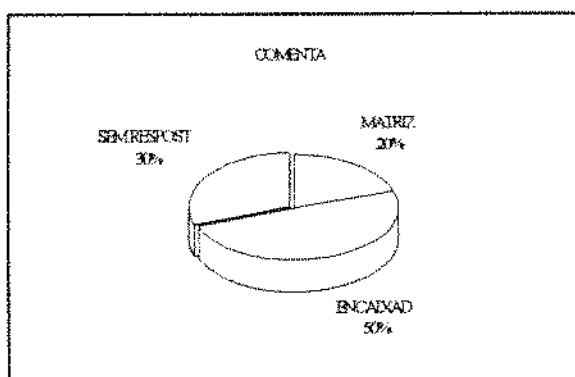


Gráfico XXXVIII

Como última etapa da quantificação dos dados, mostra-se o percentual de interpretação do Adito Q com a sentença encaixada - de maior relevância para esse estudo - desprezando-se a divisão primeira/segunda resposta.

### ONDE

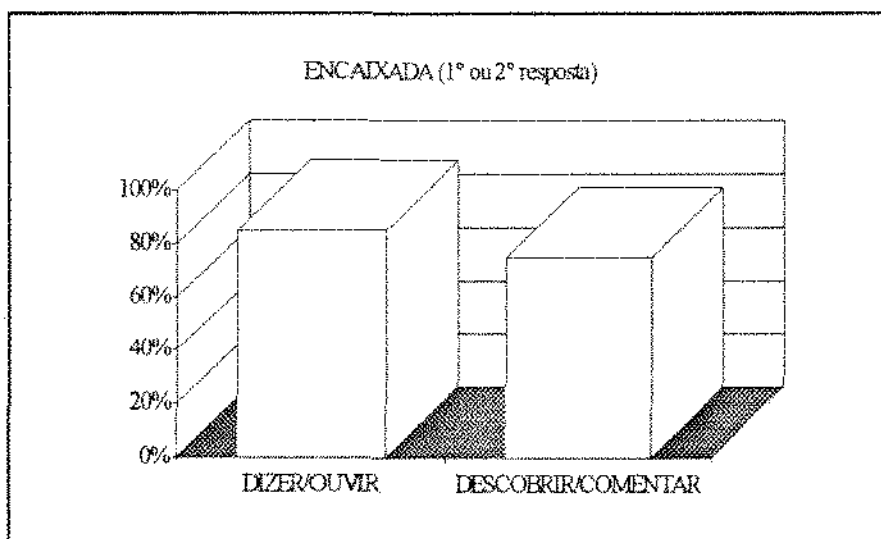


Gráfico XXXIX

QUANDO

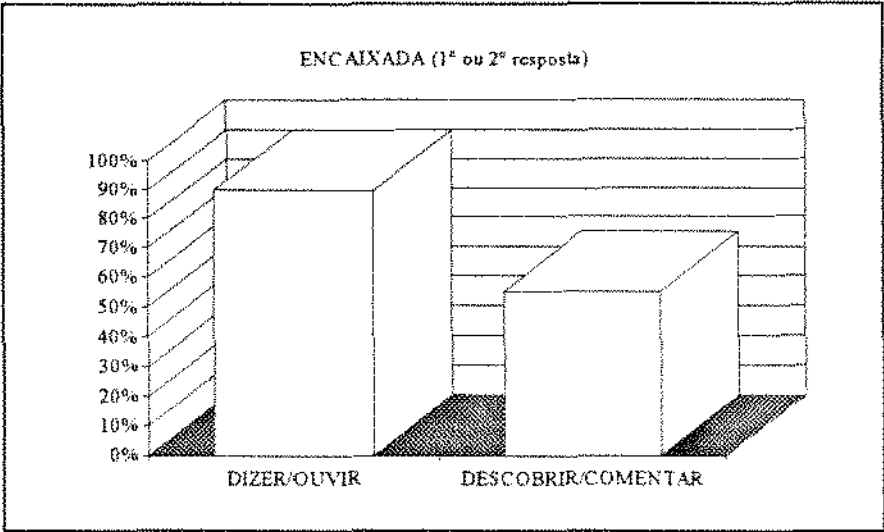


Gráfico L

COMO

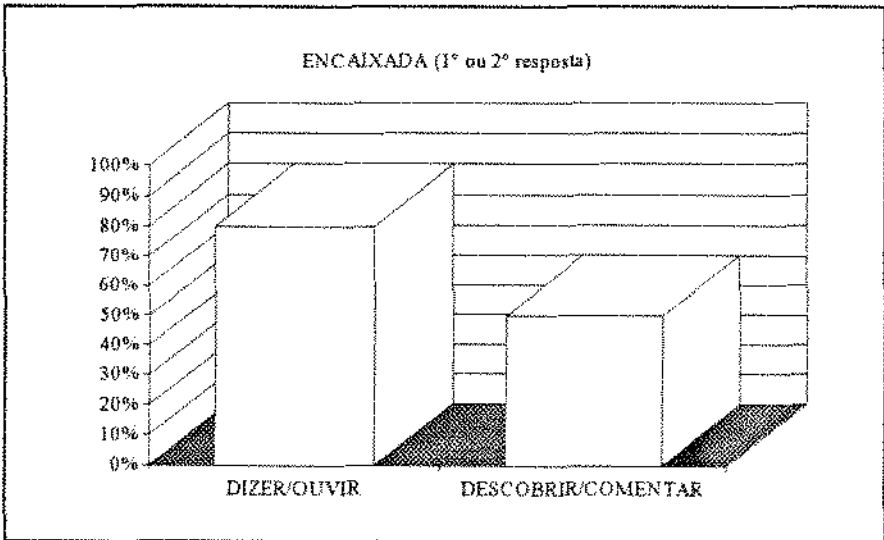


Gráfico LI



**POR QUE**

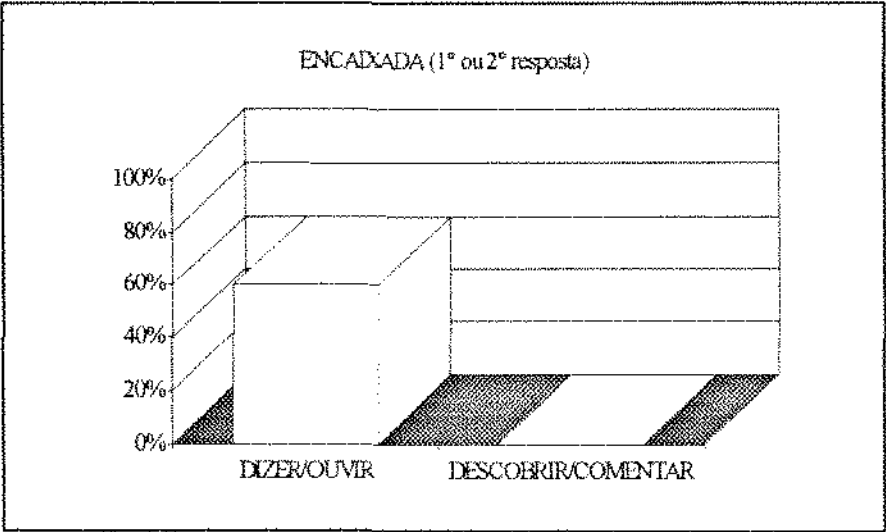


Gráfico LII

**EM QUE LUGAR**

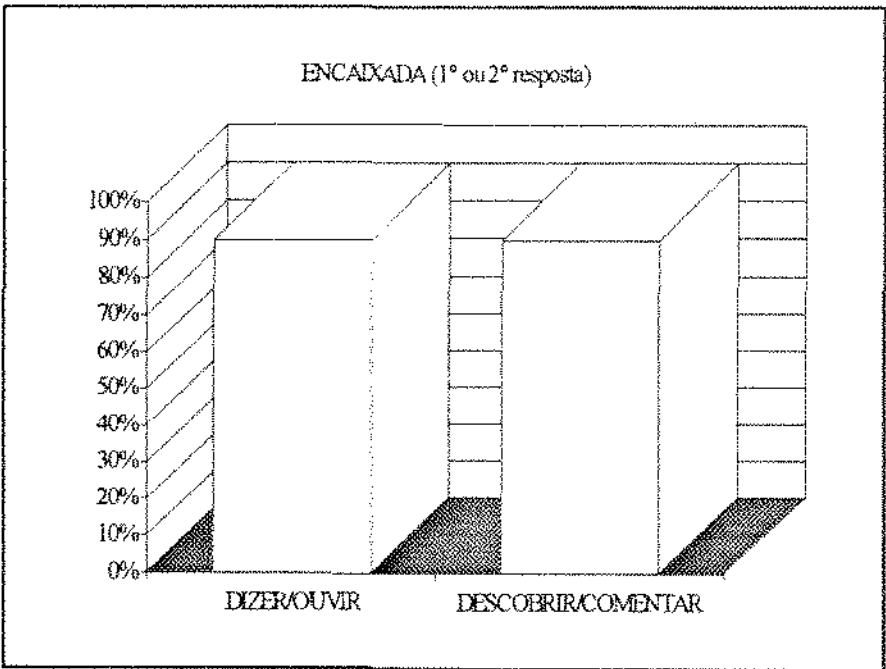


Gráfico LIII

**EM QUE DIA**

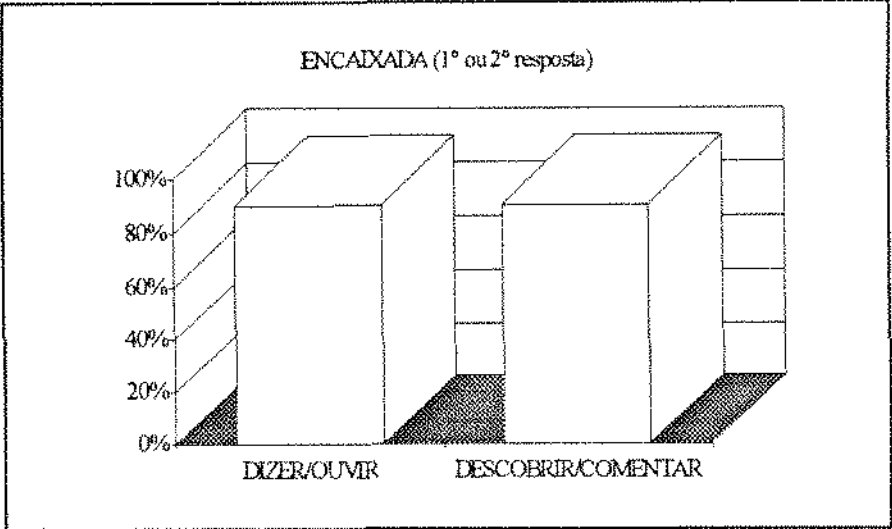


Gráfico LIV

**DE QUE MODO**

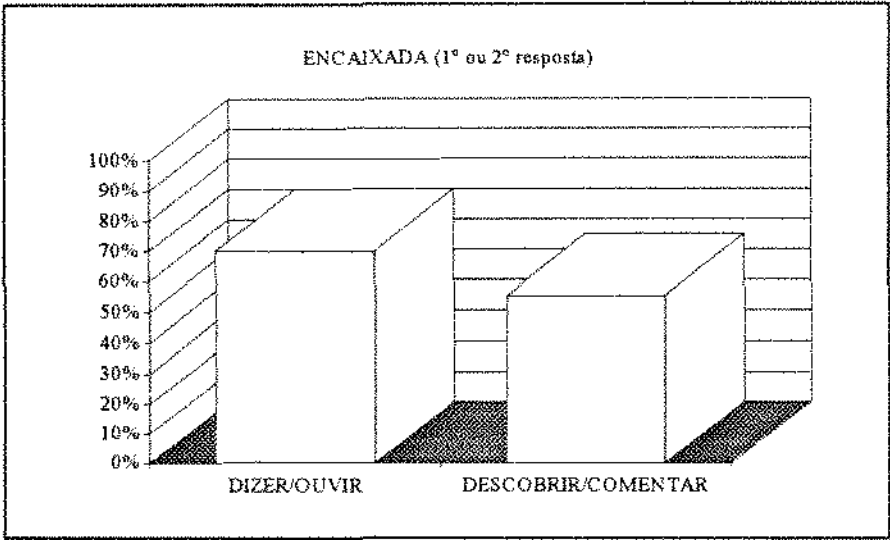
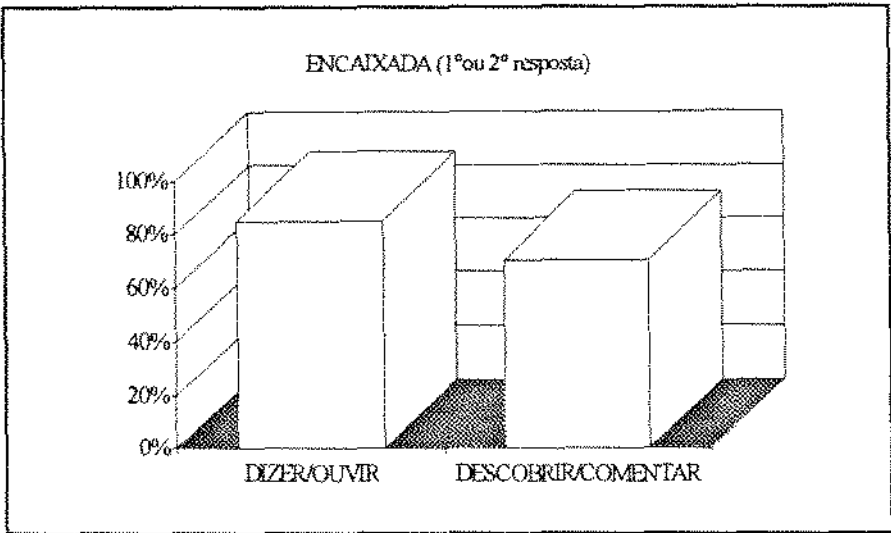


Gráfico LV

**POR QUAL MOTIVO**

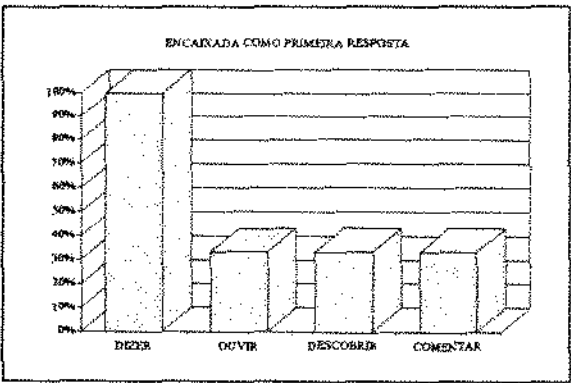


**Gráfico LVI**

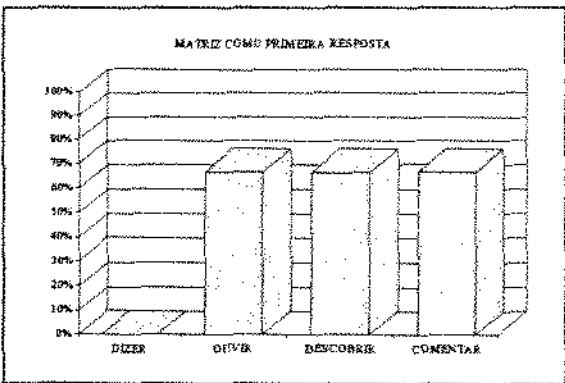
Já foi salientado que o número de informantes em língua inglesa não é o suficiente para se tirar qualquer conclusão a respeito dos dados, mas é aqui visto como uma amostragem. É desse modo que se pretende apresentar os gráficos referentes aos questionários em língua inglesa equivalentes aos acima expostos para a língua portuguesa.

A primeira sequência de gráficos diz respeito à primeira resposta fornecida pelo informante.

**WHERE**

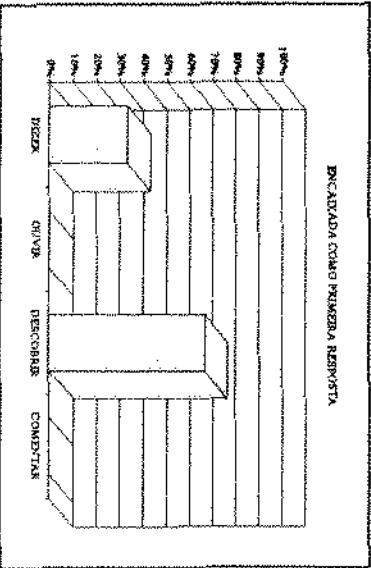


**Gráfico LVII**

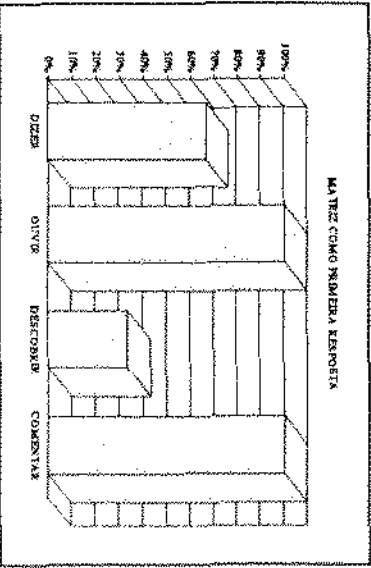


**Gráfico LVIII**

**WHEN**

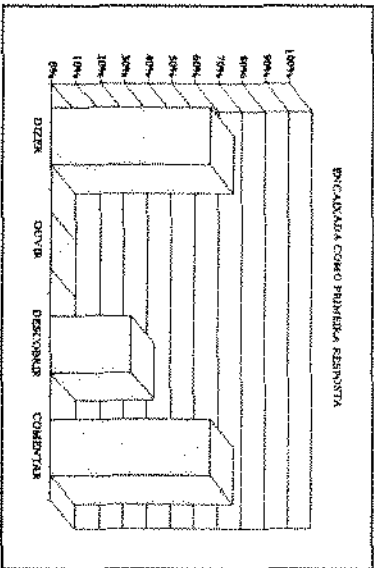


**Gráfico LX**

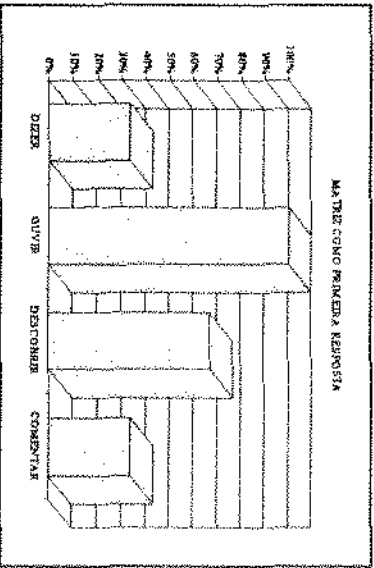


**Gráfico LX**

**HOW**

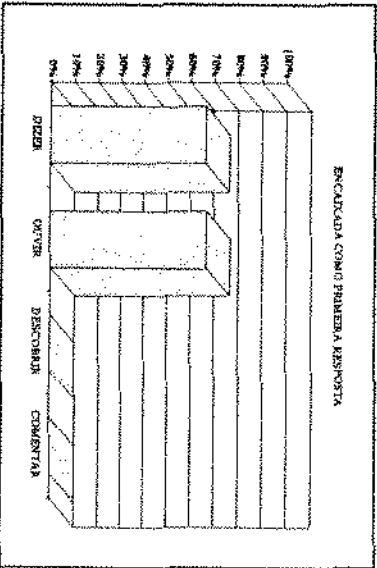


**Gráfico LXI**

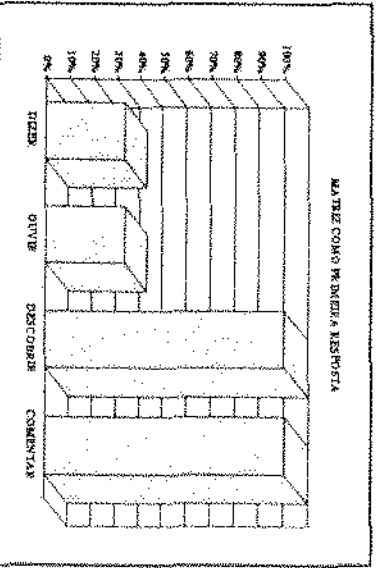


**Gráfico LXII**

**WHY**



**Gráfico LXIII**



**Gráfico LXIV**

## IN WHAT PLACE

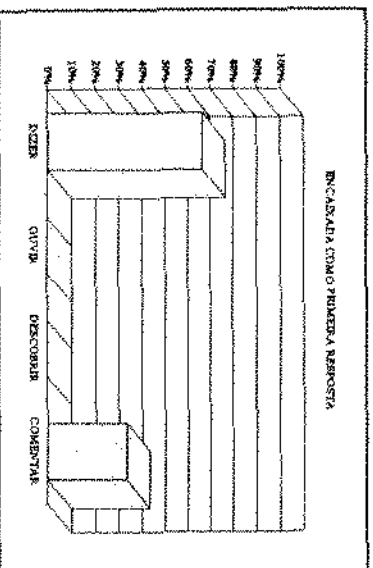


Gráfico LXV

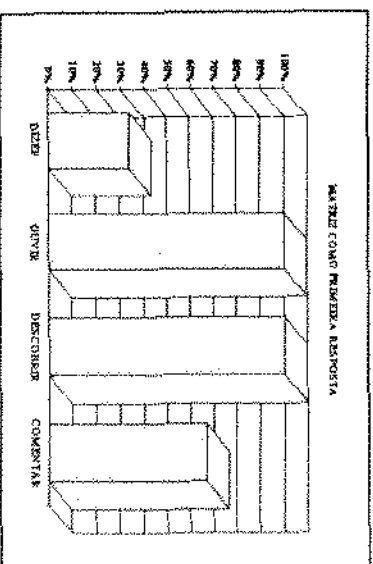


Gráfico LXVI

## ON WHAT DAY

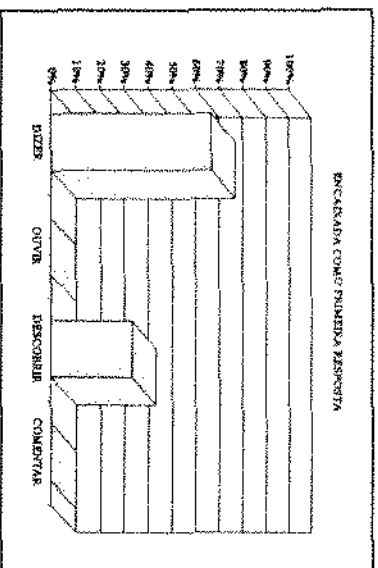


Gráfico LXVII

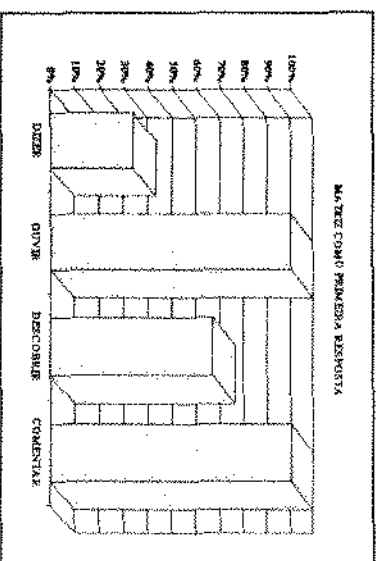


Gráfico LXVIII

## IN WHAT WAY

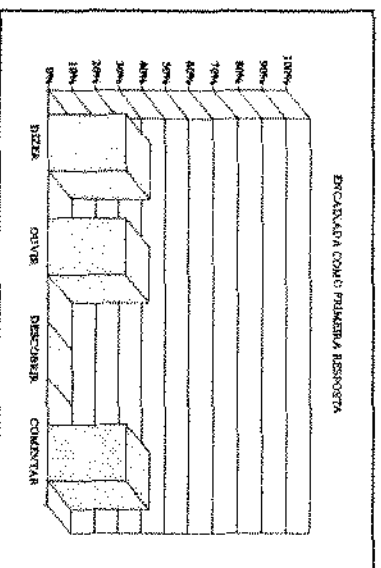


Gráfico LXIX

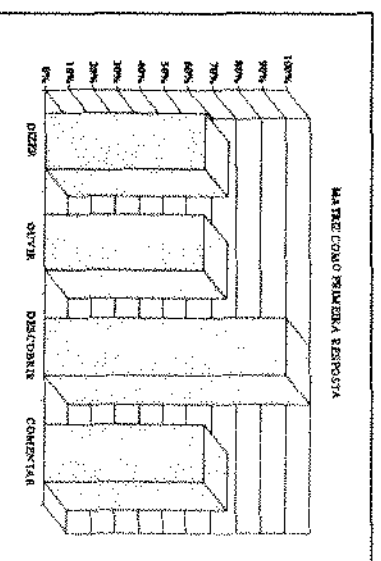


Gráfico LXX

**FOR WHAT REASON**

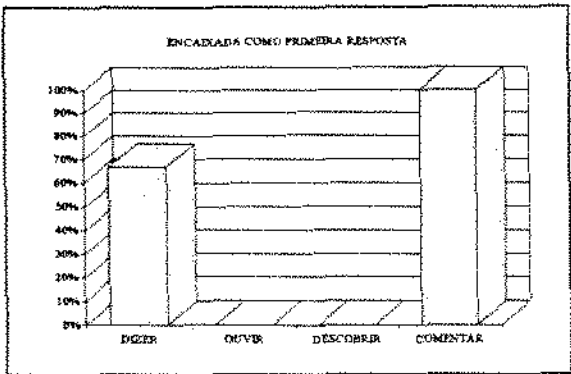


Gráfico LXXI

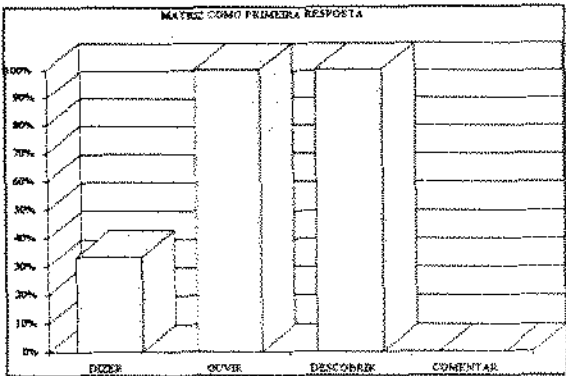


Gráfico LXXII

A seguir os gráficos relativos à segunda resposta fornecida pelos informantes de língua inglesa.

**WHERE**

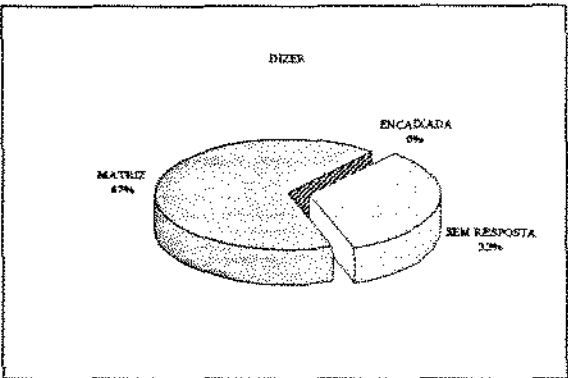


Gráfico LXXIII

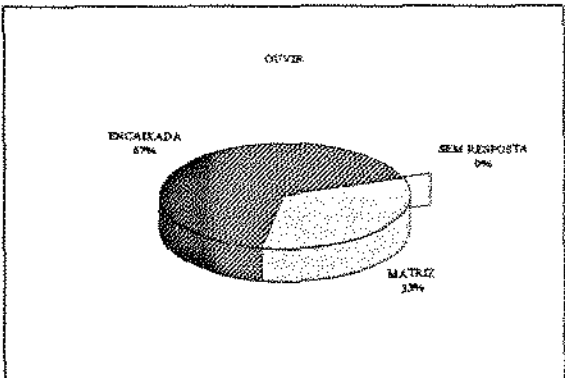


Gráfico LXXIV

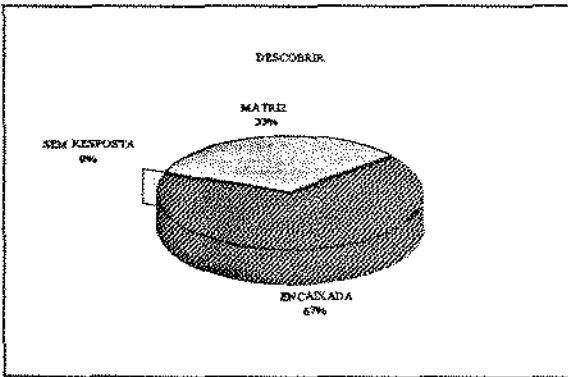


Gráfico LXXV

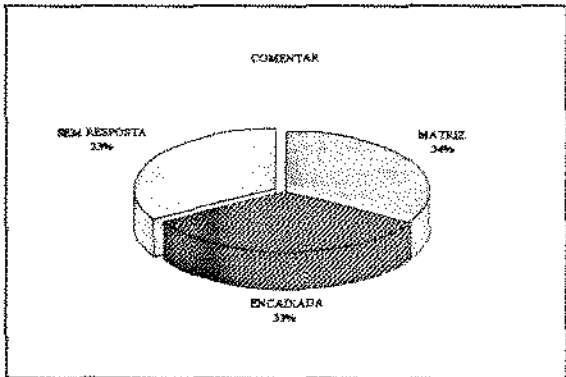


Gráfico LXXVI

**WHEN**

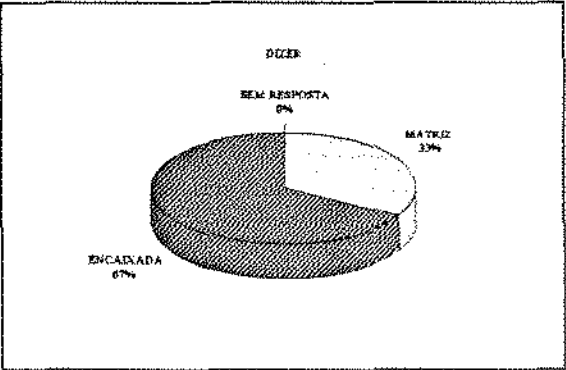


Gráfico LXXVII

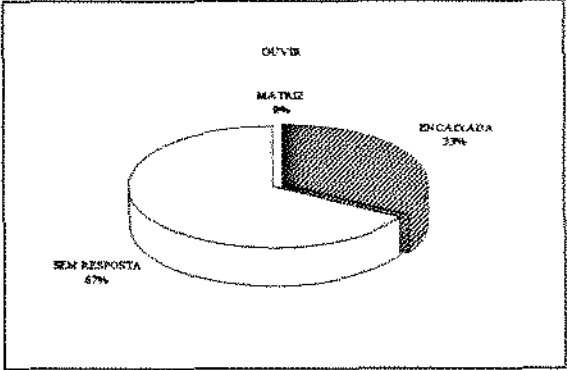


Gráfico LXXVIII

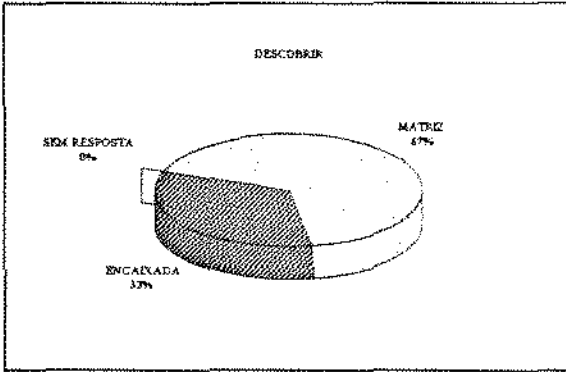


Gráfico LXXIX

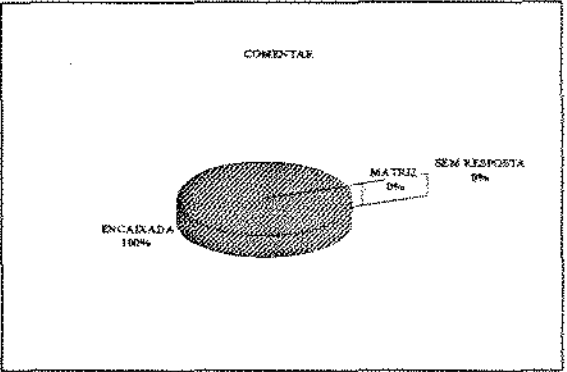


Gráfico LXXX

**HOW**

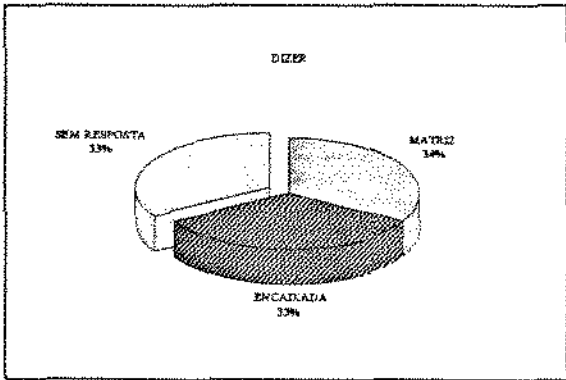


Gráfico LXXXI

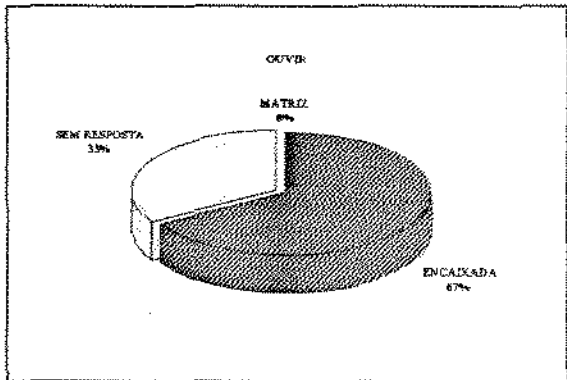


Gráfico LXXXII

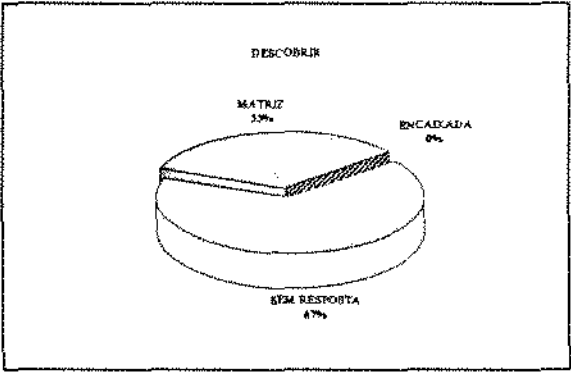


Gráfico LXXXIII

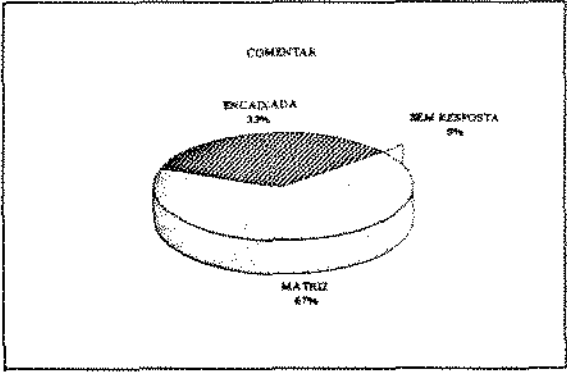


Gráfico LXXXIV

WHY

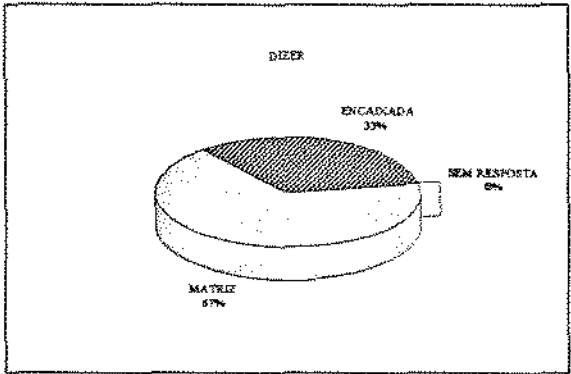


Gráfico LXXXV

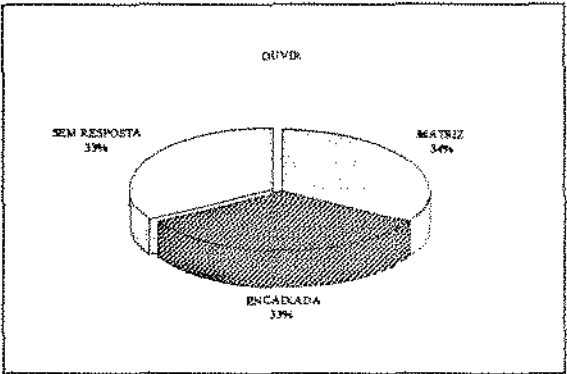


Gráfico LXXXVI

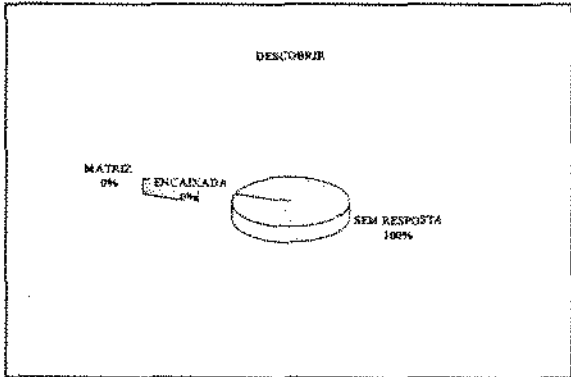


Gráfico LXXXVII

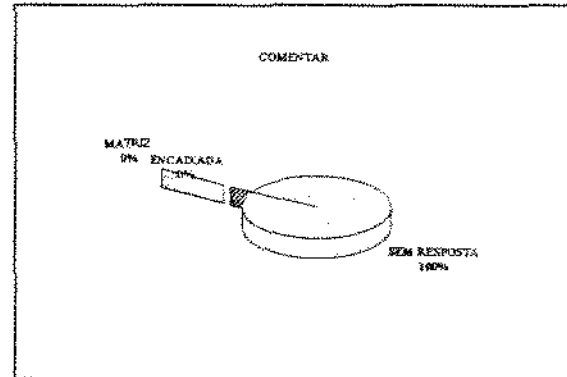


Gráfico LXXXVIII



IN WHAT PLACE

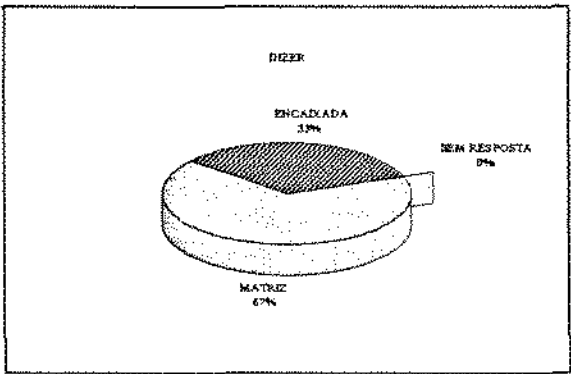


Gráfico LXXXIX

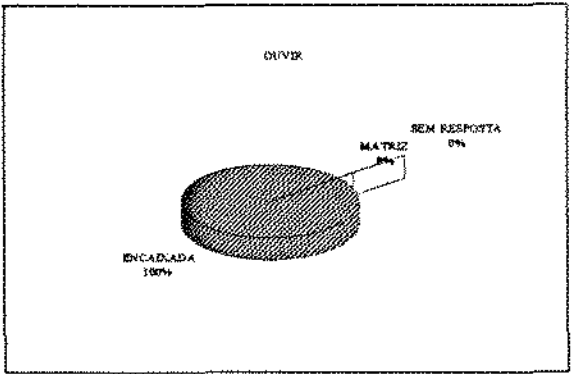


Gráfico LXXXX

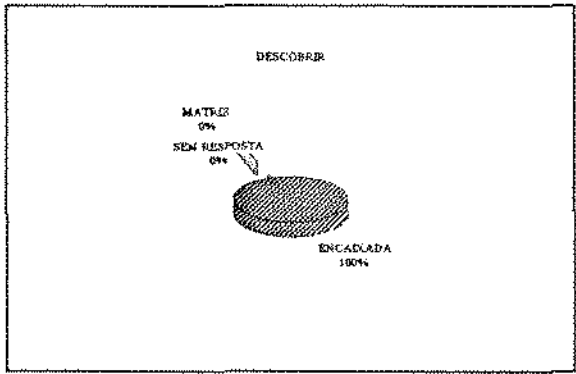


Gráfico LXXXXI

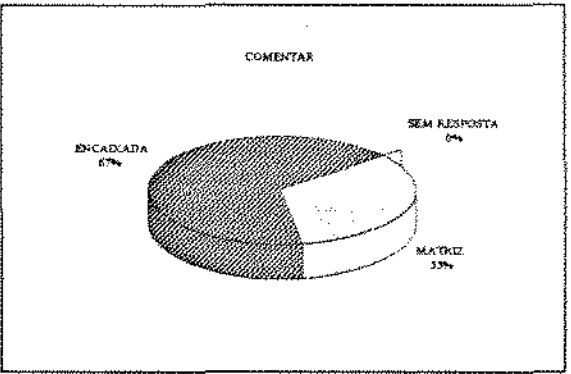


Gráfico LXXX XII

ON WHAT DAY

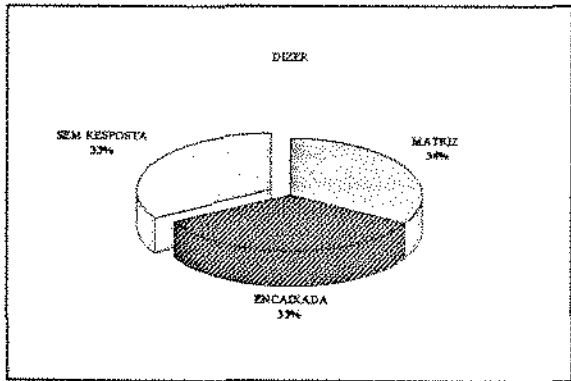


Gráfico LXXX XIII

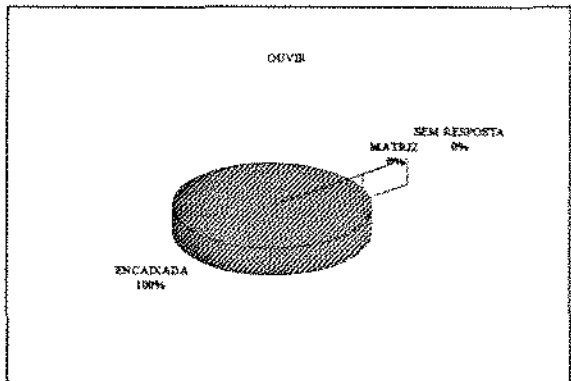


Gráfico LXXX XIV

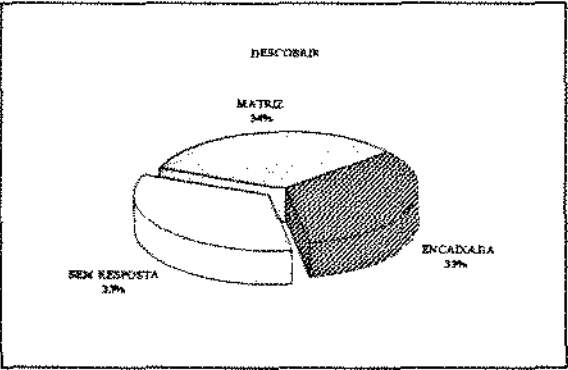


Gráfico LXXXV

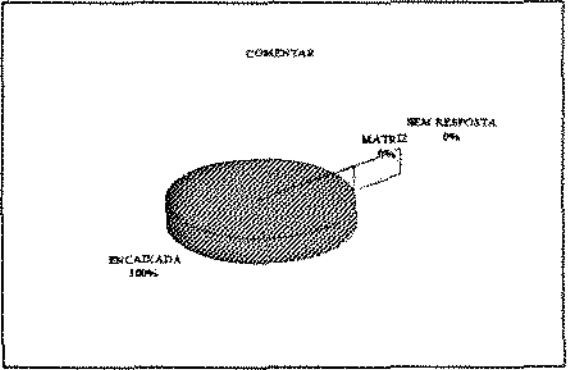


Gráfico LXXXVI

IN WHAT WAY

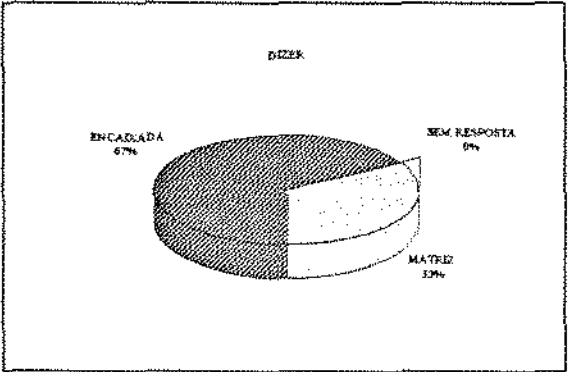


Gráfico LXXXVII

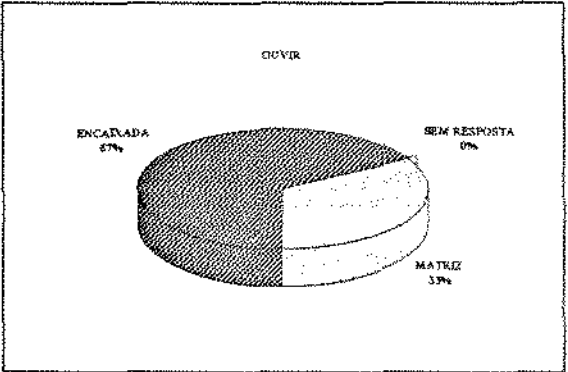


Gráfico LXXXVIII

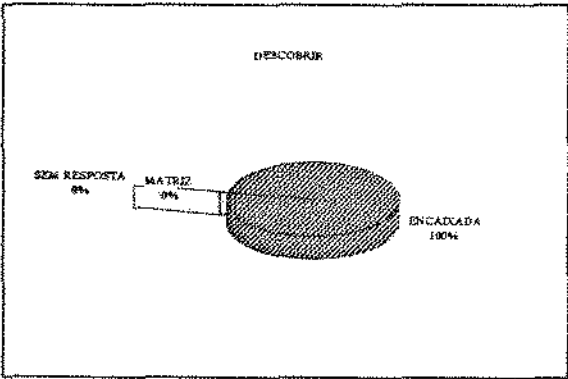


Gráfico LXXXIX

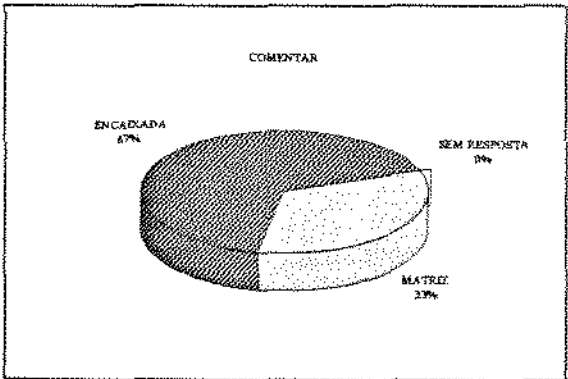


Gráfico C

**FOR WHAT REASON**

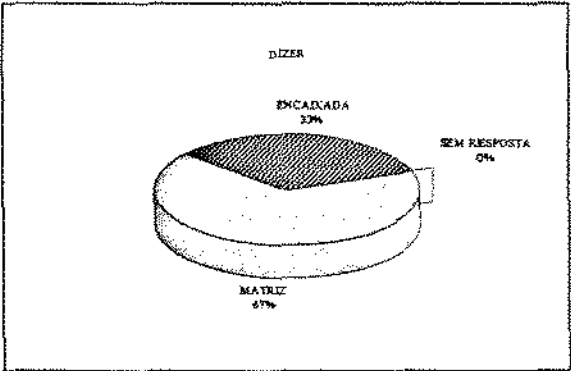


Gráfico CI

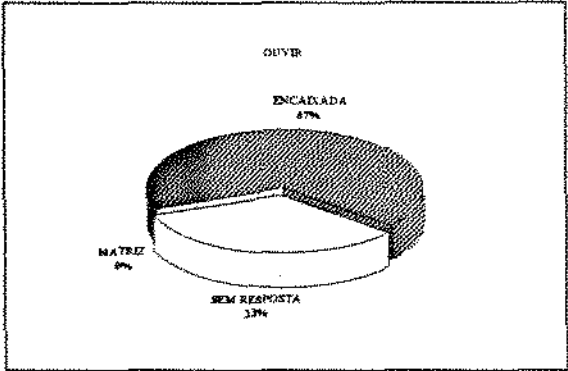


Gráfico CII

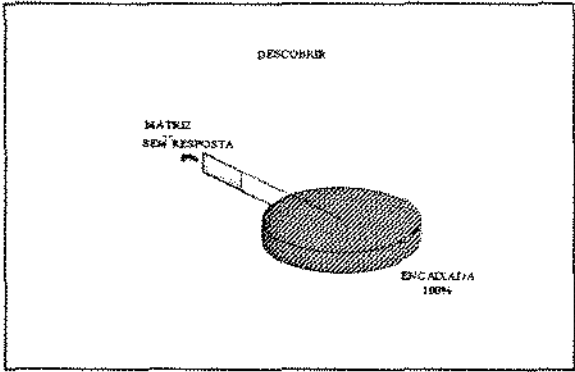


Gráfico CIII

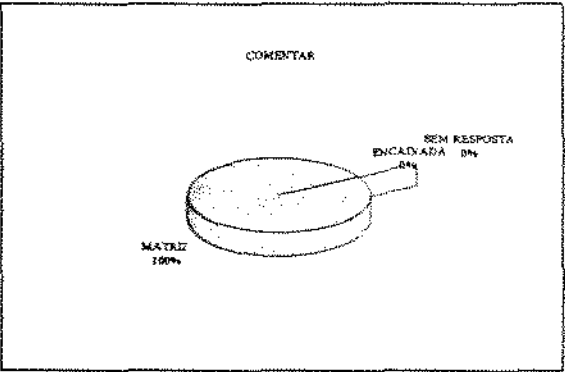
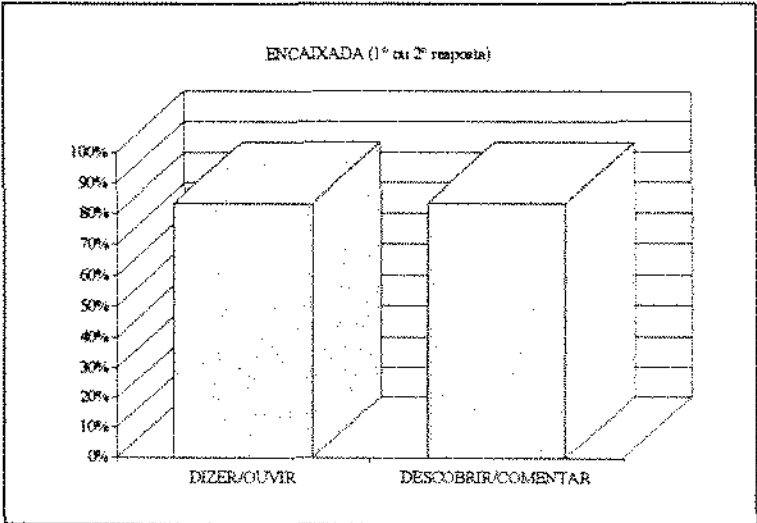


Gráfico CIV

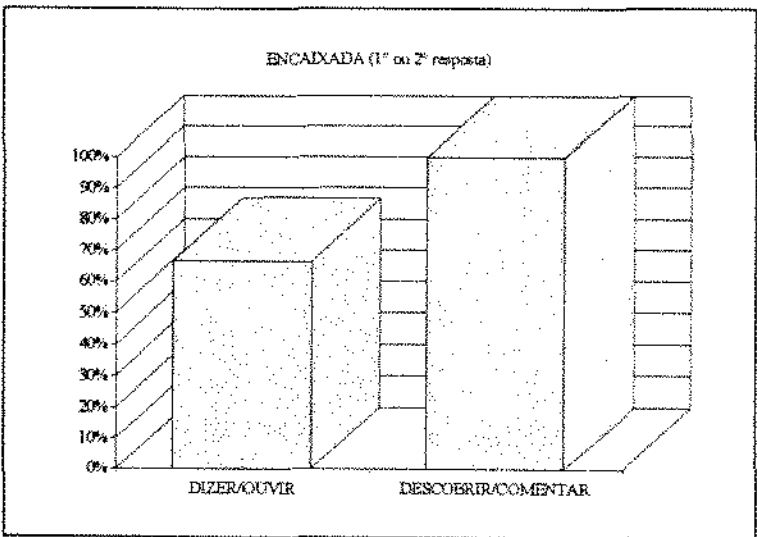
Abaixo os gráficos relativos à interpretação do Adjto Q com a sentença encaixada, onde se releva a ordem em que a resposta foi fornecida.

**WHERE**



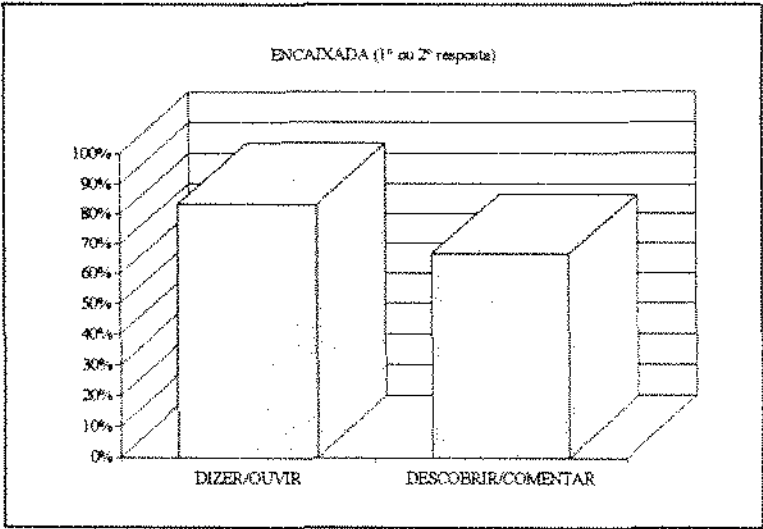
**Gráfico CV**

**WHEN**



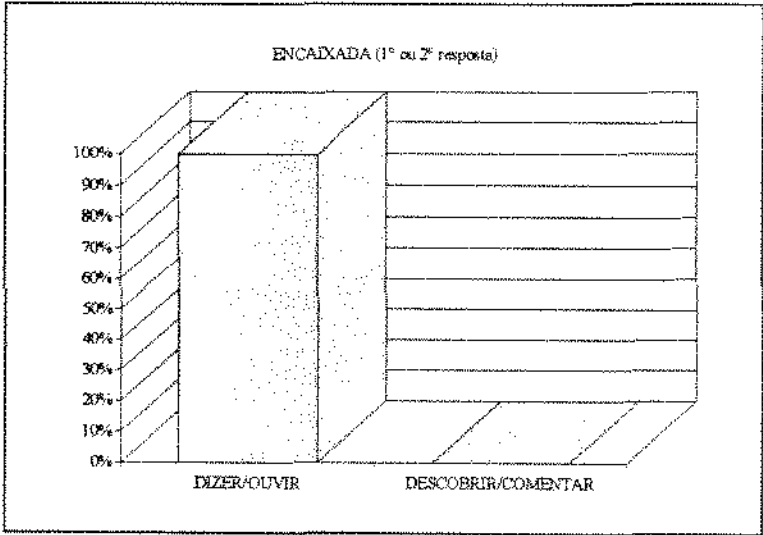
**Gráfico CVI**

**HOW**



**Gráfico CVII**

**WHY**



**Gráfico CVIII**

IN WHAT PLACE

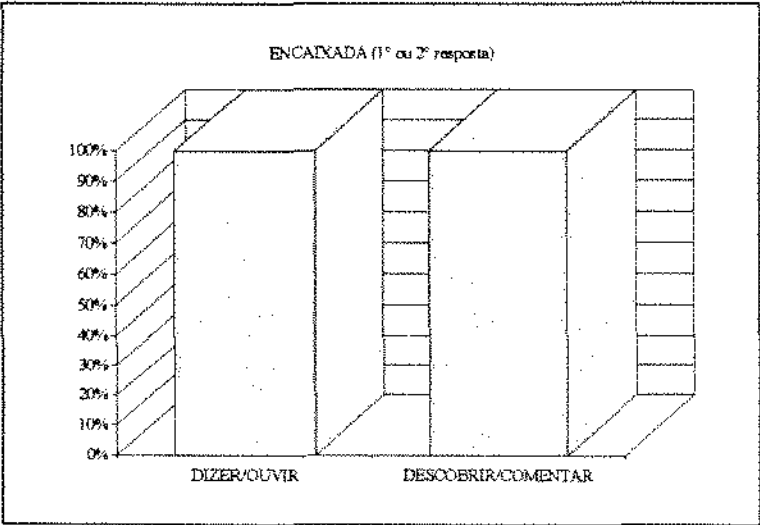


Gráfico CIX

ON WHAT DAY

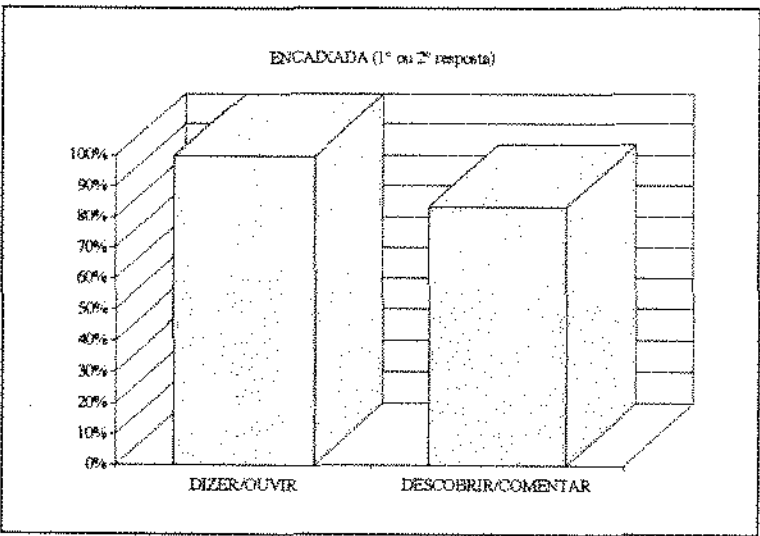


Gráfico CX

IN WHAT WAY

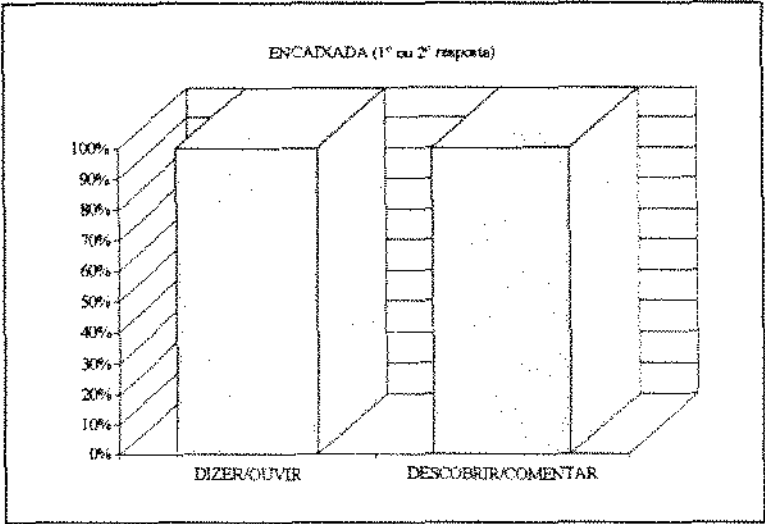


Gráfico CXI

FOR WHAT REASON

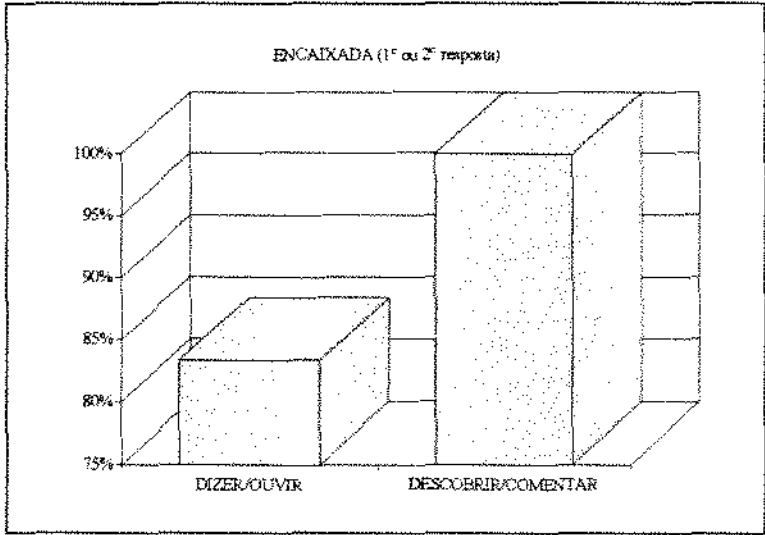


Gráfico CXII

## **ANEXOS**



## QUESTIONÁRIOS

Apresentam-se a seguir os questionários utilizados na testagem.

### QUESTIONÁRIO # 1

Na sentença *Pedro viu o menino do morro*, podemos imaginar que Pedro estava no morro e viu o menino ou que Pedro tenha visto o menino que mora no morro.

Dê mais de uma resposta às perguntas abaixo, se possível. Algumas delas podem apresentar mais de uma interpretação, conforme o exemplo acima.

1. Onde você disse que a Maria comprou o presente?
2. Quem você descobriu que o Pedro levou no carro?
3. De que cidade você comentou que a Paula telefonou ao namorado?
4. Em que dia você descobriu que o Carlos viu a peça?
5. Com que carro você disse que a Maria viajou a Bauru?
6. Como você ouviu que o Pedro aplicou o dinheiro?
7. O que você disse que a Maria guardou no bolso?
8. Por qual motivo você comentou que o Roberto brigou com a Paula?
9. Para quem você descobriu que o Paulo conseguiu o dinheiro?
10. Que cidades você comentou que a Ana visitou com o Felipe?
11. De que modo você disse que o Marcos consertou o carro?
12. Para que você disse que o Pedro comprou uma arma?
13. Que amigos você descobriu que o Paulo convidou para a festa?
14. Por que você descobriu que a Rita fugiu de casa?
15. Para qual amigo você descobriu que a Rita mandou a carta?
16. Em que lugar você ouviu que o Paulo assistiu ao show?
17. Para quem você descobriu que o Beto deixou a herança?
18. Com quem você comentou que o Marcos deixou a filha?
19. Quando você comentou que o Carlos bateu o carro?
20. Com o que você descobriu que o assassino matou a criança?

Nome(iniciais somente): \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Obrigada!

## QUESTIONÁRIO # 2

Na sentença *Pedro viu o menino do morro*, podemos imaginar que Pedro estava no morro e viu o menino ou que Pedro tenha visto o menino que mora no morro.

Dê mais de uma resposta às perguntas abaixo, se possível. Algumas delas podem apresentar mais de uma interpretação, conforme o exemplo acima.

1. Onde você comentou que a Maria comprou o presente?
2. Quem você descobriu que o Pedro levou no carro?
3. De que cidade você comentou que a Paula telefonou ao namorado?
4. Em que dia você disse que o Carlos viu a peça?
5. Com que carro você disse que a Maria viajou a Bauru?
6. Como você descobriu que o Pedro aplicou o dinheiro?
7. O que você disse que a Maria guardou no bolso?
8. Por qual motivo você ouviu que o Roberto brigou com a Paula?
9. Para quem você descobriu que o Paulo conseguiu o dinheiro?
10. Que cidades você comentou que a Ana visitou com o Felipe?
11. De que modo você comentou que o Marcos consertou o carro?
12. Para que você disse que o Pedro comprou uma arma?
13. Que amigos você descobriu que o Paulo convidou para a festa?
14. Por que você disse que a Rita fugiu de casa?
15. Para qual amigo você descobriu que a Rita mandou a carta?
16. Em que lugar você descobriu que o Paulo assistiu ao show?
17. Para quem você descobriu que o Beto deixou a herança?
18. Com quem você comentou que o Marcos deixou a filha?
19. Quando você ouviu que o Carlos bateu o carro?
20. Com o que você descobriu que o assassino matou a criança?

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Obrigada!

### QUESTIONÁRIO # 3

Na sentença *Pedro viu o menino do morro*, podemos imaginar que Pedro estava no morro e viu o menino ou que Pedro tenha visto o menino que mora no morro.

Dê mais de uma resposta às perguntas abaixo, se possível. Algumas delas podem apresentar mais de uma interpretação, conforme o exemplo acima.

1. Onde você ouviu que a Maria comprou o presente?
2. Quem você descobriu que o Pedro levou no carro?
3. De que cidade você comentou que a Paula telefonou ao namorado?
4. Em que dia você comentou que o Carlos viu a peça?
5. Com que carro você disse que a Maria viajou a Bauru?
6. Como você disse que o Pedro aplicou o dinheiro?
7. O que você disse que a Maria guardou no bolso?
8. Por qual motivo você descobriu que o Roberto brigou com a Paula?
9. Para quem você descobriu que o Paulo conseguiu o dinheiro?
10. Que cidades você comentou que a Ana visitou com o Felipe?
11. De que modo você ouviu que o Marcos consertou o carro?
12. Para que você disse que o Pedro comprou uma arma?
13. Que amigos você descobriu que o Paulo convidou para a festa?
14. Por que você comentou que a Rita fugiu de casa?
15. Para qual amigo você descobriu que a Rita mandou a carta?
16. Em que lugar você disse que o Paulo assistiu ao show?
17. Para quem você descobriu que o Beto deixou a herança?
18. Com quem você comentou que o Marcos deixou a filha?
19. Quando você descobriu que o Carlos bateu o carro?
20. Com o que você descobriu que o assassino matou a criança?

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Obrigada!

#### QUESTIONÁRIO # 4

Na sentença *Pedro viu o menino do morro*, podemos imaginar que Pedro estava no morro e viu o menino ou que Pedro tenha visto o menino que mora no morro.

Dê mais de uma resposta às perguntas abaixo, se possível. Algumas delas podem apresentar mais de uma interpretação, conforme o exemplo acima.

1. Onde você descobriu que a Maria comprou o presente?
2. Quem você descobriu que o Pedro levou no carro?
3. De que cidade você comentou que a Paula telefonou ao namorado?
4. Em que dia você ouviu que o Carlos viu a peça?
5. Com que carro você disse que a Maria viajou a Bauru?
6. Como você comentou que o Pedro aplicou o dinheiro?
7. O que você disse que a Maria guardou no bolso?
8. Por qual motivo você disse que o Roberto brigou com a Paula?
9. Para quem você descobriu que o Paulo conseguiu o dinheiro?
10. Que cidades você comentou que a Ana visitou com o Felipe?
11. De que modo você descobriu que o Marcos consertou o carro?
12. Para que você disse que o Pedro comprou uma arma?
13. Que amigos você descobriu que o Paulo convidou para a festa?
14. Por que você ouviu que a Rita fugiu de casa?
15. Para qual amigo você descobriu que a Rita mandou a carta?
16. Em que lugar você comentou que o Paulo assistiu ao show?
17. Para quem você descobriu que o Beto deixou a herança?
18. Com quem você comentou que o Marcos deixou a filha?
19. Quando você disse que o Carlos bateu o carro?
20. Com o que você descobriu que o assassino matou a criança?

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Obrigada!

### QUESTIONNAIRE # 1

The sentence *Paul has seen the boy with a telescope* has two possible meanings. Either Paul used a telescope to see the boy or he saw a boy carrying a telescope.

Give more than one answer to the following questions, if possible. Some of them may suggest more than one meaning as the example above.

1. Where did you say Mary bought the present?
2. Whom did you find out that Peter took in the car?
3. From what city did you mention that Paul phoned to her boyfriend?
4. On what day did you find out that Carl saw the film?
5. With what car did you say that Mary traveled to Chicago?
6. How did you hear that Peter invested the money?
7. What did you say that Mary carried in her purse?
8. For what reason did you mention that Bob quarreled with Susan?
9. For whom did you find out that Paul got the money?
10. What cities did you mention that Ann visited with Philip?
11. In what way did you say that Mark fixed the car?
12. For what did you say that Peter bought a gun?
13. What friends did you find out that Paul invited to the party?
14. Why did you find out that Rita ran away from home?
15. To what friend did you find out that Rita sent a letter?
16. In what place did you hear that Paul saw the show?
17. To whom did you find out that Bert left an inheritance?
18. To whom did you mention that Mark left the daughter?
19. When did you mention that Carl bumped the car?
20. With what did you find out that the assassin killed the child?

Name (initials only): \_\_\_\_\_ Age: \_\_\_\_\_ Occupation: \_\_\_\_\_

Thanks a lot!

## QUESTIONNAIRE # 2

The sentence *Paul has seen the boy with a telescope* has two possible meanings. Either Paul used a telescope to see the boy or he saw a boy carrying a telescope.

Give more than one answer to the following questions, if possible. Some of them may suggest more than one meaning as the example above.

1. Where did you mention that Mary bought the present?
2. Whom did you find out that Peter took in the car?
3. From what city did you mention that Paul phoned to her boyfriend?
4. On what day did you say Carl saw the film?
5. With what car did you say that Mary traveled to Chicago?
6. How did you find out that Peter invested the money?
7. What did you say that Mary carried in her purse?
8. For what reason did you hear that Bob quarreled with Susan?
9. For whom did you find out that Paul got the money?
10. What cities did you mention that Ann visited with Philip?
11. In what way did you mention that Mark fixed the car?
12. For what did you say that Peter bought a gun?
13. What friends did you find out that Paul invited to the party?
14. Why did you say Rita ran away from home?
15. To what friend did you find out that Rita sent a letter?
16. In what place did you find out that Paul saw the show?
17. To whom did you find out that Bert left an inheritance?
18. To whom did you mention that Mark left the daughter?
19. When did you hear that Carl bumped the car?
20. With what did you find out that the assassin killed the child?

Name (initials only): \_\_\_\_\_ Age: \_\_\_\_\_ Occupation: \_\_\_\_\_

Thanks a lot!

### QUESTIONNAIRE # 3

The sentence *Paul has seen the boy with a telescope* has two possible meanings. Either Paul used a telescope to see the boy or he saw a boy carrying a telescope.

Give more than one answer to the following questions, if possible. Some of them may suggest more than one meaning as the example above.

1. Where did you hear that Mary bought the present?
2. Whom did you find out that Peter took in the car?
3. From what city did you mention that Paul phoned to her boyfriend?
4. On what day did you comment Carl saw the film?
5. With what car did you say that Mary traveled to Chicago?
6. How did you say Peter invested the money?
7. What did you say that Mary carried in her purse?
8. For what reason did you find out that Bob quarreled with Susan?
9. For whom did you find out that Paul got the money?
10. What cities did you mention that Ann visited with Philip?
11. In what way did you hear that Mark fixed the car?
12. For what did you say that Peter bought a gun?
13. What friends did you find out that Paul invited to the party?
14. Why did you mention that Rita ran away from home?
15. To what friend did you find out that Rita sent a letter?
16. In what place did you say Paul saw the show?
17. To whom did you find out that Bert left an inheritance?
18. To whom did you mention that Mark left the daughter?
19. When did you find out that Carl bumped the car?
20. With what did you find out that the assassin killed the child?

Name (initials only): \_\_\_\_\_ Age: \_\_\_\_\_ Occupation: \_\_\_\_\_

Thanks a lot!

#### QUESTIONNAIRE # 4

The sentence *Paul has seen the boy with a telescope* has two possible meanings. Either Paul used a telescope to see the boy or he saw a boy carrying a telescope.

Give more than one answer to the following questions, if possible. Some of them may suggest more than one meaning as the example above.

1. Where did you find out that Mary bought the present?
2. Whom did you find out that Peter took in the car?
3. From what city did you mention that Paul phoned to her boyfriend?
4. On what day did you hear that Carl saw the film?
5. With what car did you say that Mary traveled to Chicago?
6. How did you mention that Peter invested the money?
7. What did you say that Mary carried in her purse?
8. For what reason did you say Bob quarreled with Susan?
9. For whom did you find out that Paul got the money?
10. What cities did you mention that Ann visited with Philip?
11. In what way did you find out that Mark fixed the car?
12. For what did you say that Peter bought a gun?
13. What friends did you find out that Paul invited to the party?
14. Why did you hear that Rita ran away from home?
15. To what friend did you find out that Rita sent a letter?
16. In what place did you mention that Paul saw the show?
17. To whom did you find out that Bert left an inheritance?
18. To whom did you mention that Mark left the daughter?
19. When did you say Carl bumped the car?
20. With what did you find out that the assassin killed the child?

Name (initials only): \_\_\_\_\_ Age: \_\_\_\_\_ Occupation: \_\_\_\_\_

Thanks a lot!



## REFERÊNCIAS

- AOUN, J. A grammar of anaphora. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- AOUN, J. Generalized Binding. Foris, Dordrecht, 1986.
- AOUN, J.; HORNSTEIN, N.; LIGHTFOOT, D. & WEINBERG, A. "Two types of locality", L.I. 18. 537-77, 1987.
- BELLETTI, A. (1990) Generalized Verb-Movement, Cap. I, Rosenberg and Sellier, Torino.
- BOWER, G.H. & J.P. Clapper (1989) "Experimental methods in cognitive science", em M.I. Posner (ed.), Foundations of Cognitive Science. Cambridge, Mass.:The MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1957) Syntactic Structures, Mouton, The Hague.
- CHOMSKY, N. (1965) Aspects of the Theory of Syntax, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts. Tradução Portuguesa, Aspectos da Teoria Sintática, Arménio Amado, Coimbra, 1978 (2ª edição)
- CHOMSKY, N. (1973) "Conditions on Transformations", em Anderson, S.R. e P. Kiparsky (eds.), A Festschrift for Morris Halle, Holt, Reinhart and Winston, Inc., New York.
- CHOMSKY, N. (1977) "On Wh-Movement", em P. Culicover et alii (orgs.) Formal Syntax, New York, Academic Press, pp. 71-132.
- CHOMSKY, N. (1981) Lectures on Government and Binding. Dordrecht, Holanda, Foris.
- CHOMSKY, N. (1986a) Barriers, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1986b) Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use, Praeger, New York.
- CHOMSKY, N. (1992) "A minimalist program for Linguistic Theory". MIT Occasional Papers in Linguistics, MIT, Cambridge, Massachusetts.

- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1991). Principles and parameters theory. Manuscrito inédito, MIT.
- CINQUE, G. (1990) Types of A' Dependencies, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- DILLINGER, M. (1991). "Parsing Sintático". In: Boletim da Associação Brasileira de Linguística 13, 1992. São Paulo, SP.
- FARRELL, P. (1990) "Null Objects in Brazilian Portuguese", *The Linguistic Review* 8, pp. 325 - 346.
- FRAZIER, L.; C. Clifton & J. Randall (1983) "Decision principles and structure in sentence comprehension", *Cognition* 13, 187-222.
- GALVES, C. (1991) "Inflected Infinitive and AGR Licensing", Universidade de Campinas, mimeo.
- IATRIDOU, S. "About Agr(P)", *Linguistic Inquiry*, 21, 551-577.
- INHOFF, A. W. (1985) "The Effect of Factivity on Lexical Retrieval and Postlexical Processes During Eye Fixations in Reading", *Journal of Psycholinguistic Research*, 14:1, 45 - 56.
- JACKENDOFF, R. S. (1972) Semantic Interpretation in Generative Grammar, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- JACKENDOFF, R.S. (1977) X'-Syntax: a study of phrase structure, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- KATO, M. & M. Nascimento (1992) "A representação da estrutura sentencial do português e a posição dos aspectuais e quantificadores", *Anais do Encontro da ANPOLL*.
- KATO, M. (1993) "Word Order Change: the case of Brazilian Portuguese wh-questions", *International Congress of Historical Linguistics*, comunicação oral.
- KIPARSKY, P. & C. Kiparsky (1970) "Fact", em M. Bierwisch & K. Heidolph (eds.), Progress in Linguistics, Mouton, The Hague.

KOOPMAN, H. e D. Sportiche (1990) "The position of Subjects", University of California, Los Angeles.

KUNO, S. (1987) Functional Syntax. Anaphora, Discourse and Empathy. The University of Chicago Press. Chicago.

LASNIK, H. e M. Saito (1984) "On the Nature of Proper Government", Linguistic Inquiry, 15:2, 235-290.

LASNIK, H. e M. Saito (1992) Move a: Conditions on Its Application and Output, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

LASNIK, H. e J. Uriagereka (1988) GB Syntax: Lectures on Binding and Empty Categories. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

LEBEAUX, D. (1990) "The grammatical nature of the acquisition sequence: adjoin- $\alpha$  and the formation of relative clauses" em L. Frazier & J. de Villiers (eds.) Language processing and language acquisition, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, The Netherlands.

LIGHTFOOT, D. & WEINBERG, A. Review of Barriers. Language, 64:2, 1988.

LOBATO, M.L.P. (1986) Sintaxe Gerativa do português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação. Belo Horizonte, Vigília.

LOBATO, M.L.P. "O Princípio das Categorias Vazias: Evolução e Tendências". Delta, vol. 4, n. 2, 1988.

LOPES ROSSI, M.A.G. (1993) "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil", em: I. Roberts & M.A. Kato, Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica. São Paulo. Ed. da Unicamp.

MAY, R. (1985) Logical Form: Its Structure and Derivation, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

- MELVOLD, J. (1991) "Factivity and Definiteness", em L. Cheng & H. Termidash (eds.), MIT Working Papers in Linguistics, vol. 15, 97-117.
- OTSU, Y. (1981) Universal Grammar and Syntactic Development in children: toward a theory of syntactic development, tese de doutoramento, MIT.
- OLIVEIRA, M. (1992) "Os complementos infinitivais e gerundivos dos verbos de percepção", Universidade de Campinas, mimeo.
- PASSOS, C. & PASSOS, M. E. (1990). Princípios de uma Gramática Modular. São Paulo: Contexto.
- PESETSKY, D. (1987) "Wh-in Situ: Movement and Unselective Binding", em Reuland, E. J. e A. G. B. ter Meulen (eds.)
- POLLOCK, J. Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP", Linguistic Inquiry, 20:3, 365-424.
- RAPOSO, E. (1987) "Case Theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese", Linguistic Inquiry, 19:1, 95-110.
- RAPOSO, E. P. (1992) Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem. Ed. Caminho, Lisboa, Portugal.
- RIEMSDIJK, H. van & E. Williams (1980) "NP Structure", The Linguistic Review, 1:1.
- RIZZI, L. (1990) Relativized Minimality, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- ROSS, J. R. (1967) Constraints on Variables in Syntax, Dissertação de PhD, MIT.
- SHAPIRO, L.; E. Zurif & J. Grimshaw (1987) "Sentence processing and the mental representations of verbs", Cognition 27, 219-246.
- SPORTICHE, D. (1988) "A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure", Linguistic Inquiry, 19:3, 425-450.

VILLIERS, J., T. Roeper & A. Vainikka (1990) "The Acquisition of Long-Distance Rules", em  
Frazier, L. & J. de Villiers (eds.), Language Processing and Language Acquisition, Kluwer  
Academic Publishers. Netherland